

*Homem: o local onde
Deus habita*

AWW.

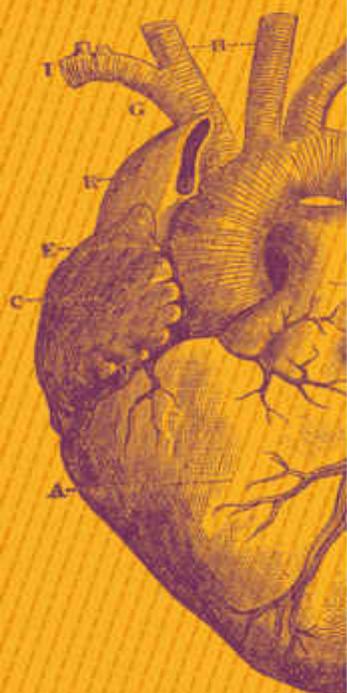
TO

ZER

UNITED PRESS



UM SELO EDITORIAL, MAGNOS



Homem: *o local onde*
Deus habita

*Homem: o local onde
Deus habita*

A.W.
TO
ZER

©2019 This book was first published in the United States by Moody Publishers, 820 N. LaSalle Blvd., Chicago, IL 60610 with the title *Man: The Dwelling Place of God*, copyright © 1966, revised edition 1997 by The Moody Bible Institute of Chicago. Translated by permission. All rights reserved. © 2020 Editora Hagnos Ltda – Portuguese Edition

Tradução:

Paulo Santos ([capítulo 1](#) ao [9](#))

José Fernando Cristófal ([10](#) ao [fim](#))

Revisão

Josemar de Souza Pinto

Raquel Fleischner

Capa

Douglas Lucas

Diagramação

Sonia Peticov

Gerente editorial

Juan Carlos Martinez

1ª edição: Fevereiro de 2020

Coordenador de produção

Mauro W. Terrengui

Todos os direitos desta edição reservados para:

Editora Hagnos

Av. Jacinto Júlio, 27

04815-160 • São Paulo - SP • Tel. Fax: (11) 5668-5668

hagnos@hagnos.com.br • www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Tozer, A. W. (Aiden Wilson), 1897–1963

Homem: o local onde Deus habita / A. W. Tozer; tradução de José Fernando Cristófaló. — São Paulo: Hagnos, 2019.

ISBN 978-85-7742-291-3

Título original: *Man: the dwelling place of God*

1. Vida espiritual — Aliança cristã e missionária 2. Deus — Adoração e amor I. Título II. Cristófaló, José Fernando

19-2786
248.4899

CDD-

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida espiritual — Aliança cristã e missionária



Sumário

[Anterosto](#)

[Folha de rosto](#)

[Página de direitos autorais](#)

[Sumário](#)

[Agradecimentos](#)

[Introdução](#)

- [1. Homem: o local onde Deus habita](#)
- [2. O chamado de Cristo](#)
- [3. O que pensamos de nós mesmos é importante](#)
- [4. O nascido uma vez e o nascido duas vezes](#)
- [5. A respeito da origem e da natureza das coisas](#)
- [6. Por que as pessoas acham a Bíblia difícil](#)
- [7. Fé: a doutrina mal compreendida](#)
- [8. A verdadeira religião não é sentimento, mas disposição](#)
- [9. Como fazer progresso espiritual](#)
- [10. A velha cruz e a nova](#)
- [11. Não há sabedoria no pecado](#)
- [12. Três níveis de conhecimento religioso](#)
- [13. A santificação do secular](#)
- [14. Deus deve ser amado por Ele mesmo](#)
- [15. Fé verdadeira é ativa, e não passiva](#)
- [16. Sobre o considerar como muito garantido](#)

- [17. A cura para um espírito irascível](#)
- [18. Vanglória ou depreciação](#)
- [19. A comunhão dos santos](#)
- [20. Temperamento na vida cristã](#)
- [21. Deus sempre responde às orações?](#)
- [22. O autoengano e como evitá-lo](#)
- [23. Sobre a criação de camundongos malhados](#)
- [24. Os santos desconhecidos](#)
- [25. Três feridas leais](#)
- [26. A ira de Deus: o que é isso?](#)
- [27. Em louvor ao dogmatismo](#)
- [28. Pelo que os homens vivem](#)
- [29. Como provar os espíritos](#)
- [30. Tédio religioso](#)
- [31. A igreja não pode morrer](#)
- [32. O senhorio do homem Jesus é básico](#)
- [33. Uma educação autodidata é melhor do que nenhuma](#)
- [34. Alguns pensamentos sobre livros e leitura](#)
- [35. O declínio da expectativa apocalíptica](#)
- [36. Escolhas revelam — e formam — o caráter](#)
- [37. A importância da sã doutrina](#)
- [38. Algumas coisas são inegociáveis](#)
- [39. O santo deve andar sozinho](#)

Agradecimentos

A MAIORIA DOS capítulos deste livro apareceu originalmente como editoriais ou artigos no *The Alliance Witness*, o qual dr. Tozer editou por trinta anos. “Como fazer progresso espiritual” foi escrito para os Gideões do Canadá e apareceu em uma de suas publicações. “A comunhão dos santos” é proveniente do livro *Fundamento da fé*, publicado por Fleming H. Revell; e “O santo deve caminhar sozinho” apareceu primeiramente na revista *Eternity*. Nós somos gratos pelas permissões concedidas para que pudéssemos incluí-los neste livro.

Introdução

O SUPREMO INTERESSE de A. W. Tozer foi Deus: Aquele que falou e trouxe o mundo à existência, Aquele que simplesmente reina sobre os homens e nações, contudo dignou-se de fazer do homem a Sua habitação. Ele realmente creu que o que mais importa para o homem é estar em perfeito relacionamento com Deus, e que a sua tarefa primária — e privilégio — é “glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre”. Por essa razão, ele deleitava-se em falar aos homens da majestade, maravilha e graça de Deus e sempre buscava instruir e exortar os cristãos a deixar que isso se tornasse o propósito de sua vida. Ele lamentava-se de que eles desejassem contentar-se com menos.

Nada que ele pregou ou escreveu foi meramente acadêmico ou teórico. O que ele disse a respeito de Deus foi produto de muitas horas investidas em Sua presença e com Sua Palavra. O que ele escreveu sobre os homens foi o que ele conheceu do seu próprio coração e observou em outros. Com a unção do Espírito, veio discernimento; percepção e clareza procedente de uma mente disciplinada. Um extenso conhecimento preveniu a mesmice, e uma assertividade vívida produziu frescor.

Os capítulos deste livro lidam com muitos aspectos de um assunto: o relacionamento de Deus com o homem. Eles são acima de tudo práticos, e todos que o lerem lucrarão.

ANITA M. BALLEY
Gerente editorial
Alliance Witness

Homem: o local onde Deus habita

INTIMAMENTE, DENTRO DE todo homem existe um santuário privado onde reside a misteriosa essência do seu ser. Essa realidade particular é aquilo que dentro do homem é o seu eu, sem referência a nenhuma outra parte da natureza complexa do homem. Esse é o seu “eu sou”, uma dádiva do EU SOU que o criou.

O EU SOU é Deus não derivado e autoexistente; o “eu sou” é o homem derivado de Deus, dependente a cada momento do Seu *fiat*¹ criativo para a sua contínua existência. Um é o Criador, acima de tudo, ancião de dias, habitando em luz da qual não se pode aproximar. O outro é uma criatura e, ainda que privilegiada acima das demais, uma simples criatura, um pensionário da generosidade de Deus e um pedinte diante do Seu trono.

A entidade profundamente humana a que estamos nos referindo é chamada nas Escrituras de *o espírito do homem*. *Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus* (1Co 2.11). Assim como o autoconhecimento de Deus reside no Espírito eterno, também o autoconhecimento do homem consiste no seu próprio espírito, e o seu conhecimento de Deus acontece pela direta impressão do Espírito de Deus sobre o espírito do homem.

A importância de tudo isso não pode ser menosprezada à medida que pensamos e estudamos e oramos. Ela revela a essencial espiritualidade da humanidade. Ela nega que o homem seja uma criatura possuindo um espírito e declara que ele é um espírito possuindo um corpo. Aquilo que o faz um ser humano não é o seu corpo, mas o seu espírito, no qual a imagem de Deus originalmente reside. Uma das declarações mais emancipadoras no Novo Testamento é esta:

... os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.23,24).

Aqui a natureza do culto é demonstrada sendo integralmente espiritual. A verdadeira religião é removida de dieta e dias, de vestimentas e cerimônias, e situada onde ela pertence — na união do espírito dos homens com o Espírito de Deus.

Do ângulo do homem, a perda mais trágica sofrida na queda foi a desocupação do seu santuário interno pelo Espírito de Deus. Nesse particular centro escondido no ser do homem, encontra-se um arbusto sob medida para servir como local da habitação do Deus trino. Nele Deus planejou repousar e resplandecer com privilégios morais e espirituais e ali deve habitar exclusivamente nesse momento. Pois esse lugar é tão intimamente privado que nenhuma criatura pode ser intrusa; ninguém pode entrar, a não ser Cristo, e Ele entrará somente mediante o convite da fé. *Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo (Ap 3.20).*

Pela misteriosa operação do Espírito no novo nascimento, aquilo que foi chamado por Pedro de “natureza divina” penetra profundamente no ponto central do coração do crente e estabelece residência ali. ... *Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele, pois o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus (Rm 8.9,16).* Somente tal pessoa é um verdadeiro cristão, e somente assim. Batismo, confirmação, recebimento dos sacramentos, ser membro da igreja — tudo isso nada significa, a não ser que os supremos atos de Deus em regeneração também tenham o seu efeito. Externalizações religiosas podem talvez possuir um significado para a alma habitada por Deus; para muitos outros, elas são não somente inúteis, mas também podem se tornar armadilhas, iludindo-os com um falso e perigoso senso de segurança.

... Guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida (Pv 4.23) é mais do que um sábio provérbio; é uma incumbência solene imposta a nós por Aquele que mais se preocupa conosco. Em respeito a isso, devemos prestar a mais cuidadosa atenção, pois, do contrário, deixaremos a qualquer momento que isso se perca.

¹[NT]: Do latim, “que assim seja”.

O chamado de Cristo

SER CHAMADO POR Cristo é uma grande honra; maior ainda que qualquer honra que os homens possam conceder uns aos outros.

Fossem todas nações da terra unidas em uma só federação, chamando-se um homem para encabeçar essa federação, tal homem seria honrado acima de outros homens que já viveram. Entretanto, o mais humilde dos homens que atenta para o chamado de seguir Cristo possui uma honra muito superior àquele; pois as nações da terra podem conceder a honra que elas possuem, mas a honra de Cristo é superior a todas elas. Deus deu a Ele um nome que é acima de todo nome.

Por ser isso verdade e conhecido das inteligências celestiais, os métodos que usamos para persuadir os homens a seguir Cristo devem ser para eles extremamente incoerentes, se não completamente errados.

Cristãos evangélicos geralmente oferecem Cristo à humanidade como um elixir para curar as suas enfermidades, um caminho para escapar dos seus problemas, um meio rápido e fácil de alcançar os seus objetivos pessoais. Eles usam as palavras certas, porém a ênfase é equivocada. A mensagem é apresentada de maneira que deixa o ouvinte com a impressão de que ele deve desistir de muito para receber ainda mais. E isso não é bom, ainda que possa ser bem-intencionado.

O que nós fazemos é precisamente o que um bom vendedor faz quando ele apresenta a excelência do seu produto em comparação com o do seu competidor mais próximo. O consumidor escolhe o melhor entre os dois, e quem não o faria? Contudo, a fraqueza de toda essa técnica de vendas é aparente: a ideia do ganho egoísta é presente em toda a transação.

Jesus Cristo é um Homem vindo para salvar homens. NEle a natureza divina é casada com a nossa natureza humana, e, seja onde quer que a natureza humana exista, lá existe matéria crua da qual Ele faz seguidores e

santos. O nosso Senhor não reconhece classe alta ou baixa, pobre ou rica, velho ou novo, homem ou mulher; todos são humanos e semelhantes nEle. O Seu convite é para toda a humanidade.

Na época do Novo Testamento, pessoas vindas de muitos e variados níveis sociais O ouviram chamar e responderam: Pedro, o pescador; Levi, o publicano; Paulo, o acadêmico; Maria, a endemoninhada; Lídia, a mulher de negócios; Sérgio Paulo,¹ o estadista. Alguns grandiosos e muitos indivíduos comuns vieram. Eles todos vieram, e o nosso Senhor recebeu a todos do mesmo modo e nos mesmos termos.

Homens e mulheres de muitas e variadas profissões e ocupações podem vir, se quiserem. A regra simples é que, se a ocupação é boa, continue nela se você o desejar; se ela for má, abandone-a de uma só vez e busque outra. Se o chamado incluir desligamento de todas as ocupações rotineiras para se dedicar em período integral à obra do evangelho, então não haverá profissão ou ocupação, não importa quão boa e nobre, que deverá nos impedir de obedecer ao chamado.

As atividades nas quais os homens se engajam podem ser divididas em duas categorias: as moralmente más e as moralmente neutras. As atividades do ladrão, do apostador, do ditador, do estelionatário, do viciado em narcóticos, do membro de quadrilha e de todos aqueles que atacam a sociedade são más; nada pode fazer delas melhores. O chamado de Cristo está longe de qualquer tipo delas. Isso não é para ser questionado ou debatido, mas aceito sem demora e prontamente repellido.

No entanto, a maioria das nossas atividades não é má em si mesma, mas neutra. O trabalhador, o estadista, a dona de casa, o médico, o professor, o engenheiro — todas essas engajam-se em atividades que não são nem boas nem más. Suas qualidades morais são transmitidas por aquele nelas engajados. Desse modo, o chamado de Cristo não está afastado dessas coisas, pois elas podem ser santificadas pela oração e fé do indivíduo e, assim, tornarem-se em algo positivo.

Uma coisa é certa: o chamado de Cristo é sempre uma promoção. Fosse Cristo chamar um rei do seu trono para pregar o evangelho a alguma tribo de aborígenes, aquele rei seria elevado acima de qualquer coisa que ele já conheceria antes. Qualquer movimento em direção a Deus é ascendente, e qualquer direção distante dEle é descendente.

No entanto, ainda que reconheçamos a honra conferida a nós, não há lugar para o orgulho, pois o seguidor de Cristo deve arcar com a sua cruz, e uma cruz é um objeto de opróbrio e um símbolo de rejeição.

Diante de Deus e dos anjos, é uma grande honra seguir Cristo, mas, diante dos homens, não. O Cristo a quem o mundo pretende agora honrar foi um dia rejeitado e crucificado pelo mesmo mundo. O grande santo é honrado somente após estar morto. Raramente ele é conhecido como santo enquanto vive. Os aplausos do mundo vêm muito tarde, quando ele não pode ouvi-los mais; e talvez seja melhor dessa maneira. Não são muitos os que são desprendidos de si mesmos o suficiente para suportar honra sem comprometer a sua alma.

Naqueles primeiros dias na Galileia, os seguidores de Cristo ouviram esse chamado, deixaram a sua vida para trás, se associaram ao Seu grupo de discípulos. Esse comprometimento total foi sua confirmação de fé. Nada mais o faria.

E isso não é diferente hoje. Ele nos chama a deixar a vida antiga e começar a nova. Jamais deve existir qualquer vácuo, nunca qualquer lugar de neutralidade onde o mundo não possa nos identificar. Pedro se aquecendo junto à fogueira do mundo e tentando parecer despreocupado é um exemplo do tipo de discipulado medíocre com que muitos se satisfazem. O mártir descendo à arena, prestes a ser lançado aos leões juntamente com os seus irmãos em sofrimento, é um exemplo do único tipo de dedicação que Deus aprova.

¹[NT]: ou Paulus, em Atos 13.7.

O que pensamos de nós mesmos é importante

O HOMEM CONVENCIDO seriamente de que merece ir para o inferno é improvável que vá para lá, enquanto o homem que crê ser digno de ir para o céu certamente jamais entrará naquele bendito lugar.

Eu uso a palavra “seriamente” para acentuar verdadeira convicção e para distingui-la de mera crença nominal.

É possível seguir a vida crendo no que cremos, enquanto na verdade não se possui convicção sequer mais vigorosa do que um credo convencional dos nossos ancestrais ou extraído de noções religiosas gerais presentes no nosso círculo social. Se esse credo requer que admitamos a nossa própria depravação, nós o fazemos e sentimos orgulho da nossa fidelidade à fé cristã. Contudo, a maneira com que amamos, cultuamos e gratificamos a nós mesmos deixa claro o suficiente que não nos consideramos dignos de condenação.

Uma prova reveladora disso é vista no modo indigesto pelo qual autores religiosos usam palavras. Um fascinante exemplo é encontrado numa cuidadosa alteração editorial realizada na canção “O Consolador chegou”.¹ Uma das estrofes diz:

Ó amor divino sem limites!
Como a minha língua
Dirá a mortais desnorteados
A incomparável graça divina —
Que eu, um filho do inferno,
Deverei em Sua imagem brilhar!

É assim que o dr. Bottome sentiu e como escreveu; e o homem que contemplou a santidade de Deus e a poluição do seu próprio coração cantará da maneira que foi escrito, porque toda a sua vida interior responderá à experiência. Ainda que ele não consiga encontrar o capítulo e o versículo que o apontarão como filho do inferno, o seu coração o incrimina e ele ansiosamente se acusa diante de Deus como quem está apto somente para a perdição. Essa é uma experiência mais profunda do que teologia, mais rigorosamente íntima do que credo, e ainda que amarga e severa ela é verdadeira em relação à visão, iluminada pelo Espírito, do homem acerca de si mesmo. Portanto, ao confessar, o coração iluminado se torna aderente a essa realidade terrível enquanto canta a sua própria condenação. Isso, creio, é grandemente prazeroso para Deus.

Repito, é fascinante e talvez lamentável contemplar uma modificação editorial nessa canção, a qual foi feita obviamente com o interesse na teologia correta, porém prejudicada em seu senso moral. Em certo hinário, é lido da seguinte forma:

Que eu, um filho do *PECADO*,
Deverei em Sua imagem brilhar!

O esmerado artífice que fez a alteração na música simplesmente não poderia conceber a si mesmo jamais tendo sido um “filho do inferno”. Uma escolha unilateral de palavras algumas vezes nos diz mais sobre um homem do que um homem sabe sobre si mesmo.

Esse caso por si só, caso fosse isolado na literatura cristã, não seria muito significativa. No entanto, quando esse tipo de coisa ocorre em todo lugar, como dentes-de-leão que cobrem uma campina, isso se torna de fato altamente significativa. Esse minucioso decoro religioso ouvido de forma habitual nos púlpitos é, no todo, parte de uma mesma coisa — uma indisposição em admitir a profundidade da corrupção presente em nós. Nós, na verdade, não assentimos com o julgamento de Deus a nosso respeito quando nos deixamos envolver por um credo superficial. Quando a pressão se eleva, nós recuamos. Um filho do pecado? Talvez. Um filho do inferno? Não.

O nosso Senhor contou a respeito de dois homens que apareceram diante de Deus em oração, um fariseu que recitava as suas virtudes e um

publicano que batia no seu peito e suplicava por misericórdia. O primeiro foi rejeitado e o outro, justificado.

Nós administramos viver com essa história com certo nível de conforto mantendo-a justamente à distância de um braço e nunca permitindo-lhe tomar posse da nossa consciência. Aqueles dois homens estão mortos há muito tempo, e a sua história se tornou um pequeno clássico religioso. Somos diferentes, e como algo tão ancestral pode se aplicar a nós? Por isso apelamos para justificativas, em um plano um pouco mais superior à nossa consciência, e trazemos o conforto que podemos por meio do incerto e daquilo que é distante de tudo.

Mas por que não deveríamos admiti-lo? A verdade é que isso aconteceu não muito tempo atrás, mas ontem, esta manhã; não muito longe, mas aqui onde alguns de nós nos ajoelhamos para orar. Esses dois homens não estão mortos, mas vivos, e são encontrados na igreja local, na convenção missionária e no profundo encontro de vidas aqui, agora, hoje.

Em última instância, todo homem vive pela sua filosofia secreta assim como um avião que voa na sua carcaça elétrica. É a profunda convicção de que somos integralmente indignos da bênção futura, de que de fato somos aptos somente para a destruição, que nos conduz ao verdadeiro arrependimento. O homem que crê em si mesmo que é bom demais para perecer vai certamente perecer, a menos que experimente uma mudança radical no seu coração a respeito de si mesmo.

A má qualidade de cristãos que se origina dos nossos modernos encontros evangelísticos pode na verdade ser atribuída à ausência de real arrependimento concomitante à experiência espiritual inicial dos convertidos. E a ausência de arrependimento é o resultado de uma visão inadequada do pecado e da pecaminosidade trazida naqueles que se apresentam na sala do inquérito.

“Sem temores, não há graça”, disse Bunyan. “A graça, entretanto, nem sempre existe onde existe temor do inferno, pois, para ser mais exato, não há graça onde não há temor a Deus.” E ainda: “Eu não dou nenhuma importância à profissão de fé que não se inicia numa mente celestial [...] pois o temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e aqueles que não possuem o princípio tampouco possuem o meio ou o fim.”

¹[NT]: Em português, o hino recebe o título “O Redentor nasceu”, de Francis Bottome. A tradução utilizada aqui é diferente do hino de número 28 encontrado no *Cantor cristão*.

O nascido uma vez e o nascido duas vezes

CLASSIFICAÇÃO É ENTRE todas as tarefas uma das mais difíceis. Mesmo no âmbito da religião existem luzes e sombras suficientes com o objetivo de tornar temerário traçar uma fina linha entre homens e homens. Se o mundo religioso fosse composto de categorizações feitas por meio de quadradinhos preenchidos de puro preto e puro branco, classificação seria algo fácil; mas infelizmente não é.

É um grave erro para nós, evangélicos, assumir que os filhos de Deus estão todos em comunhão e que todos que não estão associados conosco são *ipso facto*¹ inimigos de Deus. Os fariseus cometeram esse erro e crucificaram Cristo como consequência.

Com tudo isso em mente, e com a tendência a sermos justos e caridosos, existe ainda uma distinção que ousamos fazer, e que de fato *devemos* fazer, se precisamos pensar os pensamentos de Deus de acordo com Ele e trazer as nossas crenças em harmonia com as Sagradas Escrituras. Essa é a distinção que existe entre classes de seres humanos, os nascidos uma vez e os nascidos duas vezes.

A existência de tal distinção foi ensinada pelo nosso Senhor com grande clareza verbal, em contextos nos quais exclui-se a possibilidade de que Ele estivesse falando de modo meramente figurativo. ... *Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus*, disse Ele (Jo 3.3), e o capítulo inteiro no qual essas palavras são encontradas confirma que Ele estava falando de modo concreto, literal, indicando suas intenções tão afiada e absolutamente quanto fosse possível transmitir por meio da linguagem. Essa linha clara de demarcação perpassa todo o Novo Testamento, plena e literalmente, distinguindo um ser humano do outro e traçando uma divisão tão precisa quanto a que existe entre diferentes raças e tipos² do reino animal.

Assim, não é sempre fácil determinar quem pertence a uma classe e quem pertence a outra, embora os dois tipos de vida ordinariamente se separem um do outro. Aqueles que são nascidos duas vezes se cristalizam em torno da pessoa de Cristo e se reúnem juntos somente pelos laços da natureza, auxiliados pelos laços de raça ou por interesses políticos e sociais comuns.

O nosso Senhor alertou os Seus discípulos de que eles seriam perseguidos. *No mundo, passais por aflições...* (Jo 16.33), disse Ele, *e Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós* (Mt 5.10,11).

Essas são apenas duas das muitas passagens alertando sobre a perseguição e registrando a realidade da agressão e ataques sofridos pelos muitos seguidores do Senhor. Essa mesma ideia é encontrada em toda a Bíblia desde o nascido uma vez Caim que assassinou Abel, o seu irmão nascido duas vezes, até o livro de Apocalipse, onde o final da história humana chega a uma erupção de sangue e fogo.

Essa hostilidade existente entre os nascidos uma vez e os nascidos duas vezes é conhecida por todo estudante da Bíblia; a razão para isso foi professada por Cristo, quando Ele disse: *Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia* (Jo 15.19). A regra foi descrita pelo apóstolo Paulo, quando ele escreveu: *Como, porém, outrora, o que nascera segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim também agora* (Gl 4.29). Diferenças entre padrões morais entre nascidos uma vez e nascidos duas vezes, e os seus modos opostos de vida, talvez sejam causas contribuidoras dessa hostilidade; mas a causa real é mais profunda. Existem dois espíritos presentes na terra: o espírito que opera nos filhos da desobediência e o Espírito de Deus. Esses dois nunca poderão se reconciliar no tempo e na eternidade. O espírito que habita no nascido uma vez é eternamente oposto ao Espírito que habita no coração do nascido duas vezes. Essa hostilidade começou em algum lugar no passado remoto antes da criação do homem e continua até hoje. O esforço moderno de trazer paz entre esses dois espíritos é não somente fútil, mas contrário às leis morais do universo.

Ensinar que o espírito do nascido uma vez está em inimizade com o Espírito do nascido duas vezes é atormentar a mente de uma pessoa com todo tipo de agressão violenta. Nenhuma linguagem é excessivamente amarga para derrubar o zelo imaginário que se arrisca em traçar uma linha de distinção entre homens. Tais ideias malignas são contrárias à irmandade dos homens, segundo os nascidos uma vez, as quais são professadas apenas pelos apóstolos da desunião e do ódio. Esse ódio exaltado contra os nascidos duas vezes serve para confirmar a verdade que eles ensinam. Mas isso ninguém parece notar.

O que precisamos para restaurar poder ao testemunho cristão não é um falar amaciado a respeito de irmandade, mas um reconhecimento honesto de que duas raças humanas ocupam a terra simultaneamente: uma raça caída gerada das entranhas de Adão e uma raça regenerada que é nascida do Espírito por meio da redenção em Cristo Jesus.

Aceitar essa verdade requer uma firme mentalidade e uma maturidade espiritual que os cristãos modernos simplesmente não possuem. Reconhecer isso dificilmente contribuirá para aquela “paz de mente” segundo a qual nossos religiosos momentos de fraqueza gemem tão sofredamente.

Para mim, muito tempo atrás decidi que eu preferiria saber a verdade a viver na ignorância. Eu não posso ter a um só tempo verdade e felicidade; dê-me a verdade. Nós teremos um longo tempo para sermos felizes no céu.

¹[NT]: Do latim jurídico, “pelo fato em si mesmo”.

²[NT]: Aqui no original o autor utilizou a palavra *genera*.

A respeito da origem e da natureza das coisas

A CELEBRADA ORAÇÃO do grande astrônomo Kepler tem sido usada como bênção por muitos: “Ó Deus, eu Te agradeço por me permitires pensar os Teus pensamentos de acordo Contigo!”

Essa oração é teologicamente sólida, pois ela reconhece a prioridade de Deus no universo. “No princípio Deus” é indubitavelmente a expressão mais importante da Bíblia. É em Deus que todas as coisas começam, bem como todos os pensamentos. Nas palavras de Agostinho:

Pois Tu, ó Senhor, que sempre viveste, e em quem nada se esvai, desde antes que o mundo existisse, e de fato antes que qualquer coisa fosse chamada de “antes”, Tu exististe, e é Deus e Senhor de todas as criaturas; e em Ti fixadamente habitam as causas de todas as coisas instáveis e as fontes inconstantes de todas as coisas mutáveis, e as eternas razões de todas as coisas racionais e temporais.

Qualquer coisa nova que alguém descobre já é ultrapassada, pois não deixa de ser a expressão de um pensamento prévio de Deus. A ideia de coisa antecede a coisa em si; e quando coisas suscitam pensamentos à mente do pensador, estes são antigos pensamentos de Deus, porém imperfeitamente compreendidos.

Quando o pensamento de uma verdade entra na mente de qualquer homem, seja ele santo, seja pecador, inevitavelmente esse pensamento é de Deus, pois ele é a origem de todos os pensamentos e coisas verdadeiros. Esse é o porquê de muitas verdades reais serem verbalizadas e escritas por pessoas não cristãs. Se um ateu, por exemplo, afirma que dois vezes dois é igual a quatro, ele está afirmando uma verdade e pensando os pensamentos de Deus segundo Ele, ainda que negue a existência de Deus.

Em sua busca por fatos, homens confundiram verdades com verdade. As palavras de Cristo *e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará* foram torcidas do seu contexto e utilizadas para estimular pessoas a buscarem o conhecimento na expectativa de se tornarem *livres* (Jo 8.32) por meio do conhecimento. Certamente isso não é o que Cristo tinha em mente quando verbalizou essas palavras.

Tais verdades descobertas pelos homens abaixo na terra e acima nos céus astronômicos não são propriamente verdades, mas fatos. Nós as chamamos de verdades do mesmo modo que as chamo aqui, porém elas não são nada mais que peças do quebra-cabeça do universo e, quando posicionadas juntas, proveem pelo menos uma pista do que a vasta imagem na realidade é. Mas repito: elas não são verdade, e mais importante: elas não são *a verdade*. Fossem todas as peças perdidas encontradas e posicionadas no lugar, ainda não teríamos a verdade, pois a verdade não é um composto de pensamentos e coisas. A verdade deve ser redigida com um *V* maiúsculo, pois é nada menos que o Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Bendita Divindade.

A mente humana requer uma resposta à questão a respeito da origem e natureza das coisas. O mundo da maneira em que o encontramos deve prover explicações de alguma forma. Filósofos e cientistas têm buscado explicações para ele. Uns por meio de especulações, outros por observações, nos apresentam em seus labores muitos fatos úteis e inspiradores. Mas eles não encontraram a Verdade final. Tal só acontece pela revelação e iluminação.

Aqueles que creem na revelação cristã sabem que o universo é uma criação. Ele não é eterno, pois teve um início. E não é o resultado da sucessão de coincidências felizes onde o todo de um infinito número de encaixes acidentalmente se encontraram, posicionaram-se e entraram em harmonia. Portanto, crer requer certo nível de credulidade que poucas pessoas possuem. “Eu prefiro crer em todas as fábulas na Lenda, e no Talmude, e no Alcorão”, disse Bacon, “a crer que a formulação deste universo não possui um cérebro. E consequentemente Deus nunca empregou milagres para convencer o ateu, pois as Suas obras ordinárias são suficientes para o convencerem”.

Aqueles que possuem fé não ficam à mercê da especulação diante do segredo do universo. Fé é um agente de conhecimento. *Pela fé, entendemos*

que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem (Hb 11.3) A voz da Sabedoria Eterna declara: No princípio, Deus criou e No princípio era o Verbo [...] Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez (Gn 1.1; Jo 1.1,3).

Todas as coisas vieram do Verbo, o qual no Novo Testamento significa o pensamento e a vontade de Deus em ativa expressão, identificado como nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é o Filho, o qual é a Verdade que faz os homens livres. Não fatos, não conhecimentos científicos, mas Verdade eterna entregue aos homens, e tal Verdade eterna se tornou carne e habitou entre nós. *E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste (Jo 17.3).*

Não somente a origem das coisas é revelada, mas a natureza das coisas também. Porque a origem de todas as coisas é espiritual, todas as coisas são fundamentalmente espirituais também. Este é um universo moral; ele é governado por leis morais e será julgado por leis morais no final dos tempos. O homem, superiormente a todas as criaturas, possui percepção moral e deve responder às leis espirituais que permeiam e sustentam o mundo. Materialismo puro — ou seja, a doutrina que prega que a matéria é o elemento primordial do universo — não é inato à mente humana. Ele requer uma violação contínua dos nossos instintos básicos para aceitá-lo como explicação da natureza das coisas. E Paulo nos diz nos dois primeiros capítulos de sua epístola aos Romanos como os homens chegam a um estado mental para aceitar tamanha falsidade.

Por que as pessoas acham a Bíblia difícil

O FATO DE existirem muitas pessoas que consideram a Bíblia difícil de entender não pode ser negado por aqueles que têm familiaridade com a sua autenticidade. O testemunho das dificuldades encontradas na leitura da Bíblia é excessivamente elevado e conhecido para ser simplesmente ignorado.

Na experiência humana, existe um composto de causas em vez de uma só causa para tudo; portanto, é com dificuldade que nos deparamos com a Bíblia. Para a pergunta “Por que a Bíblia é difícil de entender?”, não há como responder num estalar de dedos; a resposta precipitada certamente estará errada. O problema é múltiplo em vez de singular, e por essa razão os esforços de encontrar uma solução única para tal será lamentável.

Apesar disso, ousou dar aqui uma resposta breve para a questão. Ainda que não seja a resposta definitiva, ela é a mais relevante de todas e provavelmente contém em si a maioria das respostas para uma questão sofisticada e altamente complexa. *Creio que consideramos a Bíblia difícil porque tentamos lê-la como se estivéssemos lendo qualquer outro livro, e ela não é como qualquer outro livro.*

A Bíblia não é endereçada simplesmente a qualquer pessoa. Ela é uma mensagem direcionada a uns poucos escolhidos. Se esses poucos são escolhidos por Deus num ato soberano de eleição ou porque cumprem certas condições que os qualificam, deixo a cargo de cada pessoa decidir, sabendo plenamente que a sua decisão será determinada pelas suas crenças básicas a respeito de questões como predestinação, livre-arbítrio, os decretos eternos e outras doutrinas relacionadas. Mas, seja lá o que tenha acontecido na eternidade, é óbvio o que acontece de fato: alguns creem e outros, não. É para aqueles que praticam, são e têm que a Bíblia é endereçada. Aqueles que não praticam, não são nem têm a lerão em vão.

Precisamente aqui eu espero receber de alguns leitores veementes objeções, por motivos bem previsíveis. O cristianismo de hoje é centrado no homem, e não em Deus. Deus foi feito para esperar pacientemente, até mesmo respeitosamente, de acordo com os caprichos dos homens. A imagem de Deus popularizada nos dias de hoje é a de um Pai distraído, sofrendo numa agonia desiludida para conseguir pessoas que aceitem um Salvador de quem elas não sentem nenhuma necessidade e pelo qual não têm quase nenhum interesse. Para persuadir essas almas autossuficientes a responder às Suas generosas ofertas, Deus fará quase tudo, até mesmo utilizar métodos de vendedor e falar no nível delas, do modo mais amigável possível e imaginável. Essa visão das coisas é, certamente, um tipo de romanticismo religioso, o qual, enquanto frequentemente utiliza bajulação e algumas vezes termos constrangedores em louvor a Deus, busca, contudo, fazer do homem a estrela do *show*.

A noção de que a Bíblia é endereçada a todos tem causado confusão dentro e fora da igreja. O esforço para aplicar os ensinamentos do Sermão do Monte às nações não regeneradas do mundo é um exemplo disso. Cortes judiciais e poderes militares são impelidos a seguir os ensinamentos de Cristo, uma coisa obviamente impossível para eles fazerem. Citar as palavras de Cristo como diretrizes para policiais, juizes e generais é não compreender tais palavras completamente, e isso demonstra total falta de entendimento dos propósitos da revelação divina. As graciosas palavras de Cristo são para os filhos e filhas da graça, e não para as nações gentias para as quais símbolos escolhidos são o leão, a águia, o dragão e o urso.

De fato, Deus não somente endereça Suas palavras da verdade àqueles que são capazes de recebê-las; Ele na verdade oculta o seu significado para aqueles que não o são. O pregador utiliza histórias para tornar a verdade clara; o nosso Senhor frequentemente as utiliza para obscurecê-la. As parábolas de Cristo são o oposto exato da “ilustração moderna”, a qual tem o intento de trazer luz; as parábolas eram “dizeres sombrios”, e Cristo afirmou que Ele às vezes as utilizou para que os Seus discípulos as pudessem compreender e os Seus inimigos, não (v. Mt 13.10-17). Assim como a coluna de fogo proporcionou luz a Israel, mas foi nuvem e trevas para os egípcios, as palavras do nosso Senhor brilham no coração do Seu povo, porém deixam incrédulos autoconfiantes na obscuridade da noite moral.

O poder salvador da Palavra é reservado para aqueles aos quais ela foi designada. O segredo do Senhor é para aqueles que O temem. O coração impenitente verá na Bíblia um esqueleto de fatos sem carne ou fôlego. Shakespeare talvez possa ser lido sem penitência; talvez entendamos Platão sem crer em uma só palavra que ele diz; mas penitência e humildade em conexão com fé e obediência são necessários para o correto entendimento das Escrituras.

Em questões naturais, fé procede da evidência e é impossível sem ela. Mas no âmbito do espírito fé precede entendimento, e não o contrário. O homem natural deve obrigatoriamente saber para crer; o homem espiritual deve crer para saber. A fé que salva não é uma conclusão conduzida pela evidência; é algo moral do espírito, uma infusão sobrenatural da confiança em Jesus Cristo, uma dádiva real de Deus.

A fé que salva encontra-se na pessoa de Cristo; ela leva a um comprometimento de todo o ser com Cristo, um ato impossível ao homem natural. Crer corretamente é um milagre tanto quanto o ressurgimento de Lázaro dos mortos mediante a ordem de Cristo.

A Bíblia é um livro sobrenatural e pode somente ser compreendida por auxílio sobrenatural.

Fé: a doutrina mal compreendida

NA DIVINA APRESENTAÇÃO da salvação, a doutrina da fé é central. Deus endereça as Suas palavras à fé; e onde fé nenhuma existe, nenhuma verdadeira revelação é possível. *Sem fé é impossível agradar a Deus* (Hb 11.6).

Todos os benefícios provenientes do sacrifício de Cristo chegam ao indivíduo através do portal da fé. Perdão, lavagem, regeneração, o Espírito Santo, todas as respostas de oração são dadas pela fé e recebidos pela fé. Não há outra maneira. É uma doutrina evangélica comum, aceita onde quer que a cruz de Cristo seja compreendida.

Porque a fé é tão vital para todas as nossas esperanças, tão necessária para a plenitude do nosso coração, não ousemos desmerecer nada relacionado a ela. Tudo aquilo que vem com ela, seja bom ou ruim, que de fato define o nosso céu ou inferno, é muito importante para ser negligenciado. Nós simplesmente não devemos nos permitir estar desinformados ou mal informados. Devemos obrigatoriamente saber.

Por vários anos, o meu coração tem se perturbado com a doutrina da fé por causa da maneira com que ela tem sido recebida e ensinada entre os cristãos evangélicos em todo lugar. Uma grande ênfase é colocada na fé nos círculos ortodoxos, e isso é bom; mas eu ainda estou perturbado. Especificamente, o meu medo é que a concepção moderna de fé não seja a concepção bíblica; que, quando os professores dos nossos dias usam a palavra, eles não tenham em mente aquilo que os autores da Bíblia tinham quando a utilizaram.

As causas para o meu incômodo são estas:

1. A falta de fruto espiritual na vida de muitos que alegam ter fé.

2. A raridade de mudança radical na conduta e na perspectiva geral das pessoas que professam a fé em Cristo como o seu Salvador pessoal.
3. A falha de professores em definir ou até mesmo descrever como se deve referir à fé.
4. A lamentável falha de multidões de buscadores, ainda que fervorosos, em fazer algo fora da doutrina ou receber qualquer experiência satisfatória por meio dela.
5. O real perigo de uma doutrina propagada tão extensivamente e recebida indiscriminadamente, de forma acrítica, por tantos ser falsa como compreendida por eles.
6. Tenho visto a fé sendo apresentada como substituto da obediência, um escape da realidade, um refúgio da necessidade de uma intensa reflexão, um esconderijo para um caráter fraco. Tenho visto pessoas equivocadamente chamarem de fé ocorrências como: espírito animal superior, otimismo espontâneo, êxtases emocionais e tiques nervosos.
7. Um simples ato de bom senso deve deixar claro para nós que qualquer coisa que não cause nenhuma mudança no homem que professa a fé também não faz diferença alguma para Deus. E isso é facilmente observável como fato de que, para um incontável número de pessoas que mudam da condição de sem fé para a de com fé, isso não faz nenhuma diferença real na vida.

Talvez isso nos ajude a saber o que a fé significa se inicialmente observarmos o que ela não significa. Ela não significa crer em uma afirmação que nós sabemos ser verdadeira. A mente humana é assim construída, de modo que por necessidade cremos quando a evidência apresentada a nós é convincente. Ela não pode auxiliar a si mesma. Quando a evidência falha em convencer, não há fé possível. Nenhuma ameaça, nenhuma punição, pode compelir a mente a crer contra evidências claras.

Do mesmo modo, é fato que existe a fé baseada na razão; *contudo, esse não é o caráter da fé bíblica*, pois ela busca evidências infalíveis, e não há nenhuma natureza moral ou espiritual nela. Nem mesmo a falta da fé baseada na razão pode ser apresentada contra alguém, pois a evidência, e não o indivíduo, decide o veredito. Enviar um homem para o inferno cujo único crime foi abertamente seguir evidências até as suas conclusões seria

uma manifesta injustiça; justificar um pecador dando importância àquilo que ele deliberou em sua mente de acordo com simples fatos seria tornar a salvação o resultado da operação de leis comuns intelectuais aplicáveis tanto a Judas como a Paulo. Isso seria tirar a salvação do âmbito volitivo e colocá-la no mental, onde, de acordo com as Escrituras, ela definitivamente não pertence.

A fé verdadeira repousa sobre o caráter de Deus e pede não outra prova se não as perfeições morais d'Aquele que não pode mentir. Basta que Deus o diga, e, se a declaração contradiz todos os cinco sentidos e também todas as conclusões lógicas, ainda assim o crente continua a acreditar. *Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem* (Rm 3.4) é a linguagem da fé verdadeira. O céu aprova tal fé, pois ela se põe acima de meras provas e repousa no seio de Deus.

Em anos recentes, surgiu entre certos evangélicos um movimento designado a provar as verdades das Escrituras apelando à ciência. Evidência é buscada no mundo natural para embasar revelações sobrenaturais. Flocos de neve, sangue, pedras, estranhas criaturas marinhas, aves e muitos outros objetos naturais são trazidos à tona como provas de que a Bíblia é verdadeira. Isso é divulgado como sendo um grande suporte para a fé. A ideia é que, se uma doutrina da Bíblia pode ser *provada* como verdadeira, fé repentinamente surgirá e florescerá em consequência. O que esses irmãos não veem é que esse mesmo fato que eles julgam ser necessário buscar para provar as verdades escriturísticas prova algo extra que acompanha, por assim dizer, as suas próprias descrenças básicas. Quando Deus fala, a incredulidade pergunta: “Como posso saber que isso é verdade?” EU SOU O QUE SOU é o único fundamento para a fé. Cavar por entre as rochas ou buscar debaixo do mar por evidências para dar suporte às Escrituras é insultar Aquele que as escreveu. Certamente não creio que isso foi feito intencionalmente; mas não consigo ver como podemos escapar da conclusão a que se chegou.

A fé que a Bíblia conhece é a confiança em Deus e no Seu Filho Jesus Cristo; ela é a resposta da alma do caráter divino como revelado nas Escrituras; e mesmo a resposta é impossível sem haver a prévia operação interior do Espírito Santo. A fé é uma dádiva de Deus à alma penitente e não tem nada a ver com os nossos sentidos ou com dados coletados. Fé é um milagre; ela é a habilidade que Deus dá para confiarmos no Seu Filho, e

qualquer coisa que não resulte em ações decorrentes da vontade de Deus é fé e está muito longe disso.

Fé e moral são dois lados de uma mesma moeda. De fato, a verdadeira essência da fé é moral. Qualquer fé professada em Cristo como o seu Salvador pessoal que não traz a vida debaixo de absoluta obediência a Cristo como Senhor é inadequada e trairá as suas vítimas até o fim.

O homem que crê obedecerá; falha em obedecer é prova convincente de que não há fé verdadeira presente. Reconheçamos que é impossível para nós: ou Deus concede fé ou não há fé, e Deus concede fé somente ao coração obediente. Onde existe verdadeiro arrependimento, existe obediência; pois arrependimento não é somente o lamentar por falhas e pecados passados, mas a determinação de começar a fazer a vontade de Deus da maneira que Ele a revela a nós.

A verdadeira religião não é sentimento, mas disposição

UMA DAS MAIS prováveis e complexas questões que mais cedo ou mais tarde deixará o empenhado cristão em crise é a de como ele pode cumprir o mandamento bíblico de amar a Deus de todo o coração e o ao próximo como a si mesmo.

O cristão cauteloso, à medida que medita na sua sagrada obrigação de amar a Deus e a humanidade, poderá sentir um senso de frustração gerado pelo conhecimento de que ele simplesmente não usufruirá de nenhuma satisfação plena com Deus e seus irmãos. Ele quer, mas não consegue. As suas fontes de deleite simplesmente não fluem.

Muitas pessoas honestas têm se desencorajado pela ausência de emoção religiosa e concluem que na verdade não são cristãs de verdade, apesar de tudo. Elas concluem que devem ter se perdido no caminho em algum momento lá atrás e que sua religião é apenas um pouco maior do que uma vazia profissão de fé. Por isso, por certo tempo elas se esforçam por causa da sua frieza até que finalmente cedem a um enfadonho estado de desânimo, sem saber o que pensar. Elas creem em Deus, querem crer em Jesus como o Seu Salvador, mas o amor que ansiavam sentir consistentemente as ilude. Qual é o problema?

O problema não é nada simples. Tal dificuldade é complexa e real, e talvez possa ser descrita na forma da pergunta: como posso amar por mandamento? De todas as emoções de que a alma é capaz, o amor é de longe a mais libertadora, a mais irracional, aquela menos provável de surgir como tarefa ou obrigação, e certamente não acontecerá pela ordem de outros. Nenhuma lei jamais foi instituída para impelir um ser moral a amar os outros, pois a própria natureza do amor pressupõe voluntariedade.

Ninguém pode ser constrangido ou forçado a amar outra pessoa. O amor não acontece dessa maneira. Então o que é que faremos com o mandamento do nosso Senhor de amar a Deus e ao nosso próximo? Para sairmos das sombras em direção à luz do sol resplandecente, precisamos saber que há dois tipos de amor: o amor do *sentimento* e o amor da *disposição*. Um jaz nas emoções e o outro, na intenção. Sobre um deles talvez tenhamos pouco controle. Ele vem e vai, sobe e desce, surge e desaparece, sem dar satisfação; muda de quente para morno, para frio e volta para morno, assim como o clima. Tal amor não estava na mente de Cristo quando Ele disse aos Seus discípulos que amassem a Deus e uns aos outros. Tal como dar ordens a uma borboleta para pousar sobre os nossos ombros, assim é exigir que esse incerto tipo de afeição visite o nosso coração.

O amor que a Bíblia impõe não é o amor do sentimento; é o amor da disposição, *da voluntária inclinação do coração*. (Por essas duas felizes expressões, devo gratidão a uma pessoa, um mestre da vida interior do qual a escrita foi recentemente interrompida pela morte.)

Deus nunca desejou que um ser como o homem ou a mulher fosse o brinquedo dos seus sentimentos. A vida emocional é uma parte nobre e própria da personalidade como um todo, porém é, pela sua própria natureza, de importância secundária. *A religião jaz no querer, assim como a retidão*. O único bem que Deus reconhece é o bem desejado; a única santidade válida é a santidade desejada.

Deveria ser um pensamento alegre que diante de Deus todo homem é aquilo que ele deseja ser. O primeiro requisito na conversão é uma disposição retificada. “Se algum homem desejar”, diz o nosso Senhor. Para cumprir os requerimentos do amor em direção a Deus, a alma precisa desejar amar, e o milagre começa a desabrochar como as flores da vara de Arão.

Esse desejo é o piloto automático que mantém a alma no seu curso. “Voar é fácil”, disse um amigo que voa no seu próprio avião. “Simplesmente decole, direcione-o para onde você deseja ir e ligue o piloto. Depois ele voará por si mesmo.” Embora não devamos levar a figura longe demais, é uma verdade abençoadora que são os nossos desejos, e não os nossos sentimentos, que determinam a nossa direção moral.

A raiz de todo mal na natureza humana é a corrupção da vontade. Os pensamentos e intentos do coração estão errados e, como consequência, a

nossa vida como um todo está errada. Arrependimento é a primeiramente uma mudança de propósito moral, uma reversão frequentemente brusca e repentina da direção da alma. O filho pródigo deu esse primeiro passo ao sair do chiqueiro, quando disse: *Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai* (Lc 15.18). Assim como ele se dispôs a sair da casa do seu pai, agora ele se dispôs a retornar. A sua ação subsequente provou a sinceridade da expressão do seu propósito. Ele realmente retornou.

Alguém talvez possa inferir do que dissemos anteriormente que estamos excluindo a alegria do Senhor como uma parte válida da vida cristã. Caso seja alguém que não lê essas reflexões regularmente, pode ser que tire tais conclusões errôneas, um leitor acidental talvez entenda indevidamente; uma palavra extra de esclarecimento, portanto, é necessária:

Para amarmos a Deus de todo o coração, é necessário primeiramente *desejar* fazê-lo. Devemos nos arrepender da nossa falta de amor e determinar daqui em diante Deus como objeto da nossa devoção. Devemos fixar nossas afeições nas coisas do alto e direcionar o nosso coração para Cristo e as coisas celestiais. Devemos ler as Escrituras devocionalmente cada dia e em oração obedecer a elas, sempre firmemente *desejando* amar a Deus de todo o coração e ao nosso próximo como a nós mesmos.

Se fizermos essas coisas, podemos ter certeza de que experimentaremos uma maravilhosa e completa mudança no interior da nossa vida. Para nosso deleite, brevemente veremos os nossos sentimentos se tornarem menos erráticos e então começarão a se mover na direção da “voluntária inclinação do coração”. As nossas emoções se tornarão disciplinadas e direcionadas. Nós começaremos a experimentar a “penetrante doçura” do amor de Cristo. As nossas afeições religiosas começarão a se acumular equilibradamente sobre asas estáveis em vez de voar à toa sem propósito ou direção inteligente. A vida como um todo, como um instrumento delicado, se sintonizará para cantar louvores Àquele que nos amou e nos lavou dos nossos pecados com o Seu próprio sangue.

Mas, antes de tudo, precisamos querer, pois a vontade é a mestra do coração.

Como fazer progresso espiritual

A COMPLACÊNCIA DOS cristãos é o escândalo do cristianismo.

O tempo é breve, e a eternidade é longa. O fim de todas as coisas está próximo. O homem provou a si mesmo inapto para administrar o mundo no qual ele foi colocado como cortesia do Todo-poderoso. Ele mesmo se sabotou até a beira do abismo e não consegue voltar, e com um medo apavorante ele está segurando o seu fôlego contra o terrível momento em que será lançado no inferno.

Enquanto isso, um montante de pessoas existentes na terra alega possuir a resposta para as questões mais importantes da vida. Elas alegam ter encontrado o caminho de volta para Deus, emancipação dos seus pecados, vida eterna e garantia certa do céu no mundo por vir.

Esses são os cristãos. Eles declaram que Jesus Cristo é verdadeiramente Deus do verdadeiro Deus, feito carne para habitar entre nós. Insistem em que Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Testificam que para eles Ele é Sabedoria, Retidão, Santificação e Redenção e firmemente declaram que Ele será a Redenção e a Vida para a eternidade por vir.

Esses cristãos sabem, e quando pressionados admitirão, que o seu finito coração explorou somente uma pequena parte das infinitas riquezas que são deles em Cristo Jesus. Eles leem sobre a vida de grandes santos cujo desejo fervoroso por Deus os levou tão longe quanto o topo de uma montanha, em direção à perfeição espiritual, e por um breve momento poderão ansiar por ser como essas almas incendiadas cuja luz e fragrância ainda permanecem no mundo onde viveram e trabalharam. Mas o anseio logo passa. O mundo é agressivo para com eles, e as exigências da vida terrena são muito insistentes; então eles se acomodam, voltando à sua vida normal, e aceitam aquilo que é de costume considerado normal. Depois de um tempo, eles

conseguem alcançar um tipo de contentamento interior, e então isso é a última coisa que ouvimos a respeito deles.

Esse contentamento com um progresso inadequado e imperfeito na vida de santidade é, repito, um escândalo na Igreja dos Primogênitos. Todo o peso das Escrituras se põe contra essas coisas. O Espírito Santo constantemente busca chamar a atenção do complacente. “Vamos prosseguir” é a palavra do Espírito. O apóstolo Paulo incorpora isso em seu nobre testemunho encontrado na sua epístola aos Filipenses:

Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo, [...] para o conhecer, e o poder da sua ressurreição [...] mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (3.7,8,10,13,14).

Se nós aceitarmos isso como uma expressão sincera de um cristão normal, não vejo como possamos justificar a nossa indiferença em direção às coisas espirituais. Contudo, caso alguém sinta o desejo de estruturar um definitivo progresso na vida com Cristo, o que é que podemos fazer para lográ-lo? Aqui estão algumas sugestões:

1. *Esforce-se para ir além de um anseio imaginativo.* Ponha a cabeça no lugar de modo afiado e comece a colocar a sua vida em ordem. Todo homem é santo quanto ele realmente deseja ser. Mas a vontade deve ser plenamente convincente. Amarre firmemente as pontas soltas da sua vida. Comece a dizimar; institua a oração em família; liquide as suas dívidas o mais rápido possível e faça algum tipo de acordo franco com cada um dos seus credores aos quais você não pode pagar imediatamente; restitua o mais rápido possível; reserve tempo para orar e buscar as Escrituras; renda-se totalmente à vontade de Deus. Você se surpreenderá e se deleitará com os resultados.
2. *Dispa-se de qualquer hábito não cristão.* Se outros cristãos os praticam sem nenhuma contrição, Deus talvez o esteja chamando para estar mais

perto dEle do que esses outros cristãos desejariam estar. Lembre-se das palavras: “Outros podem, você não”. Não os condene ou critique, mas busque um caminho melhor. Deus o honrará.

3. *Tenha o próprio Cristo no foco do seu coração e mantenha-O nele continuamente.* Somente em Cristo você encontrará plenitude completa. NEle você estará unido à Divindade em consciência plena e viva. Lembre-se de que tudo em Deus é acessível a você em Cristo. Cultive o conhecimento dEle acima de qualquer coisa na terra.
4. *Lance o seu coração aberto ao Espírito Santo e O convide a enchê-lo.* Ele o fará. Não permita que ninguém interprete as Escrituras para você de modo que desmereça o Espírito Santo como dádiva de Deus. Todo homem é cheio do Espírito quanto quiser. Faça do seu coração um aspirador, e o Espírito o invadirá. Em lugar nenhum nas Escrituras nem em biografias cristãs, alguém jamais foi cheio do Espírito sem saber que estivesse, e em nenhum lugar alguém ficou cheio sem saber quando. E ninguém jamais ficou cheio gradualmente.
5. *Seja duro com você mesmo e suave com os outros.* Carregue a sua própria cruz, mas nunca coloque uma nas costas de outrem. Comece a praticar a presença de Deus. Cultive a comunhão com o Deus trino por meio da oração, da humildade, da obediência e da renúncia pessoal.

Que todos os cristãos façam essas coisas e assim obtenham um rápido progresso espiritual. Existem todas as razões por que devemos todos progredir em nossa vida cristã, e nenhuma razão por que não o fazer. Sigamos em frente.

Este capítulo foi escrito para os Gideões Internacionais em Toronto e usado com a sua permissão.

A velha cruz e a nova

NOS POPULARES CÍRCULOS evangélicos de nossos dias, tem surgido, sorrateira e praticamente despercebida, uma nova cruz. Ela é como a antiga cruz, porém diferente: as semelhanças são superficiais; as diferenças, fundamentais.

Da nova cruz tem prosperado uma nova filosofia de vida cristã, e desta, uma nova técnica evangélica — um novo tipo de reunião e de pregação. Esse evangelismo atual emprega a mesma linguagem que o antigo, porém seu conteúdo e sua ênfase não são os mesmos de antes.

A velha cruz não mantinha negociações com o mundo. Para a carne orgulhosa de Adão, isso significou o fim da jornada, pois por ela entrou em vigor a sentença imposta pela lei do Sinai. Ao contrário, a nova cruz não é antagônica à raça humana, mas é como um amigo solícito que, se compreendido corretamente, pode ser fonte abundante de alegria pueril e de prazer inocente. Ela permite que Adão viva sem qualquer interferência. Sua motivação de vida permanece inalterada: ele ainda vive para o seu próprio gozo. A diferença é que agora ele se deleita em entoar cânticos e assistir a filmes religiosos em vez de cantar músicas com duplo sentido e consumir bebidas alcoólicas fortes. A ênfase ainda reside na diversão e no prazer, embora a alegria agora esteja em um patamar moral superior ou, quiçá, intelectual.

A nova cruz encoraja uma abordagem evangelística totalmente diferente. O discurso não apela a uma total abnegação do antigo modo de viver diante da nova vida que pode ser recebida. Ele prega sobre similaridades, e não contrastes. Busca atrair o interesse público afirmando que o cristianismo não faz exigências desagradáveis, mas, ao contrário, oferece o mesmo que o mundo, apenas em um nível superior. Independentemente do que este mundo pecaminoso e perverso esteja

alardeando, a partir do momento em que ele é astutamente mostrado como idêntico ao que o evangelho oferece, apenas o produto religioso torna-se melhor.

A nova cruz não aniquila o pecador, mas o redireciona. Ela o move a um viver mais limpo e alegre, resgatando o seu respeito próprio. Ao autoconfiante, ela diz: “Venha e afirme-se para Cristo”. Ao egotista, ela declara: “Venha e orgulhe-se no Senhor”. Ao caçador de emoções, conclama: “Venha e desfrute da vibrante comunhão cristã”. A mensagem cristã é distorcida em função da corrente em voga com o intuito de torná-la aceitável ao público.

A filosofia por trás desse procedimento pode ser sincera, porém essa sinceridade não o torna menos falso. É falso porque é cego, pois desconsidera totalmente o verdadeiro significado da cruz.

A velha cruz constitui um símbolo de morte. Ela aponta para o abrupto e violento fim do ser humano. Nos tempos romanos, o homem que colocava a cruz nos ombros e saía a caminhar pela estrada já tinha se despedido de seus amigos. Ele não retornaria mais, deixando para trás o que já havia terminado. A cruz não fez nenhuma concessão, não modificou ou poupou nada, mas aniquilou toda a humanidade. Tampouco, tentou manter boas relações com sua vítima. Atingiu o homem de modo cruel e inclemente e, ao término de sua obra, este já não existia mais.

A raça de Adão está sob sentença de morte. Não há comutação de pena ou escapatória. Deus não pode aprovar nenhum dos frutos do pecado, não importa quão inocentes ou belos possam eles parecer aos olhos humanos. Deus salva o indivíduo aniquilando-o para, então, ressuscitá-lo em novidade de vida.

O evangelismo que proclama paralelos conciliatórios entre os caminhos de Deus e dos homens é falso em relação à Bíblia e cruel com a alma de seus ouvintes. A fé de Cristo não traça paralelos com o mundo, mas o atravessa. Ao irmos a Cristo, não levamos a nossa velha vida a um lugar superior; nós a deixamos na cruz. O grão de trigo deve cair no chão e morrer.

Nós, os que pregamos o evangelho, não devemos nos considerar como relações-públicas enviados para estabelecer a boa vontade entre Cristo e o mundo. Não devemos nos imaginar como comissários cuja missão é tornar Cristo aceitável às grandes empresas, à imprensa, ao mundo dos esportes ou

à educação moderna. Somos profetas, e não embaixadores, e nossa mensagem não transmite uma concessão, mas um ultimato.

Deus nos oferece vida, mas não uma velha vida melhorada. O que Ele oferece é uma vida que resulta da morte e permanece sempre no lado distante da cruz. Todo aquele que queira possuí-la deve passar debaixo da vara de Deus. Deve repudiar a si mesmo e concordar com a justa sentença divina contra ele.

O que isso significa ao indivíduo, ao homem condenado que deseja encontrar vida em Cristo Jesus? Como essa teologia pode ser traduzida em vida? Simplesmente, ele deve arrepender-se e crer. Deve abandonar seus pecados e, então, prosseguir e renunciar a si mesmo. O homem nada deve encobrir, defender ou desculpar. Não deve argumentar ou tentar acordos com Ele, mas curvar-se diante do severo e desagradável golpe de Deus, reconhecendo-se digno de morte.

Tendo feito isso, que o homem eleve seus olhos com súplice confiança ao Salvador ressurreto, recebendo dEle vida, renascimento, purificação e poder. A cruz que determinou o fim da vida terrena de Jesus impõe agora um fim ao pecador, e o poder que ressuscitou a Cristo dentre os mortos agora ressuscita o homem para uma nova vida ao lado de Cristo.

Àquele que possa contestar esse fato ou considerá-lo como uma visão estreita e privada da verdade, permita-me dizer que Deus tem colocado o Seu carimbo de aprovação nessa mensagem desde os tempos de Paulo até hoje. Quer seja expresso exatamente com essas palavras quer não, esse tem sido o conteúdo de toda a pregação que tem trazido vida e poder ao mundo através dos séculos. Sejam místicos, reformadores ou avivalistas, todos têm enfatizado isso, e os sinais, maravilhas e ações poderosas do Espírito Santo testemunham a aprovação de Deus.

Ousaremos nós, os herdeiros de tal legado de poder, adulterar a verdade? Iremos nos atrever, com nossa obtusa escrita, a apagar o que tem sido transmitido na Palavra ou alterar o padrão que nos foi mostrado no Monte? Que Deus não nos permita. Antes, proclamemos a velha cruz para que conheçamos o velho poder.

Não há sabedoria no pecado

NO MUNDO ATUAL, o ser humano tem sido dividido em duas classes de pessoas, as boas e tolas e as más e espertas.

Essa classificação enganosa está presente em grande parte da literatura nos últimos séculos, de grandes clássicos a histórias em quadrinhos, de Apolônio, personagem de Shakespeare em *Hamlet*, que transmitiu a seu filho um conjunto de conselhos bem-intencionados, porém de moral dúbia, a Ferdinando, personagem da sátira em quadrinhos *A Família Buscapé*, que jamais faria algo errado de modo consciente e que preferia cair de cabeça a em pé porque seus pés eram mais sensíveis que a sua cabeça.

Nas Escrituras, encontramos exatamente o contrário. Nos textos sagrados, a retidão está sempre associada à sabedoria e o maligno, à insensatez. Independentemente de outros fatores que possam estar presentes na ação dos malfeitores, a insensatez jamais está ausente. Para perpetrar um malfeito, o homem precisa pensar erroneamente; é necessário que ele exercite um mau juízo.

Se isso for verdade, então o diabo foi o primeiro tolo da criação, pois, quando ele apostou em sua capacidade de destronar o Todo-poderoso, foi culpado de um ato de juízo tão ruim quanto insensato. Diz-se que o diabo recebeu uma grande porção de sabedoria, porém toda essa sabedoria deve tê-lo abandonado no instante de seu primeiro pecado, pois certamente subestimou grosseiramente o poder de Deus e sobremaneira superestimou o próprio. Agora, o diabo não é mais retratado nas Escrituras como sábio, apenas como sagaz. Não somos advertidos sobre sua sabedoria, mas quanto aos seus ardis, algo muito diferente.

O pecado, repito, em adição a tudo o mais que ele possa ser, sempre constitui um ato de mau juízo. Para cometer um pecado, o homem precisa acreditar, por um único instante, que as coisas são diferentes do que

realmente são; deve confundir valores e ver o universo moral totalmente fora de foco. Ainda, deve aceitar uma mentira como verdade e uma verdade como mentira, deve ignorar as placas de aviso na estrada e dirigir de olhos fechados, necessita agir como se não possuísse alma e não fosse responsável por suas escolhas morais.

O pecado não é algo de que se orgulhar. Nenhum ato que ignore as consequências, ainda que remotas, pode ser sábio. Assim é o pecado, que apenas possui olhos para o hoje ou, na melhor das hipóteses, para o dia seguinte, e jamais para o dia depois de amanhã, do próximo mês ou ano. A morte e o julgamento são colocados de lado, como se não existissem, e o pecador torna-se um ateu prático que, por seus atos, nega não apenas a existência de Deus, como também o conceito de vida após a morte.

A história está repleta de exemplos de homens cujo poder intelectual era notável, mas seus julgamentos práticos, em contrapartida, quase nulos. Einstein, por exemplo, apesar de ser um gênio matemático, era incapaz de cuidar de sua própria conta bancária, e que distraidamente encalhava a sua pequena lancha com a desculpa de que “devia estar pensando em outra coisa”. Ao ouvir isso, podemos até sorrir, mas não há humor algum no fato de haver outra classe de homens dotados de mente brilhante, cujo julgamento moral era tristemente equivocado. A essa classe, pertenceram homens como Lucrécio, Voltaire, Shelley, Oscar Wilde, Walt Whitman e milhares de outros cujos nomes são menos conhecidos.

A narrativa de que o despreocupado pecador é a pessoa inteligente e o cristão sério, ainda que bem-intencionado, é o patético tolo, totalmente desconectado da vida real, não resiste a uma minuciosa investigação. Basicamente, o pecado é um ato de insensatez moral, e, quanto maior a tolice, tanto maior é o tolo.

Está na hora de os jovens desta geração aprenderem que não há nada inteligente no mau procedimento e nada estúpido com a retidão. Precisamos parar de negociar com o maligno. Nós, cristãos, devemos parar de nos desculpar por nossa posição moral e começarmos a fazer valer a nossa voz, expondo o pecado como inimigo da raça humana que ele certamente é e proclamar a justiça e a verdadeira santidade como os únicos propósitos dignos para seres morais.

A ideia de que o pecado é moderno é totalmente falsa. Um novo pecado não é inventado desde que a história começou a ser registrada. Aqueles

novos vícios que surgem para horrorizar os cidadãos de bem e preocupar a polícia não são realmente novos. Examine aquele livro escrito séculos atrás e você os encontrará ali mencionados. O incansável pecador tentando pensar em alguma nova maneira de expressar o seu amor pela iniquidade nada mais é capaz de fazer do que imitar aqueles que vieram antes dele. Ele não é o brilhante rebelde que proclama ser, mas apenas alguém fraco e tolo, destinado a seguir no longo desfile de morte rumo ao ponto sem retorno.

A cabeça grisalha constitui uma coroa de glória quando é encontrada no caminho da retidão. Contudo, é o boné do tolo quando se está no caminho do pecado. Um pecador idoso é um espetáculo assombroso e assustador. Pode-se pensar nele como aquele condenado em seu caminho rumo ao patíbulo. O coração é assaltado por um sentimento entorpecedor de terror e choque. Saber que aquele homem condenado foi outrora um garoto de boa aparência apenas intensifica o sentimento. Assim como saber que o velho rebelde, agora distante da regeneração, costumava ir antigamente à casa de Deus, nas manhãs de domingo, ao doce som dos sinos, traz mesmo sobre o cristão mais confiável um sentimento de humildade e temor. Na mesma situação estaria não fosse a graça de Deus.

Estou entre aqueles que acreditam que a nossa civilização ocidental caminha a passos largos para a extinção. Há muitas qualidades elogiáveis, a maioria das quais emprestada da ética cristã, mas lhe falta o elemento da sabedoria moral que lhe concederia permanência. Historiadores futuros registrarão que nós, do século 20, tivemos inteligência suficiente para criar uma grande civilização, mas não a sabedoria moral para preservá-la.

Três níveis de conhecimento religioso

EM NOSSO CONHECIMENTO sobre as coisas divinas, três níveis podem ser distinguidos: o conhecimento fornecido pela razão, pela fé e pela experiência espiritual, respectivamente. Esses três níveis de conhecimento correspondem às divisões do tabernáculo na antiga ordem levítica: o pátio externo, o lugar santo e o lugar santíssimo ou santo dos santos.

No mais íntimo do tabernáculo, além do “segundo véu”, ficava o lugar santíssimo, possuindo apenas uma peça de mobília, ou seja, a arca da aliança com os querubins de glória cobrindo o propiciatório. Lá, entre as asas estendidas dos querubins habitava em assombroso esplendor o fogo da presença de Deus, a *Shekinah*. Nenhuma luz natural chegava àquele local sagrado, apenas a pura radiância de Deus, que é luz e no qual não há trevas. Ninguém podia acessar aquela solene Presença, exceto o sumo sacerdote, uma vez por ano, com o sangue da expiação.

Na parte mais externa da tenda e separado por um pesado véu, ficava o lugar santo, igualmente um local sagrado, porém sem a Presença e, assim, sempre acessível aos sacerdotes de Israel. Ali também não adentrava a luz do sol ou da lua, e a iluminação era provida pelas sete lâmpadas do candelabro de ouro.

O átrio dos sacerdotes encontrava-se na área mais externa, um grande cercado no interior do qual ficavam o altar do holocausto e a bacia, ambos de bronze. Essa área era descoberta e recebia luz natural.

Tudo ali era de Deus e tudo era sagrado, mas a qualidade do conhecimento do adorador tornava-se mais profunda e sublime à medida que ele caminhava do pátio externo em direção ao propiciatório e à Presença, onde, por fim, lhe era permitido olhar para os querubins da glória e o Fogo divino que brilhava entre suas asas estendidas.

Tudo isso ilustra, caso não tipifique, os três níveis de conhecimento possíveis ao cristão. Não é apropriado que nos aprofundemos em cada detalhe da bela descrição do Antigo Testamento num esforço para descobrir mais do que realmente está lá. No entanto, mesmo o mais cauteloso expositor dificilmente se oporá ao nosso uso de terreno e externo em contraposição a interno e celestial.

A natureza é um grande mestre e aos seus pés podemos aprender muito do que é bom e enobrecedor. A própria Bíblia nos ensina: *Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite* (Sl 19.1,2). *Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos e sê sábio* (Pv 6.6). *Observai as aves do céu* (Mt 6.26). *Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas* (Rm 1.20). A razão fundamentada em dados fornecidos pela observação natural revela-nos muito sobre Deus e as coisas espirituais. Todo mundo sabe disso.

Contudo, existe conhecimento além e acima do que é fornecido pela observação: o conhecimento recebido pela fé. “Na religião, a fé exerce o seu papel pela experiência nas coisas do mundo”. A revelação divina, por meio das inspiradas Escrituras, oferece dados que residem totalmente fora e acima do poder de alcance da razão. A mente pode fazer as suas deduções após receber esses dados pela fé, porém jamais pode encontrá-las por si mesma. Não existe técnica conhecida pela qual o homem pode compreender que, por exemplo, no princípio Deus criou os céus e a terra ou que há três pessoas na Trindade; que Deus é amor ou que Cristo morreu pelos pecadores; ou que Ele agora está assentado à direita do Todo-poderoso nos céus. Se viermos a saber tais coisas, deve ser por meio de aceitarmos como verdadeiro um corpo de doutrinas que não podemos verificar. Esse é o conhecimento da fé.

Existe, no entanto, um conhecimento mais puro que esse, ou seja, aquele adquirido por meio da experiência espiritual direta. Quanto a isso, há um imediatismo que não deixa dúvidas. Pelo fato de não ser adquirido pela razão fundamentada em dados intelectuais, a possibilidade de erro está eliminada. Por meio da presença do Espírito Santo, o espírito humano é

levado a um contato imediato com uma realidade espiritual superior. Ele vislumbra, experimenta, sente e vê os poderes do mundo vindouro e tem um encontro consciente com o Deus invisível.

Compreenda que tal conhecimento é experimentado, e não adquirido. Não consiste em descobertas sobre algo, mas no próprio algo. Não se trata de um apanhado de verdades religiosas, mas de um elemento que não pode ser dividido em partes. Aquele que desfruta desse tipo de conhecimento é capaz de entender a exortação presente no livro de Jó: *Reconcilia-te, pois, com ele e tem paz, e assim te sobrevirá o bem* (Jó 22.21). Para esse homem, Deus não é uma conclusão extraída de uma evidência, tampouco é a soma do que a Bíblia nos ensina sobre Ele. Tal homem conhece a Deus no sentido mais irredutível do termo “conhecer”. Pode-se quase ser dito que *Deus ocorreu a ele*.

Talvez Cristo tenha expressado tudo isso de modo mais simples em João 14.21: *Eu [...] me manifestarei a ele*. Ora, pelo que temos nos esforçado aqui senão pelo sublimemente simples ensino do Novo Testamento de que o Deus trino deseja habitar no coração do homem redimido, tornando Sua presença constantemente conhecida? O que na terra ou nos céus pode constituir maior bem-aventurança?

A santificação do secular

O NOVO TESTAMENTO nos ensina que todas as coisas são puras para aquele que é puro e, por conseguinte, podemos inferir que para o homem maligno todas as coisas são malignas. A coisa em si não é boa nem má, mas a bondade e a maldade pertencem à personalidade humana.

Tudo depende da condição de nossa vida interior e da relação de nosso coração com Deus. O homem que caminha com Deus verá e saberá que para ele não há nenhuma linha inflexível a separar o sagrado do secular. Tal homem reconhecer-se-á cercado por um mundo de coisas criadas que são inocentes em si mesmas. Compreenderá ainda que existem milhares de ações humanas nem boas nem más, exceto pelo fato de serem perpetradas por homens bons ou maus. O frenético mundo que nos cerca está permeado de ocupações como trabalho, viagens, casamentos, educação dos filhos, enterro de entes queridos, comprar, vender, dormir, comer e relacionamentos sociais com as pessoas de nosso convívio.

Em nossa mente, tais atividades e tudo o mais que preenche nossos dias estão, em geral, separados da oração, da frequência aos cultos e dos demais atos religiosos específicos, como aqueles realizados por ministros durante quase toda a semana ou por pessoas leigas uma ou duas vezes semanais.

Pelo fato de a grande maioria das pessoas se dedicar aos assuntos complexos do viver confiando totalmente em si mesmas, sem qualquer referência a Deus ou à redenção, nós, os cristãos, passamos a chamar as atividades do dia a dia de “seculares”, atribuindo a elas um grau de malignidade que não lhes é inerente e que necessariamente não possuem.

O apóstolo Paulo ensina que cada simples ato de nossa vida deve ser sacramental. *Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus* (1Co 10.31). Novamente: *E tudo*

o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai (Cl 3.17).

Alguns dos grandes santos, assim considerados porque acataram tais advertências com seriedade e buscaram praticá-las, lograram alcançar a santificação do secular ou, talvez, devêssemos dizer a abolição do secular. A atitude deles em relação às coisas triviais da vida elevava-as acima da vala comum, concedendo-lhes uma aura de divindade. Essa pureza de alma derrubou as muralhas que faziam separação entre as diversas áreas de sua vida e tais homens passaram a vê-las como uma só, entregando-as como oferta santa e aceitável a Deus por meio de Jesus Cristo.

Irmão Lourenço, cujo nome de batismo era Nicholas Herman, fez de seu ato mais comum um ato de devoção. Ele disse: “Para mim, o tempo de trabalho não é diferente do momento de oração, e no meio do barulho e alvoroço da minha cozinha, com várias pessoas pedindo coisas diferentes ao mesmo tempo, tenho uma grande tranquilidade em Deus, como se estivesse sobre meus joelhos no santíssimo sacramento”.

Francisco de Assis aceitava toda a criação como sua casa de adoração, convidando todas as coisas, grandes e pequenas, a reunirem-se a ele em adoração à Divindade. A mãe natureza, o ardente sol, a lua prateada, as estrelas da noite, o vento, a água, as flores e frutas, enfim, toda a criação era convidada a adorar com ele o Deus e Rei. Dificilmente algo era deixado no compartimento chamado de secular. O mundo todo brilhava como a sarça de Moisés com a luz de Deus e, diante dele, o santo se ajoelhava com seus pés descalços. Thomas Traherne, escritor cristão do século 17, declarou que os filhos do Rei jamais poderão desfrutar corretamente do mundo caso não despertem a cada manhã no céu, vejam a si mesmos no palácio do Pai e olhem com reverência os céus, a terra e o ar como júbilos celestiais, possuindo respeitoso apreço por tudo como se estivessem entre os anjos.

Isso não significa ignorar a queda do homem e tampouco negar a presença do pecado no mundo. Todo aquele que crê não pode negar a queda, assim como nenhum homem atento pode ignorar a realidade do pecado. Pelo que me consta, nenhum pensador responsável já sustentou que o pecado poderia perder o seu caráter pecaminoso, quer pela oração, quer pela fé, quer por ministrações espirituais. Muito menos os inspirados escritores bíblicos, ou as iluminadas almas daqueles que fundamentaram seus ensinamentos nas Escrituras, tentaram retratar o pecado como se não

fosse extremamente maligno. É possível reconhecer a sacralidade de todas as coisas, mesmo reconhecendo que o mistério da iniquidade tem operado nos filhos da desobediência e que toda a criação geme e suporta angústias até agora, aguardando a revelação dos filhos de Deus.

Traherne viu essa aparente contradição e explicou:

Desprezar e desfrutar o mundo são coisas contrárias entre si. Como podemos desprezar o mundo, nós que nascemos para desfrutá-lo? Na verdade, existem dois mundos. Um criado por Deus e o outro, pelos homens. Aquele feito por Deus era grandioso e belo. Antes da queda, era a alegria de Adão e o templo de sua glória. Aquele feito pelos homens é uma Babel de confusões: inventaram riquezas, pompas e vaidades, introduzidas pelo pecado. Dá tudo (disse Tomás de Kempis) por tudo. Deixe um para que possa desfrutar do outro.

Almas como a desses homens alcançaram a santificação do secular. Contudo, a igreja atual está sofrendo com a secularização do sagrado. Ao aceitarmos os valores terrenos, ao pensarmos como este mundo, adotando os seus caminhos, temos obscurecido a glória que brilha sobre nós. Falhamos em submeter a terra ao julgamento do céu e, assim, expomos o céu ao julgamento da terra. Tem piedade de nós, Senhor, pois não sabemos o que fazemos!

Deus deve ser amado por Ele mesmo

DEUS, SENDO QUEM é, deve sempre ser buscado pelo que Ele é, jamais como um meio de alcançar algo mais.

Qualquer um que busque outras coisas, e não a Deus, está por conta própria. Ele pode até ser capaz de alcançar as coisas que busca, mas nunca terá Deus, pois Ele jamais é encontrado por acidente. *Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração* (Jr 29.13). Todo aquele que busca a Deus como um meio para alcançar um fim almejado, não irá encontrá-Lo. O poderoso Deus, Criador dos céus e da terra, não será um de muitos tesouros, nem mesmo o maior de todos eles. Ele será tudo em todos ou não será nada. Deus não será usado. Sua misericórdia e graça não têm fim, e Sua paciente compreensão não se pode medir, mas Ele não ajudará nenhum homem em seu esforço egoísta por ganhos pessoais. Homem algum receberá o auxílio de Deus para alcançar fins que, uma vez obtidos, usurpem o lugar que Ele, por direito, deve ocupar na afeição e no anseio daquele homem.

Não obstante, o cristianismo popular apresenta como um de seus mais efetivos argumentos de propagação a ideia de que Deus existe para ajudar pessoas em sua busca pela prosperidade neste mundo. O Deus dos pobres tornou-Se o Deus de uma sociedade emergente. Cristo não mais Se recusa a ser um juiz ou desagregador entre irmãos sedentos por dinheiro. Agora, Ele pode ser persuadido a auxiliar o irmão que O aceitou a tirar vantagem de outro que ainda não tenha se decidido por Cristo.

Um exemplo tosco do esforço moderno em manipular Deus na busca por objetivos egoístas envolve um conhecido comediante que, após repetidos fracassos, prometeu, a alguém a quem chamava de Deus, que iria compensá-Lo com doações generosas para o cuidado de crianças enfermas, caso Ele o ajudasse a prosperar no mundo do entretenimento. Pouco tempo

depois, esse artista alcançou um estrondoso sucesso nas boates e na televisão. Assim, ele tem cumprido a sua palavra, arrecadando grandes somas em dinheiro para a construção de hospitais infantis. Segundo ele, tais contribuições para a caridade são um pequeno preço a pagar pelo sucesso alcançado em uma das áreas mais vulgares do empreendimento humano.

Pode-se justificar a atitude desse artista como algo a ser esperado dentro do paganismo de nosso século, porém não podemos negligenciar tão facilmente a possibilidade de que, talvez, multidões de evangélicos na América do Norte possam realmente crer que Deus teve algo a ver com tudo isso. Essa rasa e falsa visão da Divindade é uma das principais razões para a imensa popularidade desfrutada por Deus entre os bem nutridos ocidentais de nossos dias.

A Bíblia nos ensina que o próprio Deus é o fim para o qual o homem foi criado. O salmista declara: *Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra* (Sl 73.25). O primeiro e maior mandamento é amar a Deus com toda a força de nosso ser. Onde existe um amor como esse, não há lugar para um segundo objeto amado. Se amamos a Deus tanto quanto devemos, certamente não podemos sonhar ou contar com o Seu auxílio na busca de algo que amamos que não seja Ele mesmo.

Bernardo de Claraval inicia o seu pequeno e radiante tratado sobre o amor de Deus com uma questão e uma resposta. A questão: por que devemos amar a Deus? A resposta: porque Ele é Deus. O autor ainda desenvolve um pouco mais a sua ideia, porém para o coração iluminado nada mais necessita ser dito. Devemos amar a Deus porque Ele é Deus. Além disso, nem mesmo aos anjos é permitido questionar.

Por ser quem é, Deus deve ser amado por Ele mesmo. Deus é a razão de nosso amor por Ele, assim como Ele mesmo é a razão de Seu amor por nós e dos demais feitos que realizou, está realizando ou realizará, eternamente. A principal razão de Deus para tudo é o Seu próprio e bom regozijo. A investigação de motivos secundários é gratuita e, em geral, fútil. Tal busca propicia ocupação aos teólogos e acrescenta páginas aos livros sobre doutrina, porém é duvidoso acreditar que dela surjam quaisquer explicações verazes.

Entretanto, compartilhar é da natureza de Deus. As poderosas obras da criação e da redenção foram realizadas por Deus para o Seu próprio deleite, mas o Seu prazer é estendido a todas as coisas criadas. Basta observar uma

criança saudável gastando toda a sua energia ou ouvir o trinar de um pássaro ao entardecer para entender que o plano de Deus para Seu universo é que ele fosse repleto de alegria.

Aqueles que forem espiritualmente aptos a amar a Deus por Ele mesmo descobrirão milhares de fontes emanando do trono circundado pelo arco-íris e trazendo consigo incontáveis tesouros a serem recebidos com reverente gratidão como sendo o transbordar do amor de Deus por seus filhos. Cada dom é uma dádiva da graça que, por não ter sido buscado para fins egoístas, pode ser desfrutado sem contraindicação para a alma. Incluem-se neles as bênçãos simples da vida, tais como: boa saúde, lar, família, amigos fiéis, alimento, abrigo, as puras alegrias da natureza ou os prazeres mais efêmeros da música e da arte.

O incansável empenho visando encontrar tais tesouros por meio da busca direta, sem a companhia de Deus, tem constituído a principal atividade humana no decorrer dos séculos. Esse tem sido o fardo do ser humano e sua grande angústia. O desejo de obtê-los como motivação inconfessa por trás da aceitação de Cristo pode ser algo novo debaixo do sol, mas, seja novo ou antigo, ainda é um mal que trará condenação final.

Deus deseja ser amado por nós pelo que Ele é, e não por motivações ocultas, confiando nEle para que seja tudo o que nossa natureza necessita. Nosso Senhor confirmou isso com estas palavras: *Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas* (Mt 6.33).

Fé verdadeira é ativa, e não passiva

UM CRISTÃO É aquele que crê em Jesus como Senhor. Todo evangélico concorda com essa afirmação. De fato, pode parecer que não há mais nada a ser feito, uma vez que o Novo Testamento é muito claro a esse respeito.

O reconhecimento inicial de Cristo como Senhor e Salvador é, em geral, seguido pelo batismo e respectiva membresia no rol de alguma igreja protestante, porque isso satisfaz o anseio por comunhão com pessoas que pensam da mesma forma. Uns poucos cristãos se esquivam da religião organizada, mas a grande maioria, embora reconheça as imperfeições nas igrejas, sente que pode servir melhor ao Senhor dentro de uma comunidade religiosa do que fora dela.

Contudo, existe uma falha grave em tudo isso, ou seja, que muitos — seria exagerado demais se dissesse a maioria? — dos que confessam a sua fé em Cristo e se associam a comunidades cristãs experimentam pouca alegria em seu coração, nenhuma paz de mente e, considerando as aparências externas, não são melhores moralmente do que cidadãos educados e comuns desprovidos de qualquer interesse religioso e que, por conseguinte, não professam o cristianismo. Qual a razão disso?

Creio que isso resulta de um conceito inadequado de cristianismo e de uma compreensão equivocada do caráter revolucionário presente no discipulado cristão. Decerto, não há nada de novo em minha conclusão. Os evangelistas ecoam as suas lamentações em alto e bom som sobre os corpos de membros falecidos da igreja, por melhores que tenham sido em vida, bem como muitos artigos de reflexão e livros têm surgido, de tempos em tempos, lidando com o grave hiato entre fé e prática, observado entre os cristãos professos.

Por que, então, unir a minha débil voz à de muitos outros? Porque muitos dos que lamentam essa condição parecem não saber como lidar com

ela e porque creio que o caminho é claro, embora difícil. Outra razão é que não existe justificativa para prosseguirmos nessa pobre e miserável condição quando podemos desfrutar da vida abundante que há em Cristo Jesus. A verdadeira fé provoca uma transformação moral e espiritual, trazendo consigo uma testemunha interior que não pode ser enganada. Isso ocorre quando paramos de acreditar na crença e passamos a crer, de fato e de verdade, no Senhor Jesus Cristo.

A verdadeira fé não é passiva, mas ativa. Ela demanda que cumpramos certas condições, permitindo que os ensinamentos de Cristo dominem totalmente a nossa vida, a partir do momento em que cremos. O homem de fé salvadora deve estar disposto a ser diferente dos demais. Enquanto permanecermos enredados neste mundo, o esforço para desfrutarmos os benefícios da redenção será fútil. Devemos optar por um ou outro e, rapidamente, a fé faz a sua escolha, da qual não há retorno.

A mudança experimentada pela pessoa verdadeiramente convertida é igual àquela vivenciada pelo homem que se muda para outro país. A alma regenerada não se sente mais em casa neste mundo, da mesma forma que Abraão se sentiu quando deixou Ur dos caldeus, para iniciar a sua jornada rumo à terra prometida. Exceto para a sua pequena comitiva, era um estranho para as demais pessoas que o cercavam. Ele era chamado de “Abraão, o hebreu”, e, se falasse o idioma das pessoas entre as quais estava morando, o seu sotaque seria imediatamente notado. Todos saberiam que Abraão não era um deles.

Essa jornada de Ur a Betel é feita por cada alma que decide seguir Cristo. No entanto, não é uma peregrinação para os pés, mas para o coração. O renascido em Cristo é um imigrante, que foi transportado de sua antiga morada no reino dos homens para o reino de Deus, e deve preparar-se para as drásticas mudanças que, inevitavelmente, virão.

Uma das primeiras alterações será a mudança de interesse da terra para o céu, dos homens para Deus, do tempo presente para a eternidade, do ganho terreno para Cristo e Seu reino eterno. Repentina ou lentamente, é certo que a pessoa desenvolverá um novo padrão de vida. As coisas antigas passarão e eis que tudo se fará novo, primeiro interna e, depois, externamente, pois a mudança interior logo passará a ser manifesta pelas respectivas mudanças em seu modo de viver.

A transformação se expressará de muitas maneiras, e seus antigos amigos passarão a se preocupar com ela. A princípio, irão zombar dela e, depois, passarão a repreendê-la. E, se a pessoa insistir em sua determinação de seguir Cristo, podem até começar a persegui-la. Aquele nascido apenas uma vez não compreende o que nasce duas vezes e, mesmo após milhares de anos, Caim ainda odeia a Abel e Esaú ameaça a Jacó. Que o homem que odeia os seus pecados enfrentará problemas com aqueles que não odeiam é uma verdade tanto hoje quanto era nos tempos bíblicos. As pessoas se ressentem quando seus amigos se afastam delas e, por consequência, passam a condenar o modo de viver deles.

A mudança se revelará ainda mais na literatura que o novo cristão irá ler, nos lugares que frequentar, nas amizades que cultivar, na ocupação de seu tempo e na administração do seu dinheiro. De fato, a fé não deixa intocada nenhuma área da vida do novo cristão.

O homem genuinamente renascido terá um novo centro de vida. Ele experimentará uma nova orientação que afetará toda a sua personalidade e se conscientizará de uma perspectiva filosófica diferente. As coisas que ele, outrora, valorizava, podem repentinamente perder o valor. Pode até mesmo passar a odiar algumas coisas que antes amava.

O homem que se afasta desse tipo de cristianismo revolucionário está, na verdade, se afastando da cruz. No entanto, milhares agem assim e tentam endireitar as coisas por meio do batismo e de entrar para o rol de membros de uma igreja. Não causa espanto que se sintam tão insatisfeitos.

Sobre o considerar como muito garantido

CERTA FEITA, MARIA e José, saindo de Jerusalém, viajavam de volta para casa, juntamente com seus amigos e familiares. Supondo que o jovem Jesus estivesse entre os demais componentes daquela comitiva, caminharam um dia inteiro antes de perceber que o menino havia sido deixado para trás.

Eles falharam ao assumirem como verdadeiro aquilo que queriam crer. Uma simples e breve verificação no início da viagem os teria livrado daquela angustiante experiência de medo e incerteza, bem como de dois dias adicionais de viagem. Decerto, a falha que cometeram era desculpável, e não estamos livres do grande perigo de a cometer também. Toda a comitiva de evangélicos está viajando para casa presumindo muitas coisas, e algumas delas podem não ser verdadeiras. Seria melhor verificá-las antes de irmos mais longe. Nossa falha em fazer isso pode levar a consequências mais sérias do que as sofridas por Maria e José. Pode nos levar direto a uma tragédia.

Existe o perigo de considerarmos Cristo como algo garantido. Pelo fato de possuímos crenças do Novo Testamento, “supomos” ser, por consequência, cristãos neotestamentários, mas isso não é procedente. O diabo conhece mais sobre teologia do que nós, mas continua sendo o diabo.

Podemos, por exemplo, presumir que a salvação seja possível sem haver arrependimento. O perdão sem arrependimento é uma ilusão que a simples honestidade nos obriga a expô-la como ela é. Conforme as Escrituras, o senso comum e a experiência dos santos de todas as épocas, para haver perdão deve haver renúncia ao pecado.

Igualmente, corremos o risco de tomar por certo o valor da religião sem a retidão. Somos diariamente pressionados pelos vários meios de comunicação a crer que a religião nada mais é do que uma linda muleta, capaz de trazer coragem e paz mental a este atribulado mundo. Devemos

resistir a esse esforço de lavagem cerebral. O propósito da obra redentora de Cristo foi propiciar aos homens maus a possibilidade de se tornarem profunda, radical e totalmente bons. Deus remove os homens do reino das trevas, transportando-os para o reino do Filho do Seu amor. Crer que tais homens trasladados podem ainda permanecer nas trevas exige uma reflexão sobre o sangue de Cristo e a sabedoria de Deus.

Apesar de tudo o que Tiago escreveu em contrário, ainda tendemos a considerar como certo que a fé sem obras, de alguma forma, possui um valor místico afinal. Contudo, *a fé [...] atua pelo amor* (Gl 5.6), escreveu Paulo, e onde as obras de amor estão ausentes podemos apenas concluir que a fé também não está presente. A fé desacompanhada tem excluído a fé em Deus de muitos lugares.

Toda uma nova geração de cristãos tem sido levada a crer que é possível “aceitar” Cristo sem abandonar o mundo. Mas o que nos diz o Espírito Santo? *Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus* (Tg 4.4) e *Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele* (1Jo 2.15). Isso dispensa comentários e requer apenas obediência.

Da mesma forma, podemos equivocadamente presumir que seja possível experimentar a justificação sem a transformação. Justificação e regeneração são diferentes; ainda que possam ser ensinadas separadamente na teologia, elas jamais podem ser vivenciadas, de fato, isoladamente uma da outra. Quando Deus *declara* um homem justificado, Ele imediatamente inicia o processo de *torná-lo* justo. Nosso erro hoje é não esperar que um homem convertido se torne um homem transformado, e o resultado desse equívoco pode ser visto em nossas igrejas repletas de cristãos abaixo do padrão. Um avivamento significa, entre outras coisas, um retorno à crença de que a fé genuína invariavelmente produz santidade de coração e integridade de vida.

Uma vez mais, podemos nos enganar supondo que o trabalho espiritual possa ser realizado sem o devido poder espiritual. Tomei conhecimento de uma noção seriamente alardeada de que, considerando que para se ganhar pessoas para Cristo era necessário possuir um dom do Espírito Santo, agora filmes religiosos tornam possível a qualquer um ganhar almas, sem necessitar de unção espiritual! “Os *deuses primeiro* enlouquecem aqueles a

quem *querem destruir*”. Certamente, tal ideia é loucura, mas até agora não ouvi qualquer desafio a essa insanidade entre os evangélicos.

David Brainerd, certa feita, comparou um homem sem o poder do Espírito tentando realizar uma obra espiritual a um trabalhador sem dedos tentando realizar uma tarefa manual. Por mais que a comparação pareça excessiva, ela não exagera os fatos. O Espírito Santo não é um acessório de luxo para dar aos cristãos um toque de sofisticação, tal como uma fachada iluminada e uma encadernação de couro trazem requinte a um livro. O Espírito é uma necessidade imperativa.

Sem ter a pretensão de esgotar a lista de coisas erroneamente tidas como certas, eu mencionaria apenas mais uma: milhões têm a certeza de que é possível viver para Cristo sem primeiro ter morrido com Cristo. Esse é um grave erro, e não podemos deixar de combatê-lo.

O cristão vitorioso conhece duas vidas. A primeira era a sua vida em Adão, motivada pela mente carnal e que jamais pode agradar, de alguma forma, a Deus. Ela não pode ser convertida; pode apenas morrer (Rm 8.5-8). A segunda vida do cristão é a sua nova vida em Cristo (6.1-14). Viver uma vida cristã com a vida de Adão é totalmente impossível. Não obstante, multidões assumem como certa tal possibilidade e, assim, prosseguem, ano após ano, em derrota. E o pior de tudo é que eles consideram normal essa condição de morto-vivo.

Pelo bem de nossa alma, não o consideremos como muito garantido.

A cura para um espírito irascível

EM SALMO 37.1, o Espírito Santo nos exorta a termos cuidado com a irritação em nossa vida religiosa: *Não te indignes por causa dos malfeitores, nem tenhas inveja dos que praticam a iniquidade.*

A palavra “indignes” origina-se de um termo anglo-saxão e carrega consigo uma variedade de significados, assim como traz um sorriso de aflição ao nosso rosto. Perceba como eles nos expõem e nos identificam por trás de nossos disfarces. O sentido principal da expressão é comer, e deste há ramificações dotadas de rara honestidade, abrangendo a maioria das manifestações de uma disposição irritadiça. “Corroer; roer; atritar; esfolar; aborrecer; preocupar; inquietar; desgastar”; assim encontramos nos dicionários, e todos os que já sentiram os corrosivos e fatigantes efeitos da irritabilidade sabem como essa descrição retrata os fatos com precisão.

Agora, a graça de Deus age no coração humano para acalmar a agitação que, em geral, acompanha nosso viver diário neste frenético mundo. O Espírito Santo atua como um lubrificante para reduzir ao máximo o atrito e interromper a irritação e o desgaste em suas fases mais intensas. Contudo, para a maioria de nós, o problema não se mostra tão simples assim.

A irritabilidade pode ser controlada ao seu nível mais baixo, porém suas raízes permanecem profundamente vivas em nossa alma, crescendo e se espalhando sem levantar suspeitas, disparando doses de seu antigo veneno, sob outros nomes e formas.

As palavras do salmista, “Não te indignes”, não são endereçadas aos não regenerados, mas a pessoas tementes a Deus, capazes de compreender as coisas espirituais. Nós, cristãos, precisamos vigiar e orar para não cairmos nessa tentação e arruinar o nosso testemunho com um espírito exasperável e sensível ao estresse e esforço da vida.

Demanda-se grande cuidado e um autoconhecimento real para distinguir um fardo espiritual de uma irritação religiosa. Não podemos fechar a nossa mente para tudo o que está acontecendo ao redor. Tampouco, podemos permanecer relaxados e despreocupados em Sião quando a Igreja desesperadamente necessita de homens e mulheres sensíveis espiritualmente, capazes de enxergar as suas falhas e trazê-la de volta ao caminho de justiça. Nos tempos bíblicos, os profetas e apóstolos carregavam no coração uma responsabilidade tão esmagadora pelo teimoso povo de Deus a ponto de dizerem: *As minhas lágrimas têm sido o meu alimento dia e noite* (Sl 42.3) e, ainda, *Prouvera a Deus a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos, em fonte de lágrimas! Então, choraria de dia e de noite os mortos da filha do meu povo* (Jr 9.1). Tais homens tinham sobre si um fardo real e pesado. O que eles sentiam não era irritação, mas um zelo profundo pela honra de Deus e pelas almas dos homens.

Por natureza, algumas pessoas são facilmente irritáveis. Elas têm dificuldade em separar suas antipatias pessoais do fardo do Espírito. Quando se sentem afligidas, dificilmente conseguem dizer se é devido a um zelo puro e genuíno ou por mera irritação gerada pelo fato de outros cristãos defenderem opiniões diferentes das suas.

De uma coisa, contudo, podemos ter certeza: jamais conseguiremos escapar das influências externas que nos causam irritação. O mundo está permeado delas, e mesmo que nos retirássemos para uma caverna, vivendo ali o resto de nossos dias, ainda assim não conseguiríamos nos livrar delas. O chão áspero da caverna nos incomodaria, o couro de nossa roupa nos irritaria, ou até mesmo o próprio silêncio nos aborreceria.

A libertação de um espírito irritado pode vir por meio de sangue e fogo, pela humildade, abnegação e pelo paciente carregar da cruz. Sempre haverá “malfeitores” e “praticantes da iniquidade” e, para a maioria das pessoas, eles parecerão ser bem-sucedidos enquanto às forças da justiça darão a impressão de fracassar. O ímpio sempre terá o dinheiro, o talento, a publicidade e os números, enquanto os justos serão poucos, pobres e desconhecidos. O cristão que não vigia e ora, certamente, irá interpretar mal os sinais e se irritará diante das circunstâncias. O Espírito nos adverte quanto a isso.

Vamos olhar o mundo com mais tranquilidade ou, melhor ainda, olhemos de cima para baixo, de onde Cristo está assentado, e nós com Ele. Embora o ímpio prospere como uma “árvore frondosa”, isso não dura muito. Logo ele morre e deixa de ser. *Vem do Senhor a salvação dos justos, ele é a sua fortaleza no dia da tribulação* (Sl 37.39). Esse conhecimento deve curar um espírito irascível.

Vanglória ou depreciação

TODOS NÓS SABEMOS quão doloroso é sermos forçados a ouvir um exibicionista convicto discorrer sobre seu assunto favorito; ele mesmo. Ser ouvinte de alguém assim, mesmo que por pouco tempo, testa a nossa paciência ao extremo e coloca uma pesada carga sobre a nossa tolerância cristã.

A vanglória é particularmente ofensiva quando expressa entre os filhos de Deus, o único lugar onde ela jamais deveria ser encontrada. Não obstante, a sua presença entre cristãos é quase comum, embora disfarçada pelo uso do conhecido chavão “Digo isso para a glória de Deus”.

Alguns soberbos parecem sentir um leve peso na consciência, desculpando-se humildemente por seus arroubos de autolouvor. Outros, crendo realmente serem tudo aquilo que seus parentes e amigos fiéis dizem deles, falam de si mesmos habitualmente em termos reverentes, como se a superioridade deles fosse do conhecimento comum e tão bem estabelecida a ponto de dispensar provas. Assim era o cantor que respondia a um entusiasmado elogio após sua *performance*: “Bem, o que você esperava?”

Deus é muito paciente com Seus filhos e, com frequência, tolera neles características carnais capazes de chocar os demais cristãos. Mas apenas por algum tempo. À medida que mais luz penetra em nosso coração e, especialmente, quanto mais vivenciamos novas e avançadas experiências espirituais, Deus começa a impor disciplinas sobre nós para nos purificar das mesmas falhas que Ele tolerava antes. Então, Deus permite-nos dizer e fazer coisas que nos desfavorecem, expondo a nossa vaidade pelo que ela é. Assim, na providencial vontade de Deus, é possível que percamos aquele dom do qual nos gabávamos ou que fracasse aquele projeto que nos enchia de orgulho. Após termos aprendido a lição, o Senhor pode restaurar aquilo que nos foi tirado, pois Ele Se preocupa muito mais com nossa alma do que

com o nosso serviço. Algumas vezes, no entanto, a soberba interior fere-nos de maneira permanente e priva-nos de bênçãos que poderíamos desfrutar.

Outro hábito não tão odioso assim é o da autodepreciação. Porém, apesar de parecer o oposto da vanglória, na verdade é o mesmo velho pecado viajando sob um pseudônimo. Simplesmente, é o egoísmo tentando agir sob um verniz espiritual. É o impaciente Saul oferecendo precipitadamente um sacrifício inaceitável ao Senhor.

A autodepreciação é ruim porque o eu deve estar lá para ser depreciado. O eu, quer seja exaltado, quer humilhado, jamais pode ser outra coisa a Deus que não algo detestável.

A vanglória é uma evidência da nossa satisfação com o nosso próprio eu; e a deprecição, do nosso desapontamento com ele. De um modo ou de outro, revelamos possuir uma elevada opinião sobre nós. O depreciador está desapontado pelo fato de alguém, obviamente superior, ter desempenhado melhor que ele. Assim, ele se autopune, fazendo comentários desairosos sobre si mesmo. Porém, pode ser facilmente provado que as suas palavras não refletem o que ele realmente pensa sobre si. Basta que outra pessoa diga as mesmas coisas sobre ele. Seu impulso de autodefesa revelará como ele se sente, e secretamente tem se sentido, todo aquele tempo.

O cristão vitorioso não se exalta ou se deprecia. Seus interesses não estão mais focados em si, mas em Cristo. O que ele é ou deixa de ser não o preocupa mais. Ele crê que foi crucificado juntamente com Cristo e não deseja mais louvar ou depreciar um homem assim.

Contudo, o reconhecimento de ter sido crucificado garante apenas metade da vitória. *Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim* (Gl 2.20). Agora, Cristo está onde o ego do homem estava anteriormente. O homem passa a ser cristocêntrico em vez de egocêntrico, esquecendo-se de si mesmo em sua prazerosa preocupação com Cristo.

A sinceridade me compele a reconhecer que é muito mais fácil escrever do que viver isso. O eu é uma das plantas mais resistentes a florescer no jardim da vida. Na verdade, não há como destruí-la por meios humanos. Quando temos certeza de que o eu está morto, ele ressurge em outro lugar mais forte que nunca para perturbar a nossa paz e envenenar o fruto de nossa vida.

No entanto, há libertação. Aproximamo-nos da vitória quando nossa crucificação judicial se torna real; e, quando a nossa fé se levanta para reivindicar a ressurreta vida de Cristo como nossa, então o triunfo é completo. O problema é que não recebemos os benefícios de tudo isso até que algo radical aconteça em nossa própria experiência, algo que em seus efeitos psicológicos aproxima-se da crucificação real. Precisamos passar pelo que Cristo passou. Rejeição, rendição, perda, uma violenta separação do mundo, a dor do ostracismo social. Tudo isso necessita ser sentido em nossa experiência real.

Temos falhado na aplicação prática do ensinamento sobre a vida crucificada. Muitos têm se contentado em ser cristãos de gabinete, satisfeitos com a teologia da cruz. Claramente, Cristo jamais planejou que repousássemos em uma mera teoria da autonegação. O ensino de Cristo identificou os Seus discípulos tão intimamente com Ele mesmo que eles teriam de ser extremamente obtusos para não entender que deveriam experimentar dor e perda similares às vivenciadas pelo Senhor Jesus.

A alma saudável é a alma vitoriosa, e vitória não é alcançada enquanto o eu não for julgado e crucificado. Enquanto nos vangloriarmos ou nos depreciarmos, podemos ter a plena certeza de que a cruz ainda não realizou a sua obra em nosso interior. Fé e obediência irão trazer a cruz à vida, bem como cura para ambos os hábitos.

A comunhão dos santos

Creio na comunhão dos santos

Credo dos Apóstolos

ESSAS PALAVRAS FORAM escritas no credo por volta da metade do século 5.

Passados tantos séculos, ser-nos-ia difícil ou praticamente impossível saber o que exatamente os pais da Igreja tinham em mente quando inseriram tais palavras no credo, mas no livro de Atos há uma descrição da primeira comunidade cristã: *Então os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas. E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações (2.41,42).*

Aqui está a irmandade apostólica original, o padrão que toda comunidade cristã genuína deve seguir.

A palavra “comunidade”, em que pese todos os seus abusos, ainda é significativa e bela. Quando corretamente compreendida, ela significa o mesmo que o termo “comunhão”, ou seja, o ato e a condição de um grupo de pessoas no compartilhamento mútuo de algumas bênçãos comuns. Assim, a comunhão dos santos significa o compartilhar íntimo e amoroso de certas bênçãos espirituais por pessoas que estão em iguais condições diante da bênção que compartilham. Essa comunidade deve incluir cada membro da Igreja de Deus, desde o dia de Pentecostes até o presente momento, prosseguindo até o final dos tempos.

Agora, antes de haver *comunhão* deve existir *união*. Os que dela compartilham são os que estão unidos acima de organização, nacionalidade, raça ou denominação. Essa unicidade é algo divino, alcançada mediante o Espírito Santo no ato da regeneração. Qualquer um que é nascido de Deus se torna um com os demais nascidos de Deus. O ouro sempre será ouro; cada pepita, independentemente de seu tamanho, formato ou local onde for

descoberta, pertence à mesma família e possui os mesmos elementos. Analogamente, toda e qualquer alma regenerada pertence à comunidade cristã universal e à irmandade dos santos.

Toda alma redimida nasce da mesma vida espiritual, assim como qualquer outra alma redimida, e compartilha a natureza divina exatamente da mesma forma. Portanto, cada uma é incluída no rol de membros da comunidade cristã, participando conjuntamente de tudo o que aquela comunidade desfruta. Essa é a verdadeira comunhão dos santos. Contudo, não é suficiente apenas ter conhecimento disso. Para ter acesso ao poder dessa comunhão, é necessário nos exercitarmos nessa verdade; devemos *praticar* o pensamento e a oração com a noção de que somos membros do Corpo de Cristo e irmãos de todos os santos resgatados, vivos ou mortos, que creram em Cristo e O reconheceram como Senhor.

Afirmamos que a comunhão dos santos é uma irmandade, um compartilhamento de certas coisas divinamente concedidas por pessoas divinamente chamadas. Agora, quais são essas coisas?

A primeira e mais importante é *vida*; “a vida de Deus na alma do homem”, tomando por empréstimo uma frase de Henry Scougal. Essa vida constitui a base de tudo o que é concedido e compartilhado. Essa vida é nada menos que o próprio Deus. Deveria ser evidente que não pode haver compartilhamento cristão genuíno se não houver antes uma concessão de vida. Uma organização e um nome não fazem uma igreja. Uma centena de pessoas religiosas ligadas por uma meticulosa organização não compõe uma igreja, assim como onze mortos não constituem um time de futebol. O primeiro requisito é vida, sempre.

A irmandade apostólica é igualmente uma irmandade da *verdade*. A inclusão deve sempre vir acompanhada da exclusividade. A verdade traz para seu círculo gracioso todos os que admitem e aceitam a Bíblia como fonte de toda verdade e o Filho de Deus como Salvador da humanidade. Entretanto, não deve haver um compromisso débil com os fatos, tampouco a repetição de antigas frases sentimentais como: “Estamos todos indo para o mesmo lugar [...]. Cada um está buscando agradar ao Pai da sua própria maneira e fazer do céu a sua casa”. A verdade liberta os homens, e a verdade irá unir e separar, abrir e fechar, incluir e excluir, conforme a sua elevada vontade, não importa quem. Rejeitar ou negar a verdade da Palavra significa nos excluirmos da comunhão apostólica.

Bem, alguém poderá perguntar: “De qual verdade você está falando? Estou destinado a depender da verdade batista, da presbiteriana ou da anglicana, de todas elas ou de nenhuma delas? Para conhecer a comunhão dos santos, devo crer no calvinismo ou no arminianismo? No formato de liderança da igreja congregacional ou da episcopal? Devo interpretar a profecia conforme os pré-milenaristas ou os pós-milenaristas? Devo crer na imersão, na efusão ou na aspensão?” A resposta a todas essas questões é fácil. A confusão é apenas aparente, e não real.

Os cristãos primitivos, sob o fogo da perseguição, forçados a ir de um lugar a outro e, por vezes, desprovidos da oportunidade de receber uma instrução mais consistente em relação à fé, passaram a desejar uma “regra” que resumisse tudo o que eles deveriam crer visando garantir o seu duradouro bem-estar. Dessa carência crítica surgiram os credos. Dos muitos que foram escritos, o Credo dos Apóstolos é o mais conhecido e estimado, sendo reverentemente propagado por grande número de cristãos ao longo dos séculos. E, para milhões de pessoas, esse credo contém a essência da verdade. Não todas as verdades, por certo, mas o cerne de toda a verdade. Naqueles dias difíceis, essas palavras serviram como uma espécie de código secreto, capaz de instantaneamente unir pessoas, quando propagadas de boca em boca pelos seguidores do Cordeiro. É justo afirmar, então, que a verdade compartilhada pelos santos na irmandade apostólica é a mesma verdade que, por necessidade, foi condensada no Credo dos Apóstolos.

Nos tempos atuais, quando a verdade do cristianismo se encontra sob intenso ataque, vindo de muitas direções, é da mais absoluta importância que saibamos no que temos crido e guardemos esse conhecimento com todo o cuidado. Contudo, em nosso esforço de interpretar e expor as Sagradas Escrituras, conforme a antiga fé de todos os cristãos, não podemos esquecer que uma alma pode encontrar a salvação por meio do sangue de Cristo mesmo conhecendo pouco sobre os ensinamentos da teologia cristã. Assim, devemos admitir em nossa comunidade toda e qualquer ovelha que tenha ouvido a voz do Pastor e tente segui-Lo.

O neófito em Cristo, que ainda não tenha tido muito tempo para aprender mais sobre a verdade cristã, e aquele cristão menos favorecido que tenha o infortúnio de ser levado a uma igreja na qual a Palavra tem sido negligenciada do púlpito, estão em situações semelhantes. A fé deles abrange apenas uma pequena porção da verdade, e o “partilhar” deles

permanece necessariamente restrito a essa diminuta porção por eles conhecida. O mais importante, porém, é que mesmo o pouco que conheçam seja *verdade real*. Pode ser que saibam apenas que *Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores*; mas, se andarem à luz dessa verdade, nada mais é preciso para serem aceitos no círculo dos abençoados e se tornarem membros genuínos da irmandade apostólica.

Então, a verdadeira comunhão cristã consiste no compartilhamento de uma *Presença*. Isso não é mera poesia, mas um fato ensinado com grande ênfase no Novo Testamento. Deus nos concedeu a Si mesmo na pessoa de Seu Filho. *Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles* (Mt 18.20). A imanência de Deus em Seu universo torna possível que os santos de Deus compartilhem da “Presença real”, simultaneamente, no céu e na terra. Seja onde for, Ele está presente entre os santos, na plenitude de Sua divindade.

Eu não creio que a Bíblia ensine a possibilidade de comunicação entre os santos na terra e aqueles no céu. Mas, embora não possa haver comunicação, quase certamente pode haver comunhão. A morte não remove aquele que crê de seu lugar no Corpo de Cristo. Assim como em nosso corpo humano cada membro é nutrido pelo mesmo sangue que, ao mesmo tempo, concede vida e unidade a todo o organismo, no Corpo de Cristo o fluir do Espírito através de cada membro concede vida e unidade ao todo. Os irmãos em Cristo que já não estão mais em nosso campo de visão terreno retêm ainda o seu lugar na comunidade universal. A igreja é uma por meio da unidade de vida, quer acordada quer adormecida, para todo o sempre.

A coisa mais importante sobre a doutrina da comunhão dos santos reside em seus efeitos práticos sobre a vida de cada cristão. Pouco sabemos sobre os santos que já subiram, mas sabemos, ou podemos saber, muito mais sobre os santos na terra. Nós, os protestantes, não acreditamos (uma vez que a Bíblia não ensina) que os santos já falecidos são, de algum modo, afetados pelas orações ou ações dos santos que aqui permanecem. Nosso cuidado particular não tem por alvo aqueles a quem Deus já honrou com a visão piedosa, mas os peregrinos sobrecarregados e esforçados que ainda permanecem na estrada rumo à Cidade de Deus. Todos nós pertencemos uns aos outros, e o bem-estar espiritual de cada um é, ou deveria ser, do amoroso interesse dos demais.

Deveríamos orar para um engrandecimento de alma a fim de receber em nosso coração todo o povo de Deus, independentemente de raça, cor ou associação religiosa. Então, devemos reforçar em nossa mente a condição de membros da abençoada família de Deus, perseverando em oração para amar e apreciar todo aquele que é nascido do Pai.

Sugiro também que busquemos estudar e conhecer ao máximo os bons e piedosos santos que viveram antes de nós e, agora, estão na companhia dos redimidos no céu. É triste limitarmos o nosso apreço apenas aos que estão vivos, quando Deus, em Sua providência, tornou possível desfrutarmos dos ricos tesouros guardados na mente e no coração de tantos santos e sábios homens e mulheres de Deus, que viveram em outras épocas. Restringir nossa leitura às obras de uns poucos autores favoritos de nosso tempo é estreitar nosso horizonte e privar perigosamente a nossa alma.

Não tenho dúvidas de que a leitura atenta dos grandes clássicos espirituais de todos os tempos pode destruir para sempre em nós aquele retraimento de alma que parece caracterizar o evangelismo moderno.

Os poços do passado aguardam serem reabertos por muitos de nós. Agostinho, por exemplo, nos traria uma percepção tão intensa da assombrosa majestade de Deus capaz de curar a irreverência de espírito tão largamente encontrada entre os cristãos modernos. Bernard de Cluny cantaria para nós da *Jerusalem the Golden* [Jerusalém de ouro] e da paz de um sábado eterno, até que os prazeres miseráveis deste mundo se tornassem intoleráveis; Richard Rolle nos mostraria como escapar da “abundância de riquezas, das lisonjas das mulheres e da beleza da juventude”, para prosseguirmos conhecendo Deus com tal intimidade a ponto de tornar-se em nosso coração “calor, fragrância e canção”; Tersteegen nos sussurraria palavras sobre o “amor oculto de Deus” e da impressionante Presença, até que nosso coração “se aquietasse diante dEle” e “interiormente prostrado, O adorasse”; o doce São Francisco, diante de nossos olhos, lançaria seus amorosos braços ao redor do sol e da lua, das árvores e da chuva, das aves e dos animais, agradecendo a Deus por todos eles em um êxtase puro de devoção espiritual.

Contudo, quem é capaz de completar essa lista dos santos? Somos incapazes de imaginar quanto devemos a eles em gratidão: profetas e apóstolos, mártires e reformadores, estudiosos e tradutores, músicos e compositores de hinos, professores e evangelistas, sem mencionar as

centenas de milhares de almas sinceras e anônimas que mantiveram acesa a chama da genuína religião, mesmo naqueles tempos em que a fé de nossos pais estava arrefecendo em todo o mundo.

Eles pertencem a nós, todos sem exceção, e pertencemos a eles. Nós e eles, bem como todos os redimidos, homens e mulheres, de todas as épocas ou regiões, estamos incluídos na comunidade universal de Cristo, e, juntos, constituímos: *sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus* (1Pe 2.9), que desfruta uma trivial, porém bendita, comunhão de santos.

Extraído de *Foundations of faith* [Fundamentos da fé],

Fleming H. Revell, Westwood, N. J.

Usado com permissão.

Temperamento na vida cristã

UM CÉLEBRE PREGADOR americano, certa ocasião, desenvolveu a teoria de que as várias denominações, com suas ênfases doutrinárias distintas, serviam para um propósito útil, qual seja, o de reunir em um mesmo lugar pessoas de temperamentos similares. Os cristãos, sugeriu, tendem a gravitar ao redor de outros dotados de uma mesma mentalidade. Daí resultam as denominações.

Certamente, essa teoria é fruto de uma simplificação extrema, passível de erro. Em todas as denominações, existe um grande número de pessoas com temperamentos diferentes a comprovar a radicalidade dessa classificação. Não obstante, creio que temos aqui um exemplo de como um erro pode enfatizar uma verdade, ou seja, de que o temperamento tem grande relação com as nossas visões religiosas e com as ênfases que, em geral, impomos sobre questões espirituais.

Determinar o que é causa e o que é efeito, nesse caso, pode ser algo complexo, mas tenho percebido que, historicamente, o calvinismo tem prosperado entre pessoas dotadas de uma disposição notadamente fleumática. Embora Jacó Armínio fosse de origem holandesa, em sua grande maioria, o povo holandês parece, em seu temperamento, mais condizente com o calvinismo. Por outro lado, é difícil imaginar um espanhol ou italiano calvinista. Decerto, há exemplos isolados, mas em geral o instável, volátil e musical povo latino não se submete naturalmente a longos períodos de meditação sobre a soberania divina ou sobre os decretos eternos.

Embora nos orgulhemos de extrair nossas crenças das Sagradas Escrituras, naqueles pontos limítrofes que suscitam discordância entre homens bons, podemos, inconscientemente, defender um lado ou outro em razão de nosso temperamento. O estado de espírito pode facilmente

determinar as nossas visões quando a Escritura não é clara. As pessoas podem ser classificadas, *grosso modo*, em dois tipos psicológicos: as alegres e as sombrias. Assim, é muito fácil ver como cada tipo será atraído pelas visões doutrinárias que, naturalmente, mais concordem com sua disposição mental. O calvinista, por exemplo, jamais se permite ser muito alegre, enquanto o arminiano tende a equiparar seriedade com uma frieza de coração, tentando curá-la com um avivamento.

Nenhum calvinista poderia ter escrito os radiantes hinos de Bernardo de Claraval ou Charles Wesley. O calvinismo jamais produziu um místico cristão, excetuando-se John Newton, que era quase um místico e compôs alguns hinos tão alegres quanto os escritos por Bernardo. Para fazer justiça, no entanto, deve ser dito que, se o calvinista não alça voos tão elevados, ele, em geral, permanece mais tempo no alto. Ele emprega mais ênfase nas Sagradas Escrituras, que jamais mudam, enquanto seu respectivo oposto (como dizem os jornais) tende a julgar sua própria condição espiritual com base em seus mutáveis e inconstantes sentimentos. Talvez seja esta a razão de tantas igrejas calvinistas permanecerem ortodoxas por séculos, pelo menos em sua doutrina, enquanto muitas igrejas de convicção arminiana, com frequência, tornarem-se mais liberais ao cabo de uma geração.

Percebo que eu mesmo estou incorrendo em uma exagerada simplificação aqui; ainda assim, acredito que há mais do que um germen de verdade nisso tudo. De todo modo, estou menos preocupado com o efeito do temperamento sobre a Igreja histórica, pelo qual, obviamente, nada posso fazer, e mais interessado em seu efeito sobre a minha própria alma, bem como sobre a alma de meus leitores, a qual eu seja capaz de influenciar de alguma forma.

Quer minhas conclusões mais amplas ressoem, quer não, parece não haver razão para duvidar do fato de que tendemos a interpretar a Escritura à luz (ou sombra) de nosso próprio temperamento, deixando a nossa peculiar mentalidade decidir o grau de importância que damos às várias doutrinas e práticas religiosas.

O mais bizarro sobre essa idiosincrasia humana é que ela prospera onde há maior liberdade religiosa. As igrejas autoritárias, que dizem aos seus adeptos exatamente o que eles devem crer e enfatizar, produzem certo grau de uniformidade entre seus membros. Ajustando todos ao tamanho da cama de Procusto, elas logram alongar ou encurtar o temperamento do

indivíduo à sua semelhança. O protestante livre, a quem se permite certa dose de interpretação privada, está muito mais propenso a cair na armadilha do temperamento. A exposição a essa tentação é o preço a pagar por sua liberdade.

Mais que todos os outros, o ministro deveria olhar no mais profundo de seu coração visando descobrir o motivo por trás de suas opiniões mais enfáticas. Não basta retirar-se da equação e, com dignidade, declarar que prega a Bíblia, nada mais que a Bíblia. Tal reivindicação é feita por todo homem que, com sinceridade, declara a verdade; mas a verdade possui muitas facetas, e o homem de Deus corre o sério risco de revelar a seu povo apenas algumas delas, exatamente aquelas pelas quais, por predisposição, tem maior apreço.

É impossível imaginar Francisco de Assis pregando o sermão de Edwards “Pecadores nas mãos de um Deus irado”, assim como retratar Jonathan Edwards pregando aos pássaros, ou convocando o sol, a lua, o vento e as estrelas para reunirem-se a ele no louvor ao Senhor. Não obstante, ambos eram homens piedosos que amavam profundamente a Deus e confiavam totalmente em Cristo. Muitos outros fatores, além do temperamento, não podem ser negligenciados.

Iremos, então, aceitar a nossa predisposição como algo inevitável? Permitiremos que as nossas visões religiosas sejam ditadas por ancestrais, há muito tempo mortos, cujos genes ainda se agitam dentro de nós? De jeito nenhum! As Escrituras, a autodisciplina crítica, a honestidade de coração e a crescente confiança nas intervenções interiores do Espírito Santo irão nos salvar de sermos tão intensamente influenciados pelo temperamento.

Deus sempre responde às orações?

CONTRARIANDO A OPINIÃO popular, o cultivo de uma atitude de crença inquestionável não constitui totalmente um bem e, se levada ao extremo, pode vir a ser um mal. O diabo transformou o mundo todo em um grande campo minado, e a mais mortal das armadilhas é a religião. Um erro nunca parece tão inocente como quando é encontrado no santuário.

Um campo onde armadilhas aparentemente inofensivas, porém mortais, aparecem em grande profusão é a área da oração. Existem mais noções encantadoras sobre oração do que poderia caber em um livro extenso, todas elas equivocadas e com grande potencial de dano à alma dos seres humanos.

Lembro-me de uma dessas falsas noções que, com frequência, é encontrada em lugares agradáveis e alegremente associada a outros conceitos de inquestionável ortodoxia. Ela diz que *Deus sempre responde à oração*.

Tal erro aparece entre os santos como um tipo de terapia psicológica multiuso para atenuar o sofrimento de um desapontado cristão quando se torna evidente que as expectativas de resposta à sua oração não estão sendo cumpridas. Então, explicam-lhe que Deus sempre responde às orações, seja com um sim, seja com um não, seja, ainda, substituindo o favor desejado por alguma outra coisa.

Agora, seria difícil inventar um artifício mais hábil que esse para livrar de humilhação o requerente cujos pedidos foram rejeitados por causa da desobediência. Assim, quando uma oração não é respondida, ele tem apenas que abrir um sorriso e explicar: “Deus disse não”. É tudo muito confortável. A sua fé oscilante é salva da confusão, e sua consciência permanece imperturbada. Contudo, questiono-me se isso é honesto.

Para uma oração ser respondida, conforme o uso bíblico do termo e o entendimento histórico dos cristãos, dois elementos devem estar presentes: 1) Um pedido claro e preciso a Deus por um favor específico; 2) Uma concessão clara e precisa daquele favor por Deus, em resposta ao pedido. Não deve haver distorções semânticas, nenhuma mudança de indicações ou alterações no mapa durante a jornada, a fim de ajudar o constrangido turista a se encontrar.

Quando nos dirigimos a Deus com um pedido para que Ele modifique a situação em que estamos, isto é, para que responda à nossa oração, existem duas condições que devemos atender: 1) Devemos orar segundo a vontade de Deus; 2) Devemos estar no que os antigos cristãos, com frequência, chamavam de “território de oração”, ou seja, devemos ter uma vida que agrade a Deus.

É inútil implorar a Deus que aja contra os seus revelados propósitos. Para orar com confiança, o requerente deve estar seguro de que o seu pedido está dentro da abrangente vontade de Deus para o Seu povo.

A segunda condição também é de vital importância. Deus não está obrigado a satisfazer as petições de cristãos mundanos, carnis ou desobedientes. Ele ouve e responde apenas às orações daqueles que andam em Seus caminhos.

Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus; e aquilo que pedimos, dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos diante dele o que lhe é agradável [...]. Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito (1Jo 3.21,22; Jo 15.7).

É da vontade de Deus que oremos, e Ele deseja responder às nossas orações, mas Ele faz de nosso uso da oração um privilégio e, ao mesmo tempo, um instrumento de disciplina. Para recebermos respostas às nossas orações, devemos satisfazer os termos de Deus. Se negligenciarmos os Seus mandamentos, as nossas petições não serão honradas. Ele irá modificar situações a pedido apenas de almas obedientes e humildes.

A falácia *Deus-sempre-responde-à-oração* deixa o homem que ora sem disciplina. Pelo exercício desse suave casuísmo, ele ignora a necessidade de um viver sóbrio, justo e piedoso no presente mundo, e considera a clara recusa de Deus em responder à sua oração como a própria resposta. Claro

que tal homem não crescerá em santidade, nem aprenderá a lutar e aguardar; nunca conhecerá a correção; não ouvirá a voz de Deus chamando para ir à frente, bem como jamais chegará ao lugar onde estará moral e espiritualmente apto a ter suas orações respondidas. A sua equivocada filosofia é a causa de sua ruína.

Eis a razão pela qual me preocupo em expor um pouco da má teologia sobre a qual a sua danosa filosofia está fundamentada. O homem que aceita tal equívoco jamais se conscientiza de sua posição, nunca sabe se possui ou não a fé genuína, pois, caso o seu pedido não seja concedido, ele evita a implicação pela simples evasiva de declarar que Deus mudou a sua situação e lhe deu algo diferente em troca. Ele não se permitirá atirar em um alvo definido, para que não possa mostrar quão bom ou quão mau atirador é.

Sobre tais pessoas, Tiago claramente declarou: *pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres* (4.3). Podemos aprender com essa breve sentença que Deus recusa alguns pedidos porque quem os faz não é moralmente digno de receber a resposta. Contudo, isso nada significa para aquele que se deixa seduzir pela crença de que Deus sempre responde à oração. Quando tal homem pede e nada recebe, ele passa a mão sobre o chapéu e surge com a resposta em alguma outra forma. Ele se agarra com grande tenacidade a esta ideia: Deus jamais rejeita alguém, mas invariavelmente concede cada pedido.

A verdade é que Deus sempre responde à oração que está de acordo com a Sua vontade, como revelado nas Escrituras, desde que aquele que ora seja obediente e confiante. Além desse ponto, não nos atrevemos a ir.

O autoengano e como evitá-lo

DE TODOS OS tipos de equívocos, o autoengano é o mais mortal; e de todas as pessoas equivocadas, as que a si mesmas se enganam são as menos propensas a descobrir a fraude.

A razão para isso é simples. Um homem é ludibriado por outro contra a sua vontade. Ele está lutando contra um adversário e torna-se vítima temporária do arдил do outro. Por esperar que seu oponente busque obter vantagem sobre ele, aquele homem se mantém vigilante e preparado para identificar algo suspeito. Sob tais circunstâncias, é possível que ele seja enganado algumas vezes, mas a sua reação contrária pode levá-lo a romper aquela armadilha e escapar após um curto período. Com a vítima do autoengano ocorre algo muito diferente. Ele é o seu próprio adversário, impondo uma fraude contra si mesmo.

Ele quer acreditar na mentira e está psicologicamente condicionado a isso. Não oferece qualquer resistência ao engano, mas, ao contrário, colabora com ele em seu desfavor. Não há contenda, porque a vítima se rende antes mesmo de a luta começar. Ele gosta de ser enganado.

É totalmente possível fraudar a nossa própria alma e ir enganado a julgamento. Paulo disse: *Porque se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo se engana* (Gl 6.3). Com a concordância do inspirado Tiago: *Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a sua língua, antes enganando o próprio coração, a sua religião é vã* (Tg 1.26).

Quanto mais forçamos nossa entrada no santuário, tanto maior se torna o perigo do autoengano. Um homem profundamente religioso é muito mais vulnerável do que outro que abraça a sua religião de maneira despreocupada e leve. O último pode até ser enganado, mas é pouco provável que se autoengane.

Sob a pressão de uma profunda preocupação espiritual e antes de seu coração ser totalmente conquistado pelo Espírito de Deus, um homem pode ser levado a tentar qualquer artifício para manter as aparências e preservar alguma semelhança com a sua antiga independência. Tal atitude é perigosa e a persistência nela pode se mostrar calamitosa.

O coração decaído é, por natureza, idólatra. Para alguns de nós, parece não haver limites na tentativa de salvar nosso ídolo, enquanto, ao mesmo tempo, dizemos zelosamente a nós mesmos que nossa confiança está apenas em Cristo. Para nos livrarmos de um ídolo oculto, é preciso um violento ato de renúncia. Contudo, como poucos cristãos modernos compreendem a necessidade de tal ato, agravado pelo fato de que, mesmo entre esses onde há compreensão, apenas uma ínfima parcela tem a disposição de fazê-la, segue-se que entre os que professam a fé cristã, nos dias de hoje, poucos passaram pela dolorosa experiência da renúncia que liberta o coração da idolatria.

A oração é, em geral, recomendada como o remédio para todos os males, bem como a chave para abrir a porta de todas as celas. De fato, seria difícil exagerar as vantagens e privilégios de uma oração inspirada pelo Espírito. No entanto, devemos lembrar que, se não formos sábios e vigilantes, a própria oração pode se tornar uma fonte de autoengano. Há tantos tipos distintos de oração quanto de problemas, e alguns deles não são aceitáveis a Deus. Os profetas do Antigo Testamento denunciaram o povo de Israel por tentar ocultar suas iniquidades em suas orações. Claramente, Cristo rejeitou as orações dos hipócritas, e Tiago declarou que algumas pessoas religiosas pedem e não recebem porque o fazem com a motivação errada.

Para escapar do autoengano, o homem que ora deve se apresentar limpo e honesto. Ele não pode buscar refúgio na cruz enquanto ocultar em seu peito a barra de ouro e a vistosa túnica babilônica. A graça irá salvar o homem, mas não ele e seu ídolo. O sangue de Cristo irá cobrir apenas o pecador arrependido; jamais, ele e seu ídolo. A fé justificará o pecador, porém nunca justificará ele e seu ídolo.

Nenhuma súplica, por mais intensa que seja, irá tornar o mal em bem ou o errado em certo. O homem pode dedicar longas horas de humilde conversa diante de Deus e não obter resposta alguma porque, ainda que de modo inconsciente, está usando a oração para disfarçar a sua desobediência.

Pode deitar-se por horas em pano de saco e cinzas, desprovido de qualquer motivo elevado, exceto o de tentar persuadir Deus a ficar do seu lado, para seguir o seu próprio caminho. Ainda, pode arrastar-se diante de Deus em uma torrente de autoacusação, recusar-se a desistir de seu pecado secreto e ser rejeitado por suas aflições. Isso pode acontecer.

Certa ocasião, o dr. H. M. Shuman disse-me, em uma conversa privada, acreditar que a única qualidade exigida por Deus antes de salvar um homem era a honestidade. Concordo sinceramente com isso. Não importa quão desonesto um homem possa ter sido, ele deve deixar de lado a sua duplicidade para ser aceito diante do Senhor. A hipocrisia é indescritivelmente ofensiva a Deus. O homem insincero não tem direito à misericórdia. Para tal homem, a cruz de Cristo não apresenta solução. Cristo pode e salvará um homem que *tem sido* desonesto, mas não pode salvá-lo *enquanto* ele for desonesto. Sinceridade absoluta constitui um requisito indispensável à salvação.

Como podemos permanecer livres do autoengano? A resposta pode soar antiquada e tola, mas aqui está: queira dizer o que você diz e nunca diga o que você não quer dizer, seja a Deus, seja a homem. Tenha pensamentos louváveis e sempre aja de maneira franca e direta, qualquer que seja a consequência. Agir assim trará a cruz para a sua vida e o manterá morto para o seu eu e para a opinião pública. Isso também pode lhe trazer problemas, mas a mente sem engano é um grande tesouro e vale qualquer preço.

Sobre a criação de camundongos malhados

A AGÊNCIA DE notícias *Associated Press* divulgou uma interessante, para não dizer deprimente, história sobre um nobre britânico, de Londres, que havia morrido poucos dias antes de seu 89º aniversário.

Tendo sido um homem de recursos e posição, presume-se que não lhe foi necessário trabalhar para ganhar a vida, como o resto de nós, de maneira que, ao tempo de sua morte, ele tenha vivido cerca de setenta anos como adulto, livre para fazer o que quisesse, para perseguir qualquer chamado que desejasse ou dedicar-se a qualquer atividade digna de suas capacidades.

E o que ele escolheu fazer? Bem, de acordo com o relato, ele “devotou a sua vida à tentativa de criar camundongos malhados perfeitos”.

Bem, eu concedo a cada homem o direito de criar camundongos malhados se ele quiser e for capaz de obter a cooperação dos pequenos animais, e, com sinceridade, admito que é problema dele, e não meu. Não sendo um fã de roedores (tampouco os odeio, devo esclarecer; apenas sou neutro em relação a eles), não sei se um camundongo malhado pode ser um animal de estimação mais útil ou apreciado que um camundongo com padrão de cor uniforme. Ainda assim, estou confuso.

O criador de camundongos em questão era um lorde e, quanto a mim, nasci em uma fazenda, na região montanhosa da Pensilvânia, mas, já que um gato pode olhar para um rei, suponho que um garoto da fazenda possa olhar para um nobre, mesmo com um olhar de reprovação, se as circunstâncias permitirem. De todo modo, um homem é um homem por tudo isso, e sinto certa afinidade por cada homem nascido de mulher; assim, nada posso fazer, exceto lamentar por meu irmão de além-mar.

Criado à imagem de Deus, equipado com assombrosos poderes da mente e da alma, chamado para sonhar anseios imortais e para refletir sobre os anelantes conceitos de eternidade, ele escolhe criar camundongos

malhados como razão da sua existência. Convidado a caminhar com Deus na terra e, por fim, morar com os santos e anjos no mundo acima; chamado a servir à sua geração pela vontade de Deus, esse homem dedicou sua vida a camundongos malhados — não apenas fins de semana ou feriados, entenda bem, mas toda a sua vida. Certamente, essa é uma tragédia digna da mente de Ésquilo ou Shakespeare.

Esperemos que essa história não seja verdadeira ou que os jornalistas tenham feito alguma confusão, como, por vezes, acontece; porém, mesmo que todo esse relato venha a ser uma brincadeira, ele ainda indica uma grave tragédia humana, encenada diante de nossos olhos diariamente, não por atores profissionais, mas por homens e mulheres reais, que são os personagens por eles representados. Essas pessoas deveriam estar preocupadas com pecado, justiça e julgamento; deveriam estar se preparando para morrer e viver novamente, mas, em vez disso, gastam seus dias criando camundongos malhados.

Se a visão espiritual do mundo é a correta, como o cristianismo corajosamente declara, então, para cada um de nós, o céu é mais importante que a terra, e a eternidade é mais significativa que o tempo. Se Jesus Cristo é quem reivindica ser; se Ele é o que a gloriosa companhia de apóstolos e o nobre exército de mártires afirmam ser; se a fé reconhecida e propagada pela santa Igreja, em todo o mundo, é a verdadeira fé de Deus, então ninguém tem o direito de dedicar a sua vida a algo que possa queimar, enferrujar, apodrecer ou morrer. Nenhum homem possui qualquer direito de doar-se a alguém que não seja Cristo, nem a algo que não seja a oração.

O homem que não sabe onde está, encontra-se perdido; o homem que não conhece a razão de ter nascido está mais perdido ainda; o homem que não consegue encontrar um objeto digno de sua genuína devoção está completamente perdido. Por essa descrição, a raça humana está perdida, e faz parte de nossa cegueira desconhecer quão perdidos estamos. Assim, consumimos os poucos e preciosos anos concedidos a nós criando camundongos malhados. Talvez não do tipo que guincha e corre, mas, vistos à luz da eternidade, a maioria de nossas pequenas atividades humanas não é quase insignificante?

Uma das glórias do evangelho cristão é a sua capacidade não apenas de libertar o homem do pecado, mas de orientá-lo, de colocá-lo em um cume elevado, de onde ele pode ver o ontem e o hoje em relação ao amanhã. A

verdade limpa a sua mente, permitindo-lhe reconhecer as coisas que importam e ver tempo e espaço, reis e repolhos em suas verdadeiras perspectivas. O cristão iluminado pelo Espírito não pode ser ludibriado. Ele conhece o valor das coisas; ele não fará uma oferta por um arco-íris, tampouco fará um pagamento inicial por uma miragem. Em resumo, ele não devotará a sua vida a camundongos malhados.

Por trás de cada vida desperdiçada, jaz uma filosofia má, uma concepção equivocada de vida e propósito. O homem que acredita ter nascido para conseguir tudo o que cobiçar, irá consumir a sua vida nessa tentativa; e, independentemente do que venha a conseguir, nada mais será do que uma gaiola de camundongos malhados. O homem que crê ter sido criado para desfrutar os prazeres carnis devotar-se-á à busca desse prazer, e se, por uma combinação de circunstâncias favoráveis, ele vier a usufruir de uma vida alegre e divertida, todos os seus prazeres virarão, por fim, cinza em sua boca. Ele descobrirá, tardiamente, que Deus o fez muito nobre para se satisfazer com os prazeres baratos e efêmeros aos quais dedicou a sua vida aqui, debaixo do sol.

Os santos desconhecidos

WILLIAM WORDSWORTH, em uma refinada passagem, expressou a sua convicção de haver muitos mais poetas no mundo do que supomos, mas que eram desconhecidos porque lhes faltava cultivar o dom da versificação ou falhavam nisso.

... homens dotados de elevados dons,
A visão e a faculdade divinas,

Então, ele resume a sua crença em uma sentença que sugere uma verdade transcendente ao que quer que ele tenha tido em mente, naquela ocasião:

As mais fortes mentes
Muitas vezes são as que este ruidoso mundo
Menos ouve.

A maioria de nós, em nossos momentos mais lúcidos, admitiria a solidez de tal afirmação, mas a dura realidade é que para a pessoa comum não são as descobertas de um momento lúcido que determinam toda a nossa filosofia de atuação, mas as superficiais e enganosas noções impostas a nós pelo “ruidoso mundo”. A sociedade humana, em geral (e a americana, em particular), tem incorrido no erro de assumir que a grandeza e a fama são sinônimos. Os americanos parecem estar seguros de que cada geração fornece determinado número de homens superiores, e que, infalivelmente, os processos democráticos acabam por achá-los, colocando-os em posições proeminentes. Quão distantes da verdade as pessoas podem chegar!

Tudo o que precisamos é conhecer, ou apenas ouvir falar sobre, os grandes nomes de nossos tempos para descobrir quão miseravelmente

inferior a maioria deles é. Muitos parecem ter chegado à eminente posição atual pelo empurrão, pela determinação, pela força, pela audácia ou por algum golpe de sorte accidental. Desviamo-nos deles, com dor de estômago, indagando-nos em desalento se isso é o melhor que a raça humana pode produzir. No entanto, recobramos o autodomínio mediante o simples expediente de lembrar alguns dos notáveis homens que conhecemos, cuja existência não é divulgada e tampouco valorizada, feitos de um material infinitamente superior ao daqueles presunçosos de voz rouca que ocupam a maioria dos altos cargos da nação.

Se quisermos ver a vida em toda a sua firmeza e integridade, devemos realizar um resolutivo esforço para romper o poder dessa enganosa filosofia que equipara grandeza com fama. Os dois podem ser, e com frequência são, oceanos e continentes distintos.

Caso a igreja fosse um corpo imune às influências do mundo, poderíamos responsabilizar os filósofos seculares pelo problema acima e cuidar da nossa vida. Mas a verdade é que a igreja também sofre os efeitos desse conceito maligno. Os cristãos têm se deixado levar pelo hábito de aceitar os mais barulhentos e notórios dentre eles como se fossem os melhores e maiores. Eles também aprenderam a equiparar popularidade com excelência e, em franca oposição ao sermão do monte, concedem aprovação aos altivos, e não aos mansos; aos caçadores de publicidade, que buscam as manchetes, e não aos puros de coração.

Se nos fosse permitido parafrasear Wordsworth, assim reescreveríamos as suas linhas:

Os mais puros santos
Muitas vezes são os que esta ruidosa igreja
Menos ouve.

As palavras não poderiam ser mais profundas e maravilhosamente verdadeiras.

Após mais de trinta anos observando o cenário religioso, sou forçado a concluir que santidade e liderança da igreja não são, muitas vezes, sinônimos. Em inúmeras ocasiões, tenho pregado a cristãos gratos, que penetraram muito mais que eu nos doces mistérios de Deus, a ponto de me sentir indigno de amarrar os seus cadarços. Não obstante, todos se

assentaram humildemente para ouvir alguém inferior a eles, postado em posição de proeminência, discorrer imperfeitamente sobre verdades com as quais possuíam longa familiaridade, forjada por uma experiência íntima e bela. Com certeza, devem ter reconhecido e sentido o muito de entendimento teórico e o pouco de conhecimento real e vívido que havia naquele sermão, mas nada disseram e, sem dúvida alguma, apreciaram o pouco de bom que aquela mensagem trazia.

Fosse a igreja um corpo puro e cheio do Espírito, totalmente movido e direcionado por considerações espirituais, certamente os homens e mulheres mais puros e santos seriam aqueles mais apreciados e honrados, mas a realidade é totalmente o contrário. A piedade não é mais valorizada, exceto para os muito idosos e para os já falecidos. As almas santas são esquecidas no turbilhão da atividade religiosa. Os barulhentos, autoconfiantes e divertidos são procurados e recompensados de todas as formas, com mimos, multidões, ofertas e publicidade. Os semelhantes a Cristo, os altruístas, os espirituais são colocados de lado para dar espaço ao *bon vivant* recém-convertido, cuja conversão, com frequência, não é total e que ainda mantém grande apreço pelas coisas boas da vida.

Toda filosofia de visão curta, que ignora as qualidades eternas e valoriza as trivialidades, é uma expressão de incredulidade. Os cristãos que abraçam tal filosofia estão em busca de recompensas neste mundo; são impacientes demais para aguardar o tempo do Senhor. Os tais não resistirão naquele dia em que Cristo revelará o segredo escondido no coração de cada homem e recompensará cada um conforme as suas obras. O verdadeiro santo enxerga muito além disso; ele pouco se importa com valores transitórios; mantém seu zeloso olhar no futuro, aguardando o dia em que as coisas eternas se manifestarão, quando se verá que a piedade é tudo o que importa.

Por mais estranho que possa ser, as almas mais santas que já viveram angariaram a reputação de serem pessimistas. O sorriso de indiferença quanto às atrações do mundo, bem como a resoluta resistência às suas tentações, têm sido mal compreendidos por pensadores rasos, atribuindo-lhes um espírito antissocial e um desamor pela humanidade. O mundo tem falhado em não conseguir entender que aqueles peculiares homens e mulheres vislumbravam uma cidade invisível; eles andavam, dia a dia, sob a luz de um outro e eterno reino. Todos eles já estavam provando os poderes

do mundo por vir e desfrutando, a distância, do triunfo de Cristo e das glórias da nova criação.

Não, os santos desconhecidos não são pessimistas, nem misantropos, tampouco desmancha-prazeres. Eles são, pela virtude de sua piedosa fé, os únicos e genuínos otimistas do mundo. De forma simples, o credo deles foi expresso por Juliana de Norwich, com estas palavras: “Mas tudo ficará bem, e tudo ficará bem, e toda sorte de coisa ficará bem”. Embora o pecado esteja no mundo, arguiu ela, constituindo uma temível visita a ser confrontada, tão perfeita é a expiação que virá o tempo em que todo o mal será erradicado e todas as coisas serão novamente restauradas à sua beleza original em Cristo. Então, “tudo ficará bem, e toda sorte de coisa ficará bem”.

O cristão sábio aguardará aquele dia em zelosa alegria. Enquanto isso, servirá à sua geração na vontade de Deus. Caso seja ignorado nos concursos de popularidade religiosa, dará pouca ou nenhuma atenção a isso. Ele sabe a quem deseja agradar e está disposto a permitir que o mundo pense o que quiser dele. De qualquer forma, ele não ficará aqui por muito tempo e, para onde está indo, os homens serão conhecidos não por algum tipo de classificação deste mundo, mas pela santidade do seu caráter.

Três feridas leais

LEAIS SÃO AS feridas feitas pelo que ama, diz o Santo Espírito, em Provérbios 27.6. E, para não imaginarmos que o pregador é aquele que causa a ferida, quero citar Jó 5.17,18: *Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina; não desprezes, pois, a disciplina do Todo-poderoso. Porque ele faz a ferida e ele mesmo a ata; ele fere, e as suas mãos curam*. Como pode ver, aquele que causa a ferida aqui não é o servo, mas o próprio Mestre. Assim, tendo isso em mente, quero lhe falar sobre três feridas leais de um amigo.

Para iniciar a minha mensagem, permita-me apresentar uma pequena senhora que morreu cerca de seis séculos atrás. Ela viveu, amou, orou e cantou na cidade de Norwich, Inglaterra. Essa pequena mulher não tinha acesso a muita luz nem a meios de consegui-la, porém o mais belo em sua história é que, mesmo não tendo quase nenhuma iluminação bíblica, ela andou com Deus de modo tão maravilhoso e íntimo que tornou-se tão aromática quanto uma flor. E, muito antes do movimento reformista, ela era evangélica em seu espírito. Essa mulher viveu e morreu, e agora está com o seu Senhor por quase seiscentos anos, mas deixou aqui a fragrância de Cristo.

A Inglaterra era um lugar melhor por causa da presença dessa mulher franzina. Ela escreveu apenas um livro, tão diminuto que você poderia guardá-lo no bolso ou em sua carteira. Mas, apesar das reduzidas dimensões, sua obra é tão saborosa, tão divina, tão celestial que tem dado uma indiscutível contribuição à grandiosa literatura espiritual do mundo. A mulher a quem me refiro ficou conhecida como *lady* Juliana.

Antes de desenvolver essa radiante e gloriosa vida que a tornou famosa como grande cristã em toda a região na qual vivia, ela orou, e Deus lhe respondeu. É nessa oração que concentro o meu interesse agora. A essência de sua oração foi esta:

“Ó Deus, por favor, concede-me três feridas: a ferida da *contrição*, a ferida da *compaixão* e a ferida do *anseio por Deus*”. Então, ela acrescentou este pequeno adendo que considero uma das coisas mais belas que já li: “Isto peço sem condição”. Ela não estava negociando com Deus. Desejava obter três coisas, todas para a glória dEle: “Peço isso sem condição, Pai; faça o que peço e, então, envie-me a conta. Seja qual for o preço, estará bem para mim”.

Todos os grandes cristãos têm sido almas feridas. É estranho o que uma ferida faz a um homem. Eis um soldado que parte para o campo de batalha. Ele segue cheio de piadas, energia e autoconfiança. Então, certo dia um estilhaço o atravessa, e ele cai, um homem em lágrimas, abatido e derrotado. Subitamente, todo o seu mundo entra em colapso e, em lugar do sujeito grande, forte e imponente que imaginava ser, esse homem volta a ser o garoto chorão de outrora. É conhecido, me contaram, o fato de que esses combatentes passam a clamar pela mãe quando jazem sangrando e sofrendo no campo de batalha. Não existe nada como uma ferida para remover a nossa autoconfiança, para nos levar de volta à nossa infância, para nos tornar pequenos e impotentes aos nossos próprios olhos.

Muitos dos personagens do Antigo Testamento foram homens feridos, oprimidos por Deus e afligidos como, de fato, o Senhor seria depois deles. Considere Jacó, por exemplo, que, por duas vezes, foi afligido por Deus. Encontrou-se com Deus em duas ocasiões e, em cada uma, sobreveio-lhe uma ferida, sendo uma delas uma ferida física, deixando-o manco para o resto de seus dias. E quanto a Elias? Não era ele apenas um teólogo, um doutrinador? Ele foi um homem afligido, atingido pela espada de Deus, e deixou de ser simplesmente mais um da raça de Adão a exibir a sua autoconfiança. Elias foi um homem que se encontrou com Deus, sendo confrontado, derrotado e quebrantado diante dEle. Você sabe o que aconteceu a Isaías quando ele viu o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono. Ou, ainda, considere o homem Ezequiel, como ele se prostrou diante de seu Deus e se tornou uma pequena criança novamente. E houve muitos outros.

Agora, digo, o homem ferido é um homem derrotado. O outrora forte, robusto e autoconfiante homem adâmico já não luta mais; ele deita sua espada ao chão, rende-se e a ferida acaba com ele. Vamos abordar as três feridas na ordem apresentada.

A primeira ferida é a da *contrição*. Bem, durante os trinta últimos anos, tenho ouvido que o arrependimento é uma mudança de mente e, claro, também creio nisso. Contudo, o problema conosco é exatamente esse. Reduzimos o arrependimento a uma mudança de mente. É, de fato, um ato mental, mas quero enfatizar que provavelmente o arrependimento não nos trará benefício algum até que deixe de ser apenas uma mudança de mentalidade e se torne uma ferida em nosso espírito. Nenhum homem se arrepende genuinamente até que seu pecado o tenha ferido quase mortalmente, até que se sinta quebrantado e derrotado pela ferida, cessando a luta e removendo a autoconfiança; até que veja a si mesmo como aquele que pregou o Salvador no madeiro.

Nada sei a seu respeito, mas o único caminho pelo qual posso me manter correto com Deus é conservar-me contrito, retendo um senso de *contrição* sobre o meu espírito. Agora, há inúmeras maneiras baratas e fáceis de livrar-se do pecado e de dispor-se do seu arrependimento. Contudo, os grandes cristãos, dentro e fora da Bíblia, têm sido aqueles afligidos com um senso de *contrição* tal que jamais deixaram de pensar ou de sentir que pessoalmente haviam crucificado Cristo. O grande bispo Ussher costumava descer semanalmente à beira de um rio e lá, todo sábado à tarde, ajoelhava-se ao lado de um tronco e lamentava seus pecados diante de Deus. Talvez esse fosse o segredo de sua grandeza.

Agora, uma palavra de cautela acerca do arrependimento vão e precipitado e, particularmente, sobre a ausência de arrependimento. Somos uma raça pecaminosa, senhoras e senhores, um povo pecador, e até sermos golpeados duramente pelo conhecimento, até sermos feridos, até que nosso pequeno departamento de teologia seja atravessado pelo arrependimento, não usufruiremos bem algum. Um homem pode acreditar na depravação total e jamais possuir qualquer senso disso por si mesmo. Muitos, que acreditam na depravação total, jamais foram feridos pelo conhecimento de terem pecado. Oro para que todos nós sejamos feridos pelo arrependimento.

E, então, há a ferida da *compaixão*. Ora, a *compaixão* é uma identificação emocional, que o próprio Cristo experimentou em plena perfeição. O homem que possui a ferida da *compaixão* é alguém que sofre com as dores de outras pessoas. Jesus Cristo, nosso Senhor, nunca mais pode sofrer para nos salvar. Isso Ele já fez, de uma vez por todas, quando Se entregou sem pecado, por meio do Espírito Santo, ao Pai, na cruz do

Calvário. Ele não pode sofrer mais para salvar-nos, mas ainda deve sofrer para ganhar-nos. Ele não chama o Seu povo para o sofrimento redentor. Isso é impossível; não pode ser. A redenção é uma obra acabada.

Contudo, Ele ainda chama o Seu povo para sofrer com Ele e sentir juntamente com os que se alegram e com os que sofrem. Cristo conclama Seu povo a ser um tipo de corpo terreno com o qual possa prantear, sofrer e amar novamente. Pois o nosso Senhor possui dois corpos. Um é o corpo com o qual foi levado ao madeiro no Calvário, o corpo no qual Ele sofreu para nos redimir. Mas Cristo possui um corpo na terra agora, composto por aqueles que foram batizados internamente pelo Espírito Santo, na conversão. Nesse corpo, Ele agora sofre para ganhar os homens. Paulo escreveu que se alegrava por poder sofrer pelos colossenses e completar em seu corpo o que restava das aflições de Cristo, em benefício da igreja.

Bem, meus irmãos, não sei se consigo deixar isso claro ou não. Sei que coisas assim devem ser sentidas em vez de compreendidas, mas o homem ferido jamais é alguém em busca de felicidade. Há, entre nós, uma ignóbil e irresponsável busca pela felicidade. Ao longo dos últimos anos, ao observar o cenário humano e acompanhar a vida e a morte de pessoas professamente de Deus, constatei que a maioria de nós prefere ser feliz em lugar de sentir as feridas e tristezas de outras pessoas. Não creio que seja da vontade de Deus que devemos procurar ser felizes, mas que devemos buscar ser santos e úteis. O santo será um homem útil e, provavelmente, um homem feliz; mas, se buscar apenas a felicidade, esquecendo-se da santidade e da utilidade, nada mais é que um homem carnal. Quanto a mim, não desejo participar de nenhuma alegria religiosa carnal. Há momentos em que a alegria constitui algo pecaminoso. Quando Jesus, nosso Senhor, suava sangue lá no jardim, ou pendurado na cruz, Ele não podia estar feliz, pois era *homem de dores e que sabe o que é padecer* (Is 53.3).

Os grandes santos do passado, que conquistaram e capturaram extensas regiões do mundo para Jesus, não sentiam alegria quando passavam por angústias. Jesus afirmou que a mulher que está em trabalho de parto sente tristeza no momento de sua dor, mas, quando o bebê nasce, sua angústia dá lugar à alegria de seu filho ter vindo ao mundo. Em certo sentido, você e eu devemos ser mães em Israel, aqueles por meio dos quais o Senhor pode sofrer, prantear, amar e compadecer novamente para trazer filhos à vida.

Em terceiro lugar, temos a ferida do *anseio por Deus*. Aquela pequena mulher ansiava por Deus com tão intenso anelo que este se tornou uma dor em seu coração. Ela desejava estar apaixonada. Com efeito, ela orou: “Ó Deus, que meu desejo por Ti seja tão intenso que se torne uma ferida em meu coração da qual não consiga me recuperar”. Hoje, aceitar Cristo torna-se terminal. Isto é, o fim. E todo o evangelismo tem como objetivo uma coisa: contabilizar números crescentes de pessoas aceitando Cristo, e aí colocamos um ponto final. Minha crítica com relação à maioria de nossas conferências bíblicas é que gastamos nosso tempo recontando os tesouros que temos em Cristo, mas jamais chegamos ao lugar onde seja o que for que está em Cristo penetra em nosso interior. Deus nos tem abençoado com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo, mas, da mesma forma que você não pode comprar comida com o dinheiro que ainda está no banco, não pode vivenciar os tesouros que estão em Cristo se eles também não estiverem experimentalmente em você.

Assim, muitos de nós podem dizer: “Está bem, eu irei participar de outra conferência bíblica”, ou: “Eu farei outro curso”, ou ainda: “Eu vou comprar um livro”. Meus amigos, não necessitamos de mais instrução; temos sido instruídos à exaustão. Onde no mundo há mais ensino bíblico fundamental do que aqui em Chicago? Aqui é a meca do fundamentalismo, o vaticano do evangelicalismo. Temos em casa pilhas enormes de agendas com anotações acumuladas por vinte e cinco anos. De fato, elas trazem alguma nova abordagem sobre algum texto ou uma nova ilustração que alguém transmitiu para enfatizar uma doutrina. Mas, oh, que criaturas débeis somos! Que povo sem alegria formamos!

Observe os paradoxos: ser alegremente perdoado e, não obstante, ser ferido e relembrar a aflição; desfrutar a paz da obra completa de Cristo e, ainda, sofrer para ganhar outros; encontrar Deus, mas, ainda assim, sempre buscá-Lo. Ao ver a glória de Deus, Moisés implorou para que pudesse ver mais. Quando Deus revelou que ele havia encontrado a graça, desejou mais graça. Lembre-se disto: o homem que tem o máximo de Deus é aquele que busca ter mais de Deus, com o máximo ardor.

Houve um homem que falou sobre “uma sede insaciável, um sagrado, infinito desejo”. Isso é o que almejo para o meu próprio coração. Entre os santos maleáveis de nosso tempo, Jesus passa por todo o processo de morte, e tudo o que queremos é ouvir outro sermão sobre Sua morte; Jesus passa

por todo o sofrimento e desejamos ser felizes. Contudo, meus irmãos, se fôssemos o que devíamos ser, buscaríamos conhecer em experiência o significado das palavras *Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto* (Jo 12.24).

Tenho estado profundamente preocupado que nós, você e eu, sejamos mais do que apenas ouvintes, que ousemos ir a Deus, como Juliana de Norwich, e ousemos pedir-Lhe para nos conceder uma ferida paternal e leal, talvez três delas, se quiser: ferir-nos com um senso de nossa própria indignidade pecaminosa do qual jamais poderemos ser curados; ferir-nos com os sofrimentos do mundo e as tristezas da igreja; e, então, ferir-nos com um anseio por Deus, uma sede, uma anelante e sagrada sede, que irá nos conduzir rumo à perfeição.

A ausência de desejo é o mal de todos os males;
Muitos milhares esse escuro caminho têm trilhado;
O bálsamo, o vinho de predestinadas vontades
É um jubilante anelo e anseio por Deus.

(Frederick W. Faber)

Escreva a sentença: “um jubilante anelo e anseio por Deus”.

Quase todos os dias de minha vida, oro para que “um jubilante anelo e anseio por Deus” possa retornar às igrejas evangélicas. Não precisamos que a nossa doutrina seja fortalecida; somos tão ortodoxos quanto os fariseus de antigamente. Mas esse anseio por Deus que traz torrentes e redemoinhos espirituais de busca e autonegação praticamente desapareceu de nosso meio.

Deus ama ser desejado,
Ele ama ser buscado,
Pois Ele mesmo nos busca
com tal anseio e amor;
Ele morreu por nos desejar,
maravilhoso pensamento!
E Ele anseia por nós agora
para estar com Ele acima.

Creio que Deus quer que O desejemos com um anseio que se transforme em paixão, que se torne uma ferida em nosso espírito, para nos manter sempre em Sua direção, sempre descobrindo e sempre buscando, sempre possuindo e sempre desejando. De modo que a terra se torne cada vez menos valiosa e o céu se aproxime cada vez mais à medida que nos movemos em direção a Deus e nos elevamos a Cristo.

Que ousemos inclinar o nosso coração e dizer: “Pai, tenho sido um cristão infantil e irresponsável, mais preocupado em ser feliz do que em ser santo. Ó Deus, concede-me três feridas. Fere-me com um senso de minha própria pecaminosidade, fere-me com a compaixão pelo mundo e fere-me com amor por Ti para que eu sempre persiga, explore, busque e encontre”.

Se você tiver a coragem de expressar essa oração com sinceridade e propósito diante de Deus, isso pode significar um momento decisivo em sua vida. Pode ser uma porta de vitória que se abre para você. Possa Deus confirmar que seja assim.

Texto de um sermão pregado em Chicago, 1953.

A ira de Deus: o que é isso?

É RARO HAVER algum bem na ira humana. Quase sempre a ira emerge de estados impuros do coração e, em geral, resulta em ofensas e violência. O homem de temperamento mau é imprevisível e perigoso, sendo, usualmente, evitado por homens pacíficos e de boa índole.

Entre os professores religiosos de nossos dias, há uma forte tendência de dissociar a ira do caráter divino de Deus e tentar defendê-Lo, explicando as passagens bíblicas que associam a ira a Ele. Essa tentativa é compreensível, mas, à luz da plena revelação de Deus, ela é indesculpável.

Em primeiro lugar, Deus não precisa de defesa. Esses professores que sempre estão tentando conformar Deus à imagem humana fariam melhor se buscassem conformar-se à imagem de Deus. *Então falou Deus todas estas palavras*, lemos em Êxodo 20.1, e não existe critério independente pelo qual podemos julgar a revelação que Deus faz de Si mesmo nas Escrituras.

A presente recusa de muitos em aceitar a doutrina da ira de Deus é parte de um padrão maior de descrença que principia com uma semente de dúvida quanto à veracidade das Escrituras cristãs.

Permita que um homem questione a inspiração da Bíblia para que uma curiosa, até mesmo monstruosa, inversão se instale: a partir dali, ele passa a julgar a Palavra em vez de permitir ser julgado por ela; passa a determinar o que deveria ser ensinado da Bíblia em lugar de permitir que ela determine o que ele deveria crer. Assim, ele edita, corrige, remove, adiciona a seu bel-prazer, sempre colocando-se acima da Palavra e tornando-a submissa a ele em vez de ajoelhar-se diante de Deus e tornar-se submisso à Palavra.

O intérprete mais sensível que busca proteger Deus das implicações de Sua própria Palavra está empenhado em um esforço oficioso que nada mais será do que um completo desperdício.

É difícil explicar por que tal homem ainda se agarra às esfarrapadas relíquias da religião. A atitude mais valorosa seria andar na fé cristã e deixar isso para trás juntamente com outros brinquedos ultrapassados e duvidosas crenças da infância, mas raramente ele age assim. Ele mata a árvore, mas continua pensando no pomar e aguardando pelos frutos que nunca florescem.

Tudo o que for claramente declarado nas Sagradas Escrituras, ainda que apenas uma vez, pode ser aceito como suficientemente estabelecido para angariar a fé de todos os que creem, e, quando descobrimos que o Espírito fala sobre a ira de Deus cerca de trezentas vezes no texto bíblico, podemos igualmente decidir se aceitamos a doutrina ou se rejeitamos a Bíblia totalmente. Se dispusermos de uma informação válida oriunda de uma fonte externa que comprove que a ira é indigna de Deus, então não deveremos acreditar na Bíblia quando ela atribui esse sentimento a Deus. Mas, se a Bíblia estiver errada trezentas vezes em relação a um assunto, quem pode crer nela em relação a quaisquer outros?

O cristão douto sabe que a ira de Deus é uma realidade, que a Sua ira é tão santa quanto o Seu amor, e que entre a ira e o amor de Deus não há incompatibilidade. Ele também sabe (tanto quanto criaturas caídas entendem esse assunto) o que a ira de Deus é e o que não é.

Para compreender a ira de Deus, precisamos olhar para ela à luz da Sua santidade. Deus é santo e fez da santidade a condição moral necessária para o bem-estar de Seu universo. A presença temporária do pecado no mundo apenas enfatiza isso. Tudo o que é santo é saudável; o mal é uma enfermidade moral que, no fim das contas, acaba em morte. A própria formação linguística sugere isso. A palavra “santo”, na língua inglesa, é *holy*, que deriva do termo anglo-saxão *halig*, em que *hal* significa bem, *completo*. Embora não seja sábio dar excessiva importância à origem de uma palavra, há aqui um significado que não deve ser negligenciado.

Uma vez que o principal interesse de Deus para com o Seu universo é a sua saúde moral, ou seja, a sua santidade, tudo o que for contrário a esse interesse está, necessariamente, sob o desagrado eterno de Deus. Seja onde for que a santidade de Deus confronte a maldade, há conflito. Esse antagonismo surge das naturezas irreconciliáveis da santidade e do pecado. A atitude e ação de Deus nesse embate constituem a Sua ira. Para preservar a Sua criação, Deus deve destruir tudo aquilo que a possa destruir. Quando

Ele age para suprimir a destruição e salvar o mundo do irreparável colapso moral, diz-se que Ele está irado. Cada julgamento irascível de Deus na história do mundo é um santo ato de preservação.

A santidade de Deus, a Sua ira e a saúde da criação estão unidas de modo inseparável. Não somente é correto Deus mostrar Sua ira contra o pecado, como descubro ser impossível compreender como Ele poderia agir de outro modo.

A ira de Deus é a manifestação de Sua completa intolerância quanto a tudo que seja agente de degradação e destruição. Ele odeia a iniquidade como uma mãe odeia a difteria ou a pólio que podem destruir a vida de seu filho.

A ira de Deus é o antisséptico pelo qual a putrefação moral é combatida e a saúde da criação é preservada. Quando Deus adverte sobre a Sua iminente ira e exorta os homens a se arrependerem e a evitá-la, Ele o faz em uma linguagem compreensível a eles. Ele diz: *quem vos induziu a fugir da ira vindoura?* (Lc 3.7). Na verdade, Ele diz: “A sua vida é maligna, e porque é maligna você é um inimigo para a saúde moral da minha criação. Eu tenho que extirpar tudo o que possa destruir o mundo que amo. Eu amo você, mas odeio o pecado que você ama. Afaste-se de seus maus caminhos antes que eu mande julgamento sobre você”,

Ó SENHOR [...] na tua ira, lembra-te da misericórdia (Hc 3.2).

Em louvor ao dogmatismo

É VITAL PARA qualquer compreensão de nós mesmos e das demais pessoas crermos no que as Escrituras dizem sobre a sociedade humana, que é decaída, alienada de Deus e em rebelião contra as Suas leis.

Nesses dias de união, quando todos os seres humanos deveriam ser irmãos por tudo isso, mesmo para o genuíno cristão é difícil acreditar no que Deus fala sobre os homens em sua relação uns com os outros e com Ele mesmo, pois o que Deus diz jamais é elogioso aos seres humanos.

Há inúmeras boas notícias na Bíblia, mas jamais encontramos adulação ou tapinha nas costas. Visto dessa forma, a Bíblia é um livro de condenação. O texto bíblico condena todos os homens como pecadores e declara que a alma pecadora deve morrer. O pronunciamento de sentença contra a sociedade sempre antecede a oferta de misericórdia; e, se não reconhecemos a validade da sentença, não podemos aceitar a necessidade por misericórdia.

A vinda de Cristo ao mundo tem recebido tamanha carga de sentimentalismo que seu significado hoje se tornou totalmente distorcido em relação ao ensinamento bíblico. A maleável compaixão humana tem substituído a misericórdia de Deus na mente de milhões de pessoas por um sentimento que degenerou em autocompaixão, muito tempo atrás. A culpa pela condição humana tem sido colocada em Deus, e a morte de Cristo pelo mundo tem sido transformada em um ato de penitência da parte de Deus. No drama da redenção, o ser humano é visto como uma espécie de Cinderela, que tem sido oprimida e maltratada, mas que agora, graças aos heroicos feitos do Filho mais nobre da terra, está prestes a assumir a sua radiante aparência e aparecer diante da rainha.

Isso é humanismo romanticamente pincelado com cristianismo, que se posiciona ao lado dos rebeldes e justifica aqueles que pela palavra,

pensamento e ação glorificam homens decaídos e que, se fosse possível, usurpariam o glorioso Trono nos céus.

Conforme essa filosofia, os homens jamais devem ser considerados culpados por algo, exceto o homem que insiste na culpabilidade humana. Nesse mundo obscurecido por tal sentimento piedoso, todas as religiões são iguais e todo aquele que insiste que a salvação é obtida apenas por meio de Jesus Cristo é chamado de fanático e tosco.

Assim, juntamos a nossa luz religiosa, e, se a verdade é expressa, sua visibilidade é pouco mais intensa que a própria escuridão. A religião é debatida na televisão e nos meios de comunicação como se fosse um tipo de jogo, assim como discutimos sobre arte e filosofia, aceitando como uma das regras fundamentais do jogo a não exigência de um teste final de veracidade e que a melhor religião é um apanhado do que há de melhor em cada uma das religiões. Dessa forma, chegamos à verdade pelo voto majoritário e, portanto, ao que o Senhor diz, por consenso comum.

Uma característica desse tipo de atitude é o seu acanhamento. Admite-se que a religião possa ser algo muito precioso para algumas pessoas. Mas jamais será importante o suficiente para gerar divisão ou risco de ofender sentimentos alheios. Em todas as nossas discussões, jamais deve haver qualquer traço de intolerância; mas, obviamente, nos esquecemos de que os devotos mais fervorosos da tolerância são, invariavelmente, intolerantes para com todo aquele que fala sobre Deus com firmeza. E não deve haver fanatismo, que é o nome dado à convicção espiritual por aqueles que não desfrutam dela.

O desejo de agradar pode ser digno de elogios em determinadas circunstâncias, mas quando agradar a homens significa desagradar a Deus torna-se um mal inqualificável que nunca deveria encontrar abrigo no coração do cristão. Ser correto com Deus, com frequência, significa enfrentar problemas com os homens. Essa é uma daquelas verdades cuja simples menção é motivo de hesitação, embora pareça estar sendo negligenciada pela maioria dos cristãos atuais.

Existe um amplo consenso de que para ganhar um homem é preciso concordar com ele. Na realidade, exatamente o oposto é verdadeiro. G. K. Chesterton observou que cada geração tem sido convertida pelo homem que mais a contrariou. O homem que está seguindo em uma direção errada jamais será corrigido pelo religioso afável que se coloca ao lado dele e

segue no mesmo caminho. Alguém deve se colocar do outro lado do caminho e insistir para que o homem errante dê meia-volta e siga na direção certa.

Há, claro, um senso de que todos nós estamos nessa terrível confusão humana juntos, e, por essa razão, existem certas áreas de atividade normal nas quais todos podemos concordar. O cristão não discordará meramente para ser diferente, mas, onde quer que os padrões morais e as perspectivas religiosas da sociedade diferirem dos ensinamentos de Cristo, ele discordará abertamente. Ele não admitirá a validade da opinião humana quando a Palavra de Deus for claramente contrária. Algumas coisas não são debatíveis; não existe contrapartida para elas. Há apenas o lado de Deus.

Quando os homens creem em Deus, eles falam com ousadia. Quando duvidam, eles aquiescem. Grande parte da conversa religiosa atual nada mais é do que uma ambígua racionalização. A isso chamam “envolvimento no diálogo contemporâneo”. É impossível imaginar-se Moisés ou Elias tão ocupados.

Todos os grandes líderes cristãos têm sido dogmáticos. Para esses homens, dois mais dois somam quatro. Todo aquele que insistiu em negar isso ou evitou qualquer julgamento foi sumariamente repudiado como frívolo. Eles estavam interessados na reunião de mentes apenas se as mentes concordassem em se encontrar em solo santo. Alguns gentis dogmáticos seriam de extrema utilidade hoje em dia.

Pelo que os homens vivem

A VIDA HUMANA possui o seu núcleo central no qual jazem as coisas pelas quais os homens vivem. Essas coisas são constantes. Elas não mudam de uma época para outra, mas são as mesmas sempre entre todas as raças ao redor do mundo.

Igualmente, a vida possui suas zonas marginais nas quais jazem as coisas de relativa insignificância. Essas coisas mudam de geração em geração e variam de uma pessoa para outra.

É no núcleo central que os homens são um, e é nas áreas marginais que eles diferem uns dos outros. Não obstante, as coisas marginais é que dividem os povos do mundo de maneira radical e séria. A maioria das inimizades da terra surgiu de diferenças que não tinham importância básica; mas, porque não conseguiram fazer distinção entre as coisas pelas quais os homens vivem e as coisas com as quais eles convivem, ergueram-se inimizades entre eles que, em geral, resultaram em perseguições, assassinatos e guerras sangrentas.

Se os homens de todo o mundo ignorassem as coisas de pouca ou nenhuma importância para prestar séria atenção nas poucas coisas realmente importantes, grande parte dos muros que dividem os homens seria definitivamente derrubada e poria fim aos intermináveis sofrimentos mundiais.

O que importa, afinal? Quais são os grandes fatos entre os homens que são bons o tempo todo e em todo lugar? Quais são as verdades irrefutáveis sobre as quais toda a vida humana pode descansar com confiança? Felizmente, eles não são muitos. Aqui estão os principais:

1. *Somente Deus é grande.* Os homens têm buscado conferir grandeza a outros lugares, em coisas, em eventos e em homens, mas a alma humana

é grande demais para atribuir grandeza a si mesma e, certamente, sobremaneira grandiosa para acreditar que coisas ou eventos possam possuir verdadeira grandeza.

A grandeza que os homens parecem ter é como a grandeza do luar, que nada mais é do que a glória refletida do sol. A glória do homem é emprestada. Ele brilha a luz que jamais esteve na terra ou no mar. O ser humano reflete a grandeza de Deus, mas não possui nenhuma em si mesmo.

*Diante de Teu sempre fulgurante trono,
Não pedimos nenhuma luz que seja nossa.*

2. *Somente Deus é sábio.* A sabedoria do homem sempre foi o distintivo de sua superioridade e a razão de sua orgulhosa arrogância; não obstante, ela falha constantemente. O homem não consegue, por meio de sua sabedoria, encontrar a resposta para as velhas questões sobre si mesmo: De onde? Como? Por quê? Para onde? Ele não consegue assegurar as bênçãos que mais busca: escapar da dor, permanecer jovem e continuar vivo.

Ainda assim, o homem vangloria-se de sua sabedoria. Deus espera, os anos passam, e o tempo, o espaço, a matéria, o movimento, a vida e a morte se unem para nos contar que somente Deus é sábio.

3. *À parte de Deus, nada importa.* Achamos que a saúde, a liberdade, o conhecimento, a arte ou a civilização são importantes. E para uma única e insistente palavra eles, de fato, são importantes. Essa palavra é “eternidade”.

Uma vez que os homens possuem uma existência eterna, a preciosidade de todos os tesouros terrenos acaba instantaneamente. Deus é para o nosso ser eterno o que o nosso coração é para o nosso corpo. Os pulmões, o fígado, os rins têm valor enquanto relacionados ao coração. Assim que o coração cessa de bater, os demais órgãos entram em colapso. À parte de Deus, o que são dinheiro, fama, educação, civilização? Exatamente nada, pois os homens devem deixar todas essas coisas para trás e, um a um, partir para a eternidade. Deixe Deus esconder a Sua face e, depois disso, nada valerá o mínimo esforço.

4. *Somente o que fazemos em Deus, por fim, permanecerá para nós.* O homem é feito à imagem de seu Criador e possui dentro de si um impulso para atividades criativas. Quando deixou o Éden, o homem levou consigo esse impulso criativo. Ele sente sempre a necessidade de construir algo; seus materiais podem ser tijolos, tinta, notas musicais, dados científicos, sistemas de pensamento, mas sempre precisa estar em constante construção, desde o garoto que constrói um brinquedo até o homem adulto que constrói um império.

Contudo, ele tem contra si o tempo, pois tudo se desgasta ao toque do tempo. Sua ação corrosiva transforma civilizações, cidades e homens em poeira. Toda uma vida de fadiga e trabalho árduo morre com o trabalhador. Mas Deus impõe a imortalidade em todos os nossos amorosos esforços por Ele e compartilha Sua eternidade com todos os que O amam e nEle confiam.

5. *O pecado humano é real.* Desconfiança, ódio, inveja, poder, lascívia e ganância mantêm o mundo em um estado de contínua efervescência, enquanto homens de óculos permanecem impassíveis e asseguram a classes de estudantes impacientes que a noção de pecado é totalmente antiquada e que o próprio pecado não existe.

Apesar de toda a nossa polida conversa, o pecado continua a dominar a raça humana. Enquanto o pesado fardo do pecado não for retirado da alma, nada mais tem direito à nossa atenção, pois o pecado nos exclui da presença de Deus, cujo favor é o que concede à vida alguma razão satisfatória de ser.

6. *Com Deus, há perdão.* Assim diz o Antigo Testamento: *SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado (Êx 34.6,7).* Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados, diz o Novo Testamento, em Mateus 9.6.

A misericórdia de Deus é expressa no Homem Jesus Cristo, que é Deus e homem pelo mistério da encarnação. Ele pode e concede perdão ao pecado porque, em primeiro lugar, o pecado foi cometido contra Ele. A pessoa que está em Cristo descobriu o Único que importa. Seu mais

grave problema está resolvido; sua filosofia básica é sólida; seus olhos estão abertos e ela sabe discernir o verdadeiro do falso.

7. *Somente o que Deus protege está seguro.* Tudo o mais perece, seja usando, seja estocando. Paulo conhecia esse segredo, pois disse: ... *e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia* (2Tm 1.12).

Abençoado Tesouro. Abençoado Guardião. Abençoado Dia.

Como provar os espíritos

ESTES SÃO TEMPOS de provação para a alma dos homens. O Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por darem ouvidos a espíritos enganadores e a doutrina de demônios, pela influência de pessoas hipócritas e mentirosas, que têm a consciência cauterizada. Tais dias estão sobre nós e não há como escapar deles. Temos que triunfar nestes tempos, pois essa é a vontade de Deus a nosso respeito.

Por mais estranho que possa parecer, o perigo hoje é maior para o cristão fervoroso do que para os cristãos mornos e acomodados. Aquele que busca pelas melhores dádivas de Deus está ansioso para ouvir qualquer um que ofereça um caminho pelo qual ele possa obtê-las. Ele anseia por alguma nova experiência, alguma ação do Espírito que o eleve acima do nível de inércia que caracteriza a mediocridade religiosa que vê ao redor. Por essa razão, tal homem está pronto a dar ouvidos indulgentes a todo tipo de novidades e maravilhas na religião, particularmente se for apresentada por alguém com uma personalidade atraente e uma reputação de religiosidade superior.

Bem, o nosso Senhor Jesus, o supremo Pastor das ovelhas, não deixa o Seu rebanho à mercê dos lobos. Ele deu-nos as Escrituras, o Espírito Santo e os poderes naturais de observação e, assim, espera que nos beneficiemos desses auxílios divinos constantemente. *Julgai todas as coisas, retende o que é bom* (1Ts 5.21). João escreveu: *Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora* (1Jo 4.1). Nosso Senhor advertiu: *Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores* (Mt 7.15). Então, Ele acrescentou a palavra pela qual os espíritos devem ser provados: *Pelos seus frutos os conhecereis* (7.16). Dessa palavra, fica evidente não apenas que há

falsos espíritos pelo mundo afora, colocando em perigo a nossa vida cristã, como também que é possível identificá-los e conhecê-los pelo que eles são. E, claro, assim que conhecemos a sua identidade e aprendemos os seus truques, o poder de nos prejudicar desaparece. *Pois debalde se estende a rede à vista de qualquer ave* (Pv 1.17).

A minha intenção aqui é demonstrar um método pelo qual possamos provar os espíritos, bem como todas as coisas religiosas e morais que chegam até nós, trazidas ou oferecidas por alguém. E, ao lidarmos com essas matérias, devemos manter em mente que nem todas as excentricidades religiosas constituem obra de Satanás. A mente humana é plenamente capaz de toda sorte de equívocos sem qualquer auxílio do diabo. Algumas pessoas possuem uma índole propensa à confusão, podendo confundir ilusão com realidade em plena luz do dia, com a Bíblia aberta diante delas. Pedro tinha isso em mente, ao escrever:

E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como de fato costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles (2Pe 3.15,16).

É pouco provável que os comprovados apóstolos da confusão leiam o que está escrito aqui, ou que lhes será de algum proveito, caso leiam, porém há muitos cristãos sensíveis que têm sido levados ao desvio, mas que são suficientemente humildes para admitir seus erros e, agora, estão prontos para retornar ao Pastor e Bispo de sua alma. Eles podem ser resgatados dos falsos caminhos. Mais importante ainda, indubitavelmente: há muitas pessoas que ainda permanecem no caminho correto, mas que desejam uma regra pela qual possam provar a qualidade do ensino cristão e da experiência com as quais entram em contato, dia a dia, ao longo de sua ocupada vida. Para essas pessoas, revelo aqui um pequeno segredo com o qual tenho provado as minhas próprias experiências espirituais e meus impulsos religiosos, por muitos anos.

Brevemente expresso, o teste é este: essa nova doutrina, esse novo hábito religioso, essa nova visão da verdade, essa nova experiência espiritual — *como isso tem afetado a minha atitude e minha relação com*

Deus, Cristo, as Sagradas Escrituras, comigo mesmo, com outros cristãos, o mundo e o pecado? Por meio desse teste composto de sete partes, é possível provar tudo com respeito à religião e termos certeza se provém de Deus ou não. Pelo seu fruto, conhecemos que tipo de árvore é. Assim, nada mais precisamos fazer do que avaliar a influência de qualquer doutrina ou experiência sobre mim. E logo saberemos se isso vem de cima ou de baixo.

1. Um teste vital para todas as experiências religiosas é como ela afeta a nossa relação com Deus, a nossa concepção de Deus e a nossa atitude para com Ele.

Por ser quem é, Deus deve sempre ser o supremo árbitro sobre todas as coisas religiosas. O universo veio a existir como um meio pelo qual o Criador possa exibir Sua perfeição a todos os seres morais e intelectuais. *Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem (Is 42.8). Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas (Ap 4.11).*

A saúde e o equilíbrio do universo demandam que, em todas as coisas, Deus seja glorificado. *Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado; a sua grandeza é insondável (Sl 145.3).* Deus age somente para Sua glória e, seja o que for que venha dEle, deve ser para a Sua própria e excelsa honra. Qualquer doutrina, qualquer experiência que sirva para engrandecê-Lo, provavelmente é inspirada por Ele. Ao contrário, tudo aquilo que encobre a Sua glória ou que O faça parecer menos maravilhoso, com certeza, provém da carne ou do diabo.

O coração humano é semelhante a um instrumento musical e pode ser tocado pelo Espírito Santo, por um espírito maligno ou pelo próprio espírito humano. As emoções religiosas são muito parecidas, não importa quem seja o músico. Muitos sentimentos agradáveis podem ser despertados no íntimo de nossa alma por um culto raso ou mesmo idólatra. A freira que se ajoelha “ofegante em adoração” diante da imagem da Virgem está tendo uma genuína experiência religiosa. Ela sente emoções agradáveis como amor, assombro, reverência, como se, certamente, estivesse adorando a Deus. As experiências místicas dos hindus e sufis não podem ser desconsideradas como mero fingimento. Muito menos podemos desprezar os elevados voos religiosos dos adeptos

do espiritismo e outros ocultistas como mera imaginação. Eles podem ter, e por vezes realmente têm, encontros genuínos com algo ou alguém fora do alcance deles. De igual sorte, algumas vezes os cristãos são levados a experiências emocionais que estão além de seu poder de compreensão. Tenho encontrado alguns irmãos que me questionam avidamente para saber se a experiência que vivenciaram era proveniente de Deus ou não.

A grande prova é: o que isso tem feito para o meu relacionamento com o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo? Se essa nova visão da verdade — esse encontro novo com coisas espirituais — tem aumentado o meu amor por Deus, se O tem engrandecido aos meus olhos, se tem purificado o meu conceito sobre o Seu ser e se O faz parecer mais maravilhoso que antes, então posso concluir que não tenho me desviado e trilhado os agradáveis, porém perigosos e proibidos, caminhos de engano.

2. O teste seguinte é: como essa nova experiência tem afetado a minha atitude em relação ao Senhor Jesus Cristo? Qualquer que seja o lugar concedido pela religião atual a Cristo, Deus concedeu-Lhe o lugar mais alto na terra e no céu. *Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo* (Mt 3.17), declarou dos céus a voz de Deus com respeito ao nosso Senhor Jesus. Pedro, cheio do Espírito Santo, declarou: *Este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo* (At 2.36). Jesus afirmou sobre Si mesmo: *Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim* (Jo 14.6). Uma vez mais, Pedro escreveu sobre Ele: *E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos* (At 4.12). Todo o livro de Hebreus é devotado à ideia de que Cristo está acima de todos os outros. Ele é mostrado acima de Arão e Moisés, e mesmo os anjos são chamados a prostrarem-se e O adorarem. Paulo diz que Jesus é a imagem do Deus invisível, que nEle habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e que em todas as coisas Ele tem a supremacia. O tempo, entretanto, não me permite discorrer sobre a glória concedida a Jesus por profetas, patriarcas, apóstolos, santos, anciãos, salmistas, reis e serafins. Para nós, Ele é feito sabedoria, justiça, santificação e redenção. Jesus é a nossa esperança, a nossa vida, o nosso tudo, agora e para todo o sempre.

Sendo tudo isso verdadeiro, fica claro que Ele deve estar presente no centro de toda e qualquer doutrina verdadeira, de toda e qualquer prática aceitável, bem como de toda e qualquer experiência cristã genuína. Tudo aquilo que O torne menos do que Deus declarou que Ele é constitui simples e pura ilusão, devendo ser rejeitado, não importa quão aprazível e satisfatório possa parecer.

O cristianismo sem Cristo soa contraditório, mas existe como um fenômeno real em nossos dias. Muito do que está sendo feito em Seu nome é falso quanto a Cristo, visto que é concebido pela carne, incorpora métodos carnais e busca propósitos carnais. O nome de Cristo é citado, de tempos em tempos, da mesma forma e pela mesma razão que políticos egocêntricos mencionam Lincoln e a bandeira, para fornecer uma fachada sagrada a atividades carnais e para ludibriar os ouvintes de coração simples. O engano está no fato de Cristo não estar no centro. Ele não é tudo em todos.

Novamente, há experiências psíquicas que impressionam aquele que está em busca de algo, levando-o a crer que, de fato, teve um encontro com o Senhor e que foi arrebatado ao terceiro céu. Contudo, a verdadeira natureza do fenômeno é descoberta mais tarde, quando a face de Cristo começa a se desvanecer da consciência da vítima, tornando-a cada vez mais dependente de experiências emocionais como prova de sua espiritualidade.

Se, por outro lado, a nova experiência tende a tornar Cristo cada vez mais indispensável, se ela remove o interesse por nosso sentimento e o coloca em Cristo, estamos na trilha certa. Podemos ter certeza de que tudo aquilo que aumenta a nossa estima por Cristo vem de Deus.

3. Outra prova reveladora da solidez da experiência religiosa é: como isso afeta a minha atitude em relação às Sagradas Escrituras?

Essa nova experiência, essa nova visão da verdade, surgiu da própria Palavra de Deus, ou foi resultado de algum estímulo externo à Bíblia? Cristãos dotados de coração benevolente, em geral, tornam-se vítimas da forte pressão psicológica aplicada, intencional ou inocentemente, pelo testemunho pessoal de alguém, ou por uma história atraente contada por um ardoroso pregador que pode até falar com finalidade profética, mas

que não confrontou a história com os fatos nem testou a solidez de suas conclusões à luz da Palavra de Deus.

Tudo aquilo que tenha origem fora das Escrituras deve ser, exatamente por essa razão, considerado suspeito até que sua concordância com a Bíblia seja provada. Se for encontrado em oposição à Palavra, nenhum cristão deve aceitá-lo como proveniente de Deus. Independentemente de quão intenso seja o conteúdo emocional, nenhuma experiência pode ser provada como genuína, exceto se encontrarmos autoridade em capítulo e versículo das Escrituras. A prova derradeira e final sempre deve ser: *À lei e ao testemunho!* (Is 8.20).

Tudo o que for novo ou singular também deve ser visto com muita cautela até que possa fornecer prova bíblica de sua validade. Ao longo dos últimos cinquenta anos, um número considerável de ideias e noções antibíblicas tem angariado aceitação entre os cristãos sob a alegação de estarem entre as verdades a serem reveladas nos últimos dias. Com certeza, dizem os defensores dessa teoria da luz-dos-últimos-dias, Agostinho, Lutero, John Knox, Wesley, Finney e Spurgeon não compreenderiam isso; mas uma luz mais cintilante brilha agora sobre o povo de Deus, e nós, que vivemos nos últimos tempos, temos a vantagem da revelação plena. Não devemos questionar a nova doutrina ou evitar essa avançada experiência. O Senhor está preparando a Sua noiva para a ceia das bodas do Cordeiro. Devemos todos nos render a esse novo mover do Espírito. Assim dizem eles.

A verdade é que a Bíblia não ensina que haverá uma nova luz e avançadas experiências espirituais nos últimos dias, *mas ensina exatamente o contrário*. Nada em Daniel ou nas epístolas do Novo testamento corrobora a ideia de que, no fim da era cristã, desfrutaremos de uma luz que era desconhecida em seu início. Tenha cautela com relação a qualquer um que reivindique ser mais sábio que os apóstolos ou mais santo que os mártires da igreja primitiva. A melhor forma de lidar com tal homem é nos levantarmos e sairmos de sua presença. Você não pode ajudá-lo e, certamente, ele não pode ajudar você.

Ressalvado, entretanto, que as Escrituras podem, por vezes, não ser totalmente claras e que há diferenças de interpretação entre homens igualmente sinceros, esse teste irá fornecer toda prova necessária a tudo o

que for religioso, a saber: que influência isso traz ao meu amor e à minha apreciação pelas Escrituras?

Embora o verdadeiro poder não esteja na letra do texto, mas no Espírito que a inspirou, jamais devemos subestimar o valor da letra. O texto da verdade possui a mesma relação com a verdade que o favo tem com o mel. Um serve de receptáculo ao outro. No entanto, aqui termina a analogia. O mel pode ser removido do favo, porém o Espírito da verdade não pode e não opera à parte da letra das Sagradas Escrituras. Por essa razão, uma crescente familiaridade com o Espírito Santo sempre significará um crescente amor pela Bíblia. As Escrituras são em publicação impressa o que Cristo é em pessoa. A Palavra inspirada é como um retrato fidedigno de Cristo. Mas, novamente, a figura se deteriora. Cristo está na Bíblia como ninguém pode estar em uma mera fotografia, pois a Bíblia é um livro de santas ideias e a palavra eterna do Pai pode e, de fato, habita no pensamento que Ele próprio inspirou. Os pensamentos são coisas, e os pensamentos das Sagradas Escrituras formam um imponente templo para a habitação de Deus.

Naturalmente, disso resulta que um verdadeiro amante de Deus igualmente será um amante de Sua Palavra. Tudo aquilo que venha a nós do Deus da Palavra irá aprofundar nosso amor pela Palavra de Deus. Essa é uma conclusão lógica, porém temos a confirmação por uma testemunha muito mais confiável que a lógica, isto é, a testificação conjunta de um grande exército de testemunhas vivas e mortas. Elas declaram, em unísono, que o amor pelas Escrituras se intensificou à medida que a fé delas se solidificou e a sua obediência se tornou consistente e jubilosa.

Se a nova doutrina, a influência daquele novo mestre, a nova experiência emocional preencherem meu coração com um apetite voraz pela meditação nas Escrituras, eu terei toda a razão para crer que Deus falou à minha alma e que a minha experiência é genuína. De modo contrário, se o meu amor pela Palavra tem esfriado, ainda que pouco, se a minha avidez para comer e beber da Palavra inspirada tem diminuído, ainda que lentamente, devo humildemente admitir que perdi o sinal de Deus em algum lugar e retroceder com sinceridade até encontrar o caminho verdadeiro mais uma vez.

4. Repito, podemos provar a qualidade da experiência religiosa por seu efeito na vida pessoal.

O Santo Espírito e o decaído “eu” humano são diametralmente opostos entre si. *Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer (Gl 5.17). Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito [...]. Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar (Rm 8.5,7).*

Antes de o Espírito de Deus poder operar criativamente em nosso coração, Ele precisa condenar e aniquilar a “carne” em nosso interior, isto é, Ele deve ter o nosso pleno consentimento para substituir o nosso “eu” natural pela pessoa de Cristo. Essa substituição é cuidadosamente explanada nos [capítulos 6, 7 e 8](#) de Romanos. Quando o cristão, em sua sincera busca, passa pela experiência da crucificação, detalhada nos [capítulos 6 e 7](#), ele penetra nas regiões amplas e livres do [capítulo 8](#). Lá, o “eu” é destronado e Cristo, entronizado para sempre.

À luz do acima descrito, não é difícil constatar por que a atitude cristã em relação ao “eu” é um excelente teste de validade de suas experiências religiosas. A maioria dos grandes mestres da vida interior, como Fénelon, Molinos, João da Cruz, Madame Guyon, e uma multidão de outros, advertiu contra as experiências pseudoreligiosas que suprem grande prazer carnal, mas alimentam a carne e inflam o coração com amor-próprio.

Uma boa regra é esta: se a experiência serviu para me humilhar e me tornar pequeno e vil a meus próprios olhos, então ela vem de Deus. Mas, se ela tem me propiciado um sentimento de autossatisfação, é falsa e deveria ser repudiada como sendo proveniente do “eu” ou do diabo. Nada que venha da parte de Deus irá ministrar ao meu orgulho ou autoexaltação. Se me sentir tentado a ser complacente ou ser tomado por um sentimento de superioridade porque tive uma extraordinária visão ou uma experiência espiritual sublime, devo, imediatamente, cair de joelhos e me arrepender de tais emoções. Tornei-me uma vítima do inimigo.

5. Outro teste preciso da experiência cristã é o respeito e atitude que temos com relação aos nossos irmãos em Cristo.

Por vezes, após um encontro espiritual marcante, um cristão sincero poderá se afastar de seus irmãos na fé e desenvolver um espírito crítico. Ele pode estar honestamente convencido de que a experiência pela qual passou é superior e que, agora, está em um estado de graça avançado. Convince-se ainda de que a maioria das pessoas na igreja que ele frequenta não passa de uma multidão miscigenada, sendo ele o único e verdadeiro filho de Israel. É possível que enfrente lutas para se manter paciente com essas pessoas religiosas comuns, porém sua linguagem suave e seu sorriso condescendente revelam o que realmente pensa delas — e de si mesmo. Esse é um estado mental dos mais perigosos porque pode justificar-se por meio dos fatos. O irmão *teve* uma experiência extraordinária; ele *recebeu* uma iluminação maravilhosa sobre as Escrituras; ele *adentrou* numa terra jubilosa que lhe era totalmente desconhecida. Assim, ele pode facilmente passar a considerar os cristãos professos de seu círculo de relações como mundanos, obtusos e sem qualquer entusiasmo espiritual. Não são os fatos, porém, que provam o seu engano, mas a sua reação aos fatos, pois ela deriva da carne. A sua nova espiritualidade o tornou menos generoso.

Com seu inglês ímpar, *lady* Juliana nos revela como a verdadeira graça cristã afeta a nossa atitude em relação aos demais. “Dentre todas as coisas, a contemplação e o amor pelo Criador fazem com que a nossa alma se perceba menor do que é e seja inundada pelo temor respeitoso, pela humildade sincera e compaixão desmedida para com os nossos semelhantes.” Toda e qualquer experiência religiosa que fracasse em aprofundar o nosso amor por nossos irmãos em Cristo pode, seguramente, ser descartada como espúria.

O apóstolo João faz do amor por nossos irmãos na fé um teste para a genuína fé. *Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade. E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração* (1Jo 3.18,19). Uma vez mais, ele diz: *Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus, e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor* (1Jo 4.7,8)

Quando crescemos em graça, crescemos em amor por todo o povo de Deus. *Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido* (1Jo 5.1). Isso significa, simplesmente, que, se amamos a Deus, amaremos os seus filhos. Toda verdadeira experiência cristã aprofundará o nosso amor por outros cristãos.

Portanto, concluímos que tudo o que concorre para nos separar dos irmãos em Cristo, seja pessoalmente, seja no coração, não vem de Deus, mas da carne ou do diabo. Ao contrário, tudo o que nos leve a amar os Seus filhos vem, provavelmente, da parte de Deus. *Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros* (Jo 13.35).

6. Outro teste eficiente para conhecermos a fonte da experiência religiosa é este: observe como ela afeta a nossa relação e a nossa atitude quanto ao mundo.

Por “mundo” não quero dizer, claro, a bela ordem natural que Deus criou para o deleite da humanidade. Nem me refiro ao mundo dos homens perdidos no sentido encontrado na Bíblia, quando Ele diz: *Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.* Certamente, qualquer toque verdadeiro de Deus na alma irá aprofundar a nossa apreciação pelas belezas naturais e intensificar o nosso amor pelo perdido. Refiro-me aqui a algo totalmente distinto.

Observemos as palavras do apóstolo para nós: *Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente* (1Jo 2.16,17).

Esse é o mundo pelo qual podemos testar os espíritos. É o mundo das alegrias carnais, dos prazeres ímpios, da busca pelos bens materiais e do reconhecimento deste mundo, e da felicidade iníqua. Esse mundo segue o seu curso sem Cristo, orientando-se pelo conselho dos ímpios e sendo estimulado pelo *príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua*

nos filhos da desobediência (Ef 2.2). A religião que seguem é uma forma de divindade, desprovida de poder, que supostamente está viva, mas, na realidade, está morta. Em resumo, é a sociedade humana pecaminosa em desabalada carreira rumo ao inferno, exatamente o oposto da genuína igreja de Deus, uma sociedade formada por almas regeneradas seguindo solene, porém alegremente, em seu caminho rumo ao céu.

Qualquer obra real de Deus em nosso coração nos fará sentir uma inadequação em nossa relação com esse mundo. *Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele* (1Jo 2.15). *Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos, porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão da luz com as trevas?* (2Co 6.14). Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que é falso qualquer espírito que leve a uma condescendência com o mundo. Igualmente, qualquer movimento religioso que imite o mundo em qualquer uma de suas manifestações é falso com respeito à cruz de Cristo e está do lado do inimigo — independentemente de quão convincentes seus líderes possam ser sobre “aceitar a Cristo” ou “deixar Deus governar a sua vida”.

7. O derradeiro teste quanto à veracidade da experiência cristã é o que ela faz com a nossa atitude em relação ao pecado.

As ações da graça no coração daquele que crê irão levá-lo para longe do pecado e mais perto da santidade:

Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus (Tt 2.11-13).

Não vejo como isso poderia ser mais claro e cristalino. A mesma graça que salva ensina o salvo interiormente, e seu ensinamento é tanto negativo quanto positivo. Do lado negativo, ela nos ensina a negar a impiedade e as cobiças mundanas. Do positivo, ela nos ensina a viver com sobriedade, com justiça e piedosa retidão no presente mundo.

O homem dotado de um coração honesto não encontrará dificuldades aqui. Tudo o que necessita é verificar a sua própria inclinação para

descobrir se está, mais ou menos, preocupado com o pecado em sua vida, desde que a suposta obra da graça foi realizada. Tudo aquilo que enfraquece o seu sentimento contrário ao pecado pode ser, de imediato, identificado como falso em relação às Escrituras, ao Salvador e à sua própria alma. Qualquer coisa que torne a santidade mais atraente e o pecado mais intolerável pode ser aceita como genuína. *Pois tu não és Deus que se agrada com a iniquidade, e contigo não subsiste o mal. Os arrogantes não permanecerão à tua vista; aborreces a todos os que praticam a iniquidade* (Sl 5.4,5).

Jesus nos advertiu: *porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos* (Mt 24.24). Essas palavras descrevem os nossos dias com muita precisão para ser mera coincidência. Decidi discorrer sobre esses testes na esperança de que o “eleito” possa tirar proveito deles. O resultado está nas mãos de Deus.

Tédio religioso

HÁ, EM NOSSOS dias, algo extremamente grave com o cristianismo evangélico, afirmação com a qual, provavelmente, qualquer pessoa sensata e familiarizada com os fatos irá concordar. Contudo, um pouco mais complexo é determinar *o que* está errado.

Ao examinar a situação, descubro, em meu íntimo, um conflito entre a natureza e a razão, pois a minha tendência, por temperamento, é a de estabelecer tudo no impulso de minha caneta. Contudo, a razão recomenda-me cautela; nada é tão simples, e devemos ter cuidado ao distinguir causa e efeito. Como todo profissional de saúde sabe, há uma ampla diferença entre a doença e os sintomas, assim como todo cristão sabe que há uma grande diferença entre causa e efeito na esfera da religião.

Na raiz de nossa tribulação espiritual, residem inúmeras causas e destas derivam efeitos, porém nem sempre é possível determinar o que é causa e o que é efeito. Suspeito que muitas coisas, atualmente sob intenso ataque de nossos evangelistas e pastores (e editores, no que tange a esse assunto), não são as causas de nossas dificuldades, mas efeitos de causas que jazem mais profundamente. Tratamos os sintomas e nos perguntamos por que o paciente não apresenta melhoras. Ou, para mudar de figura, abrimos uma artilharia pesada contra nada mais substancial que a nuvem de poeira levantada pelas tropas inimigas em marcha, ao longe.

Uma marca característica da baixa condição das ocupações entre nós é o tédio religioso. Seja a causa em si mesma, seja meramente um sintoma da causa, não estou bem certo, mas suspeito que seja o último. E o fato de ser encontrado, em alguma medida, em quase todos os lugares onde há cristãos é uma evidência que não pode ser negada.

O tédio, claro, é um estado mental que resulta da tentativa de manter interesse em algo que não detém qualquer traço de interesse em nosso

íntimo (como, por exemplo, as piadas do chefe ou aquela leitura sobre cuidado e cultivo de dalias, que iniciamos pela entusiástica insistência de um amigo). Ninguém é levado ao tédio por aquilo do qual, em sã consciência, pode se afastar. O enfado se instala quando um homem deve tentar ouvir com interesse algo que dificilmente atrairia a sua atenção.

Considerando essa definição, certamente há uma larga escala de tédio religioso nos dias atuais. O homem de negócios, num domingo de manhã, cuja mente está no golfe, mal consegue disfarçar a sua falta de interesse no sermão que está sendo forçado a ouvir. A senhora que não está familiarizada com a erudição teológica ou o jargão filosófico do orador; o casal jovem que sente a palpitação do amor um pelo outro, mas que não ama ou não conhece Aquele sobre quem o coral está cantando — estes não conseguem fugir daquela dor sutil, que chamamos de tédio, enquanto lutam para manter a atenção no culto. Todos eles são cortesões demais para admitir aos outros que estão entediados e, possivelmente, muito tímidos para reconhecer isso para si mesmos. Contudo, creio que um pouquinho de franqueza e honestidade nos faria muito bem.

Quando Moisés demorou-se no monte, o povo de Israel ficou entediado com a fé que vê o invisível e clamou por um deus que podiam ver e tocar. E, de fato, eles demonstraram muito mais entusiasmo pelo bezerro de ouro do que tinham demonstrado até então pelo Senhor, Deus de Abraão. Mais tarde, cansados de comer maná, passaram a reclamar da monotonia daquela dieta. Finalmente, após petulante insistência, receberam carne fresca para comer, e isso para a própria destruição.

Aqueles cristãos que pertencem à ala evangélica da Igreja (que eu firmemente creio ser a única que se aproxima do cristianismo do Novo Testamento) têm demonstrado, ao longo dos últimos cinquenta anos, uma crescente impaciência com as coisas invisíveis e eternas, exigindo e obtendo uma série de coisas visíveis e temporais para satisfazer os seus apetites carnis. Sem autoridade bíblica, ou qualquer outro direito debaixo do sol, líderes religiosos carnis têm introduzido um bando de atrações que servem a nenhum propósito, exceto o de fornecer entretenimento para os entorpecidos santos.

Agora, tornou-se prática comum, na maior parte das igrejas evangélicas, proporcionar, em especial aos jovens, o máximo de entretenimento e o mínimo de instrução séria. É praticamente impossível, na maioria dos

lugares, conseguir audiência para um encontro onde a principal atração seja Deus. A única conclusão plausível é que os filhos professos de Deus estão entediados com Ele, pois precisam ser atraídos à reunião por uma barra de doce na forma de filmes religiosos, jogos e outras amenidades.

Isso tem influenciado todo o padrão de vida da igreja e, até mesmo, levado a um novo tipo de arquitetura eclesiástica, designada para abrigar o bezerro de ouro.

Assim, temos a estranha anomalia da ortodoxia no credo e a heterodoxia na prática. A técnica da barra de doce tem sido tão plenamente integrada ao nosso pensamento religioso atual que é simplesmente considerada como normal. Suas vítimas sequer imaginam que essa técnica não faz parte dos ensinamentos de Cristo e de Seus apóstolos.

Qualquer objeção quanto à inadequação desse bezerro de ouro no cristianismo atual é refutada com a triunfante resposta: “Mas estamos ganhando pessoas!” Contudo, ganhando pessoas para o quê? Para o verdadeiro discipulado? Para a abnegação? Para a separação do mundo? Para a crucificação da carne? Para um viver santo? Para a nobreza de caráter? Para o desprezo aos tesouros do mundo? Para a autodisciplina? Para amar a Deus? Para uma entrega total a Cristo? Claro que a resposta a todas essas perguntas é um sonoro *não*.

Estamos pagando um temeroso preço por nosso fastio religioso. E isso está ocorrendo no momento em que o mundo enfrenta um perigo mortal.

A igreja não pode morrer

HÁ, EM CIRCULAÇÃO, uma noção de que o cristianismo está a um passo do fim ou que já está possivelmente morto, estando apenas fraco demais para desabar de vez.

Essa crença é confiantemente propagada em alguns países de governo declaradamente comunista ou socialista, e, embora os porta-vozes ocidentais sejam muito educados para afirmar isso, é difícil disfarçar o sentimento de que esses governos também acreditem no fim da igreja como um fato certo e embaraçoso. Para eles, a prova principal de morte iminente é a falha em prover liderança para o mundo exatamente quando ela é mais necessária.

Permita-me empregar alguns clichês, já surrados pelo uso, mas ainda úteis, para dizer que aqueles que se apresentam para enterrar a fé de nossos pais não têm considerado a grande multidão. Tal como Jesus Cristo foi, outrora, sepultado com a expectativa de ter sido totalmente derrotado, a Sua igreja, igualmente, tem sido enterrada incontáveis vezes. Contudo, assim como Ele desconcertou Seus inimigos ressuscitando dentre os mortos, de igual modo a igreja tem confundido os seus opositores ao florescer novamente para uma vigorosa vida após todos os funerais que foram executados diante de seu caixão e as lágrimas de crocodilo vertidas em seu túmulo.

A linguagem da devoção tem contribuído para criar a impressão de que a igreja deve ser um bando de guerreiros a combater o inimigo em terreno aberto e com abundância de cores e dramas, visando a dar um floreado agradável a todo o cenário. Em nossos hinos e oratória de púlpito, usualmente a igreja é retratada como um exército marchando ao som de música marcial e dos aplausos da multidão.

Claro que isso nada mais é do que uma figura poética. Individualmente, o cristão pode ser comparado a um soldado, mas a figura da igreja na terra como um exército conquistador não é realista. Sua verdadeira situação é mais acuradamente retratada como um bando de ovelhas em meio a uma alcateia, ou como um grupo de peregrinos desprezados rumo ao lar, ou como uma nação peculiar protegida pelo sangue pascal aguardando o som da trombeta, ou ainda como uma noiva aguardando a chegada de seu noivo.

O mundo mantém a igreja sob constante açoite porque ela não possui as soluções para os problemas da sociedade, e os líderes religiosos que não sabem a resposta se retraem com os golpes. De vez em quando, alguns eclesiásticos, sob um agudo ataque de consciência, penitenciam-se em público pela falha da igreja em fornecer ao mundo uma liderança corajosa nestes tempos de crise. “Pecamos”, lamenta o frustrado profeta. “O mundo olhou para nós em busca de socorro e nós falhamos.”

Bem, sou totalmente a favor do arrependimento se for genuíno e acho que a igreja, de fato, *tem* falhado não por negligenciar o fornecimento de liderança, mas por adotar um modo de vida muito parecido com o do mundo. Isso, porém, não é o que o confuso eclesiástico diz enquanto desnuda a sua alma em público. Ao contrário, ele erroneamente assume que a igreja de Deus foi deixada na terra para ministrar boa esperança e alegria ao mundo, de modo que se pode ignorar Deus, rejeitar a Cristo, glorificar a decaída carne humana e perseguir propósitos egoístas em paz. O mundo quer que a igreja acrescente um delicado toque espiritual aos seus esquemas carnis e esteja aqui para ajudá-lo a permanecer em pé e colocá-lo na cama quando ele chegar em casa bêbado com seus prazeres carnis.

Em primeiro lugar, a igreja não recebeu tal comissionamento do seu Senhor e, em segundo lugar, o mundo jamais demonstrou qualquer disposição para ouvir a igreja quando ela fala com sua verdadeira voz profética. A atitude do mundo em relação ao verdadeiro filho de Deus é exatamente a mesma dos cidadãos da Feira das Vaidades, em relação a Cristão e seus companheiros, no clássico de John Bunyan: “E por isso os prenderam, deram-lhe muita pancada, atiraram lama sobre eles e meteram-nos numa gaiola para servirem de espetáculo a toda a gente que havia na feira”. O dever de Cristão não era “prover liderança” para a Feira das Vaidades, mas se manter limpo de sua poluição e sair de lá o mais rápido possível. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

O cristianismo está seguindo o caminho que o seu Fundador e Seus apóstolos disseram que seguiria. O seu desenvolvimento e a sua direção já foram preditos há dois mil anos, e isso, por si só, constitui um milagre. Tivesse Cristo sido menos que Deus e Seus apóstolos menos que inspirados, não poderiam ter prenunciado com tanta precisão a condição da igreja tão distante deles em tempo e circunstância. Nenhum homem mortal poderia ter predito a vinda do grande sistema político-religioso, que é Roma, a Idade das Trevas, ou a descoberta do Novo Mundo, ou a Revolução Industrial e o surgimento de um maior criticismo, ou a era nuclear e a aventura do homem no espaço. Todos esses eventos teriam frustrado qualquer esforço humano para predizer a situação religiosa nestes últimos dias, porém as condições atuais foram, de fato, descritas com abundância de detalhes mais de dois mil anos atrás. Nada inesperado aconteceu ou está acontecendo.

Estamos realmente necessitando de uma reforma que resulte em grande avivamento entre as igrejas, porém a igreja não está morta nem moribunda. Uma igreja local pode morrer, mas não a Igreja. Isso ocorre quando todos os antigos santos, em determinado local, adormecem e não há santos jovens para substituí-los. Por vezes, sob tais circunstâncias, a congregação deixa de ser uma igreja, ou não há congregação remanescente e as portas da capela são trancadas em definitivo. Contudo, tal condição, ainda que deplorável, não deveria nos desencorajar. A verdadeira igreja é o repositório da vida de Deus entre os homens, e se, num lugar, os vasos frágeis se quebrarem, essa vida irá ressurgir em algum outro local. Podemos ter certeza disso.

O senhorio do homem Jesus é básico

NOS DIAS ATUAIS, estamos debaixo de constante tentação para substituir o Cristo do Novo Testamento por outro cristo. Todo o esforço da religião moderna visa a essa substituição.

Para evitá-la, precisamos nos apegar com firmeza ao conceito de Cristo conforme estabelecido, de modo tão claro e cristalino, nas Escrituras da verdade. Ainda que um anjo celestial venha pregar qualquer coisa menor do que o Cristo dos apóstolos, ele deverá por nós ser imediata e destemidamente rejeitado.

A mensagem poderosa e revolucionária da igreja primitiva afirmava que um homem chamado Jesus, que havia sido crucificado, fora ressuscitado dentre os mortos, e agora estava glorificado à direita de Deus. *Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo (At 2.36).*

Pouco menos de três séculos após o Pentecostes, os pressionados defensores da fé escreveram um credo, condensando aqueles ensinamentos do Novo Testamento relativos à natureza de Cristo. Esse credo declara:

Ele é Deus eternamente gerado da substância do Pai; homem nascido no tempo da substância da sua mãe.

Perfeito Deus, perfeito homem, subsistindo de uma alma racional e carne humana.

Igual ao Pai com relação à Sua divindade, menor do que o Pai com relação à Sua humanidade.

O qual, embora seja Deus e homem, não é dois, mas um só Cristo.

Mas um, não pela conversão de Sua divindade em carne, mas por Sua divindade haver assumido Sua humanidade.

Um, não, de modo algum, pela confusão de substância, mas pela unidade de pessoa.

Pois, assim como uma alma racional e carne constituem um só homem, assim Deus e homem constituem um só Cristo.

Mesmo entre os que reconhecem a divindade de Cristo, há, com frequência, uma relutância em reconhecer a Sua humanidade. Somos ligeiros para declarar que, quando Cristo andou na terra, Ele era *Deus com os homens*, porém negligenciamos uma verdade igualmente importante, pois onde Ele está agora, em Seu trono mediador, Ele é *Homem com Deus*.

O Novo Testamento ensina que agora, neste exato momento, há um homem no céu aparecendo na presença de Deus por nós. Certamente, Ele é um homem, assim como foram Adão, Moisés ou Paulo. É um homem glorificado, mas a sua glorificação não o desumanizou. Hoje, Ele é um homem real, da raça da humanidade, carregando as nossas características e dimensões, um visível e audível homem, a quem qualquer outro homem reconheceria, de imediato, como um de nós.

Contudo, mais do que isso, Ele é o herdeiro de todas as coisas, Senhor de todos os mundos, cabeça da Igreja e o primogênito da nova criação. Ele é o caminho até Deus, a vida daquele que crê, a esperança de Israel e o Sumo Sacerdote de todo verdadeiro adorador. Ele detém as chaves da morte e do inferno e permanece como advogado e fiador para todo aquele que crer nEle em verdade.

Há muito mais a ser dito sobre Ele, pois, se fôssemos dizer tudo o que deve ser dito, presumo que o mundo todo não poderia conter os livros a serem escritos. No entanto, em resumo, esse é o Cristo que pregamos aos pecadores como único escape da ira vindoura. Com Ele repousam as mais nobres esperanças e sonhos dos seres humanos. Todos os anseios por imortalidade contidos no peito humano serão cumpridos nEle, ou jamais serão satisfeitos. Não há outro caminho (Jo 14.6).

A salvação não vem pela “aceitação da obra finalizada” ou pela “decisão por Cristo”. Ela vem pela fé no Senhor Jesus Cristo, o todo, vivente, vitorioso Senhor que, como Deus e homem, combateu o nosso combate e venceu, aceitou a nossa dívida como Sua própria e a pagou, tomou sobre Si os nossos pecados e morreu sob eles, mas ressuscitou para nos libertar. Este é o verdadeiro Cristo, e nada menos.

Contudo, algo menor está entre nós, e faremos bem em identificar isso para podermos repudiá-lo. Esse algo é uma ficção poética, um produto da

imaginação romântica e uma noção religiosa sentimentalóide. É um Jesus gentil, sonhador, tímido, doce, quase efeminado e maravilhosamente adaptável a qualquer sociedade em que estiver. Ele é sussurado por mulheres desapontadas com o amor, apadrinhado por celebridades transitórias e recomendado por psiquiatras como modelo de uma personalidade integral. Jesus é usado como um meio para quase todos os propósitos carnis, mas nunca é reconhecido como Senhor. Esses quase-cristãos seguem um quase-Cristo. Eles desejam a Sua ajuda, mas não a Sua interferência. Eles O elogiarão, mas jamais Lhe obedecerão.

O argumento dos apóstolos é que o Homem Jesus foi feito maior do que os anjos, maior do que Moisés e Arão, maior do que qualquer criatura na terra ou no céu. E essa exaltada posição, Ele obteve *como um homem*. Jesus, como Deus, já era infinitamente acima dos demais seres. Nenhum argumento era necessário para provar a transcendência da divindade. Os apóstolos não estavam declarando a preeminência de Deus, o que teria sido totalmente supérfluo, mas a primazia de um homem, o que era necessário fazer. Aqueles primeiros cristãos acreditavam que Jesus de Nazaré, o homem que conheciam, havia sido elevado a uma posição de senhorio sobre o universo. Ele ainda era o amigo deles, ainda um deles, mas havia sido levado para estar diante de Deus e interceder em favor deles. E a prova disso era a presença do Espírito Santo entre eles.

Uma das causas de nossa fraqueza moral atual é uma cristologia equivocada. Pensamos em Cristo como Deus, mas falhamos em concebê-Lo como um homem glorificado. Para recapturar o poder dos cristãos primitivos, devemos crer no que eles criam. E eles acreditavam que possuíam um Deus aprovado como Homem, representando-os no céu.

Uma educação autodidata é melhor do que nenhuma

ESTE CAPÍTULO É escrito para aqueles cristãos que podem não ter tido a oportunidade de uma educação formal. Não há necessidade de desespero. Uma educação autodidata é melhor do que nenhuma, e pode ser adquirida pelo uso adequado de nossas capacidades mentais.

Nossas atividades intelectuais, por ordem de importância, podem ser classificadas da seguinte maneira: primeira, reflexão; segunda, observação; terceira, leitura.

Eu gostaria de poder incluir o diálogo nessa breve lista. Alguém poderia naturalmente presumir que a comunicação verbal entre amigos deveria ser uma de nossas atividades mentais mais proveitosas, e pode ter sido outrora, porém não é mais. Hoje, é possível conversar por horas com homens e mulheres civilizados e nada ganhar com isso. A conversa, em nossos dias, tornou-se praticamente estéril. Ainda que principie em um nível razoavelmente elevado, é certo que, em pouco tempo, a conversa degenerará para fofocas baratas, conversa fiada, gracejos, humor de gosto duvidoso, piadas obsoletas, trocadilhos e gracejos com segundas intenções. Portanto, devemos omitir a conversa de nossa lista de atividades intelectuais úteis, pelo menos até haver uma reforma radical na arte do discurso social.

Igualmente, não devemos considerar a oração aqui, mas por outro e mais auspicioso motivo. A oração é a mais sublime atividade possível ao homem e, claro, ela é parcialmente mental. Apesar disso, a oração é usualmente classificada como um exercício espiritual em vez de intelectual, motivo por que será omitida.

Creio que o pensamento puro irá contribuir mais para a educação de um homem do que qualquer outra atividade na qual ele possa se engajar.

Permitir uma acolhida empática a ideias abstratas, deixar uma ideia levar a outra, e desta a uma outra, e assim sucessivamente, até a mente fervilhar com elas; exercitar a comparação entre ideias, ponderar, considerar, avaliar, aprovar, rejeitar, corrigir, refinar; unir um pensamento ao outro, como um arquiteto, até que um nobre edifício seja criado na mente; viajar de volta na imaginação, ao início da criação e, então, saltar rapidamente ao fim dos tempos; saltar ao ilimitado espaço acima e descer ao núcleo de um átomo; e tudo isso sem precisar muito mais do que levantar da cadeira ou abrir os olhos — para elevar-se acima de toda a criação terrena e aproximar-se dos anjos de Deus.

De todas as criaturas deste mundo, apenas o homem pode pensar dessa maneira. E, embora o pensamento seja o mais poderoso ato que o homem pode realizar, talvez, por essa mesma razão, seja o ato que ele menos aprecie e mais evite.

Exceção feita a alguns poucos profissionais, que devem corresponder a somente uma ínfima fração percentual da população, simplesmente as pessoas não pensam de jeito nenhum, salvo da maneira mais elementar. O pensamento delas é outorgado aos profissionais.

Após a reflexão, vem a observação (em ordem de importância, e não de tempo). A observação, claro, constitui apenas um método de obter informações. Sem informação, a mais poderosa mente nada pode produzir de meritório. Entre os filósofos, há discordância sobre se a mente recebe todas as suas ideias por meio dos cinco sentidos ou já vem ao mundo com umas poucas “ideias inatas”, isto é, ideias já presentes. Contudo, o esclarecimento desse argumento não é necessário para concluir que a informação é indispensável ao pensamento sólido. O conhecimento é a matéria-prima da qual a melhor de todas as máquinas, a mente, cria o seu incrível mundo.

O esforço de pensar bem com uma mente vazia, decerto, tem sido largamente desperdiçado. Não há nada como um bom e sólido fato para corrigir as nossas teorias cuidadosamente construídas. Deus nos criou com cinco sentidos, que constituem os instrumentos mais sensíveis para a obtenção de conhecimento. Tais instrumentos são tão eficientes que se torna quase impossível para uma pessoa normal viver, mesmo que por um breve período, sem aprender algo. Por essa razão, uma criança de 5 anos de idade pode adequadamente ser considerada como educada no sentido de que ela,

por observação, coletou uns poucos fatos e os organizou em algum tipo de padrão ordenado no interior de sua mente. Um doutor em filosofia não faz nada diferente; ele apenas se aprofunda um pouco mais.

Embora seja impossível viver, ainda que por um curto período, sem aprender algo, infelizmente é possível viver um longo período e não aprender muito. A observação é uma ferramenta extremamente poderosa, mas sua utilidade depende de quão bem a manejamos. Uma das tragédias da vida é que a capacidade de observação sofre uma atrofia por falta do uso. Não tenho como afirmar com certeza quando isso ocorre a uma pessoa comum, mas arriscaria um palpite de que essa atrofia ocorre por volta da idade de 25 anos. A essa altura da vida, a maioria das pessoas já formou os seus hábitos, aceitou as convenções, perdeu o senso de admiração e já se acomodou para viver por suas glândulas e apetites. Para milhões, não há muito a ser observado, exceto a condição do clima e os resultados esportivos.

Por fim, a leitura. Refletir sem uma adequada dose de leitura é impor um limite ao nosso pensamento, restringindo-o ao nosso diminuto lote de terra. A colheita não será abundante. Apenas observar e negligenciar a leitura é negar a nós mesmos o imenso valor da observação das outras pessoas; e, uma vez que os melhores livros são escritos por observadores treinados, a perda, com certeza, é enorme. A leitura prolongada sem a disciplina da observação prática resultará em verborragia e artificialidade. A leitura e a observação sem uma grande dose de meditação encherá a mente de entulho intelectual que sempre será estranho a nós. Para ser nosso, o conhecimento deve ser digerido pelo pensamento reflexivo.

Alguns pensamentos sobre livros e leitura

UM DOS GRANDES problemas atuais, em muitas partes do mundo, é aprender a ler, enquanto em outras partes a questão é encontrar algo para ler após haver aprendido. Em nosso privilegiado Ocidente, dispomos de abundância em material impresso, de modo que o problema consiste na seleção. Precisamos decidir o que não ler.

Quase um século atrás, Emerson salientou que, caso fosse possível a um homem começar a ler a partir do dia em que nascesse e prosseguisse lendo, sem interrupção, por setenta anos, ao fim desse tempo ele teria lido uma quantidade de livros suficiente apenas para preencher um minúsculo nicho na Biblioteca Britânica. Os anos de vida são poucos e os livros disponíveis a nós são tantos que homem nenhum conseguiria conhecer mais do que um ínfimo percentual das obras já publicadas.

É praticamente desnecessário afirmar que a maioria de nós não é suficientemente seletiva em nossa leitura. Com frequência, pergunto-me quantos metros quadrados de textos escritos passam diante dos olhos de um cidadão civilizado comum no curso de um ano. Certamente, isso deve perfazer alguns alqueires. E receio que o nosso leitor comum não obtenha uma grande colheita em seu lote. O melhor conselho que ouvi sobre esse tópico foi dado por um ministro metodista. Ele afirmou: “Sempre leia o seu jornal em pé”. Igualmente, Henry David Thoreau tinha uma imagem negativa sobre a imprensa diária. Pouco antes de deixar a cidade rumo ao seu agora celebrado retiro às margens do lago Walden, um amigo perguntou-lhe se ele gostaria de receber um jornal em sua cabana. “Não”, eu já vi um jornal antes”, replicou Thoreau.

Em nossa leitura séria, é provável que sejamos grandemente influenciados pela noção de que o principal valor de um livro é informar; e, claro, isso seria verdadeiro se estivéssemos falando sobre livros didáticos,

mas, quando falamos ou escrevemos sobre livros, não temos em mente esse tipo de livro.

O melhor livro não é aquele que só contém informação, mas o que estimula o leitor a obter mais informação. O melhor escritor é aquele que vai conosco pelo mundo das ideias, como um guia atencioso, que caminha ao nosso lado no interior da floresta, chamando a nossa atenção para centenas de maravilhas naturais, as quais não tínhamos percebido antes. Assim, aprendemos com ele para vermos por nós mesmos e, logo, não precisamos mais de nosso guia. Se ele fizer bem o trabalho que lhe cabe, podemos seguir sozinhos e perder pouco enquanto avançamos.

O escritor que mais nos beneficia é aquele que chama a nossa atenção para pensamentos que jazem perto de nossa mente, aguardando serem reconhecidos como nossos. Tal homem age como uma parteira que auxilia no nascimento de ideias, após longo tempo de gestação em nossa alma, mas que talvez, sem essa ajuda exterior, nem nascessem.

Há poucas emoções tão satisfatórias quanto a alegria proveniente de um ato de reconhecimento, quando vemos e identificamos os nossos próprios pensamentos. Todos nós tivemos professores que procuraram nos educar alimentando a nossa mente com ideias estranhas, ideias pelas quais não sentíamos qualquer afinidade espiritual ou intelectual. Tentamos, respeitosa e obedientemente, integrar essas ideias em nossa filosofia espiritual, mas sempre sem sucesso.

Em um sentido muito real, nenhum homem consegue ensinar a outro; pode apenas ajudá-lo a ensinar a si mesmo. Fatos podem ser transferidos de uma mente a outra, assim como uma cópia é feita da fita original em um gravador de som. História, ciências, até mesmo teologia, podem ser ensinadas dessa forma, mas o resultado é um tipo de aprendizado altamente superficial, que raramente produz algum efeito positivo sobre a vida profunda do estudante. A contribuição dada pelo aprendiz é tão importante quanto qualquer contribuição por parte do professor. Se não houver nenhuma contribuição por parte do aprendiz, os resultados são inúteis. Na melhor das hipóteses, haverá a criação artificial de um outro professor, que irá repetir esse fatigante trabalho em alguém mais, *ad infinitum*.

A percepção de ideias em vez de o seu armazenamento deveria ser o objetivo da educação. A mente deveria ser um olho que vê, em lugar de ser um depósito de fatos. O homem que tem sido ensinado pelo Espírito Santo

será um vidente em vez de um estudioso. A diferença é que o estudioso vê, e o vidente vê através, e, certamente, essa é uma poderosa diferença.

O intelecto humano, mesmo em seu estado decaído, é uma assombrosa obra divina, mas permanece em trevas até que seja iluminado pelo Santo Espírito. Nosso Senhor tem pouco de positivo a dizer sobre a mente sem iluminação, mas Se deleita naquela mente que foi renovada e iluminada pela graça. Ele sempre torna glorioso o lugar onde pisa; dificilmente há na terra algo mais belo do que uma mente repleta do Espírito, e, certamente, nada mais maravilhoso do que uma mente alerta e ávida, feita incandescente pela presença do Cristo interior.

Uma vez que aquilo que lemos, em um sentido real, penetra em nossa alma, é de vital importância que leiamos apenas o que há de melhor, e nada exceto o melhor. Não consigo evitar o sentimento de que os cristãos estavam em melhor situação quando não havia tantas escolhas literárias. Hoje, precisamos lançar mão de uma disciplina rígida em nossos hábitos de leitura. Todo cristão deveria dominar a Bíblia ou, pelo menos, investir horas, dias e anos tentando. E, como afirmou George Müller, sempre deveria ler a sua Bíblia “com meditação”.

Depois da Bíblia, o livro mais valioso para um cristão é um *bom* hinário. Permita que qualquer jovem cristão medite com espírito de oração apenas sobre os hinos de Watts e Wesley; ao fim de um ano, ele terá se tornado um excelente teólogo. Então, incentive-o a ler uma dieta equilibrada dos puritanos e dos místicos cristãos. Os resultados serão muito melhores do que ele poderia imaginar.

O declínio da expectativa apocalíptica

POUCO MAIS DE cem anos atrás, ou por volta da Primeira Guerra Mundial, havia um sentimento entre os cristãos evangélicos de que o fim dos tempos estava próximo, e muitos perdiam o fôlego com a expectativa de uma nova ordem mundial prestes a emergir.

Essa nova ordem deveria ser precedida por um retorno silencioso de Cristo à terra, não para permanecer, mas para, num piscar de olhos, ressuscitar os mortos em Cristo rumo à imortalidade e glorificar os santos que estivessem vivos. Esses justos seriam conduzidos por Jesus à ceia das bodas do Cordeiro, enquanto a terra seria lançada em seu batismo de fogo e sangue, na chamada grande tribulação. Esse período seria relativamente breve, culminando dramaticamente com a batalha de Armagedom e o triunfante retorno de Cristo com Sua noiva, para reinar por mil anos.

Portanto, as esperanças e sonhos dos cristãos estavam direcionados a um evento que precederia uma nova ordem, na qual eles teriam um papel principal. Para muitos, essa expectativa era tão real e intensa a ponto de, quase literalmente, determinar a perspectiva que tinham do mundo, bem como o seu modo de vida. Certo líder cristão, famoso e altamente respeitado, ao receber uma quantia de dinheiro para pagar a hipoteca do prédio de sua igreja, recusou-se a fazê-lo para aquele propósito. Em vez disso, usou o dinheiro para auxiliar no envio de missionários aos pagãos e, assim, apressar o retorno do Senhor. Provavelmente, esse é um exemplo extremo, mas demonstra a aguda expectativa apocalíptica existente entre os cristãos naquela época e, imediatamente, após.

Antes de condenar essa atitude como extravagante, deveríamos retroceder um pouco e tentar ver todo o cenário em perspectiva. Podemos ser mais sábios agora (embora isso esteja aberto a sérios questionamentos), mas aqueles cristãos tinham algo extremamente maravilhoso, que nos falta

hoje. Eles tinham uma esperança unificadora; não temos nenhuma. Suas atividades eram concentradas; as nossas são dispersas, sobrepostas e, com frequência, autodefensivas. Eles tinham a plena expectativa de vitória; nem mesmo temos certeza do significado de “vencer”. Nossa esperança cristã tem sido submetida a tão intenso exame, análise e revisão que sentimos certo embaraço em ao menos admitir que guardamos tal esperança em nosso íntimo.

E aqueles esperançosos cristãos não estavam totalmente errados. Apenas equivocaram-se com respeito ao tempo. Eles enxergavam o triunfo de Cristo como um evento mais próximo do que na realidade será, e, por essa razão, a cronometragem deles estava incorreta. Contudo, a esperança deles em si era válida. Muitos de nós já passamos pela experiência de avaliar mal a distância de uma montanha para a qual viajávamos. O enorme monte que se destacava contra o céu azul parecia próximo demais a ponto de questionarmos se a montanha não estava se afastando à medida que nos aproximávamos. Assim, igualmente, a Cidade de Deus parece tão grande à mente do peregrino já cansado deste mundo que ele, por vezes, é vítima inocente de uma ilusão de ótica. Ainda, ele pode se sentir mais do que desapontado quando a glória parecer se distanciar à medida que ele se aproxima dela.

Contudo, a montanha está lá; o viajante precisa apenas prosseguir para chegar nela. A esperança do cristão também está lá; seu julgamento nem sempre é tão preciso, mas ele não está equivocado quanto à visão distante. Ele verá a glória no tempo de Deus.

Nós, evangélicos, tornamo-nos sofisticados e entediados. Perdemos o que alguém denominou como o “componente milenial” de nossa fé cristã. Para escapar do que cremos ser uma esperança equivocada, temos nos desviado para muito dentro de um deserto de completa desesperança.

Os cristãos, agora, argumentam eruditamente sobre coisas que os cristãos antigos sempre consideraram asseguradas. Adotam uma posição defensiva, tentando provar coisas das quais as gerações anteriores jamais duvidaram. Temos permitido que descrentes nos levem às cordas, dando-lhes a vantagem de escolherem o tempo e o local do encontro. Sofremos sob o ataque do descrente quase cristão, e a autoconsciente e nervosa defesa que fazemos é chamada de “diálogo religioso”.

Debaixo do escarnecedor ataque do crítico religioso, cristãos genuínos, que deveriam conhecer melhor, estão agora “repensando” a sua fé. Quase nada escapa dessa análise. Munidos de um microscópio freudiano, eles examinam tudo: as missões estrangeiras, o livro de Gênesis, a inspiração das Escrituras, a moral, todos os métodos testados e aprovados, a poligamia, a bebida alcoólica, o sexo, a oração — tudo é colocado debaixo de inquisição por aqueles engajados no diálogo contemporâneo. A adoração tem dado lugar à celebração no lugar santo, se, de fato, há algum lugar santo remanescente para essa geração de cristãos confusos. As causas para o declínio da expectativa apocalíptica são muitas, sendo a opulenta sociedade na qual vivemos uma das mais importantes. Se os ricos entram com dificuldade no reino de Deus, então seria lógico concluir que uma sociedade contendo a mais elevada percentagem de pessoas abastadas teria o menor percentual de cristãos, com as demais coisas sendo iguais. Se a “fascinação da riqueza” sufoca a Palavra, tornando-a infrutífera, então este seria o dia de pregação quase infrutífera, pelo menos no opulento Ocidente. E, se as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo tendem a desqualificar o cristão para a vinda do Senhor, então a presente geração de cristãos deve ser a mais despreparada para esse evento.

No continente norte-americano, o cristianismo tornou-se, quase totalmente, a religião das prósperas classes média e alta, e raramente os muito ricos e os muito pobres se tornam cristãos praticantes. A tocante imagem do santo humildemente trajado, faminto, carregando sua Bíblia debaixo do braço, com a luz de Deus brilhando em sua face, caminhando apressadamente rumo à igreja, é sobremaneira imaginária. Um dos maiores problemas a acometer até mesmo o mais ardoroso cristão dos dias atuais é encontrar um lugar para estacionar a sua reluzente carruagem que o transporta sem esforço à casa de Deus, onde ele espera preparar a sua alma para o mundo por vir.

Nos Estados Unidos e no Canadá, a classe média atual possui mais bens mundanos e vive em um luxo mais elevado que imperadores e marajás de um século atrás. E, como a maioria dos cristãos é proveniente dessa classe social, não é complicado ver por que a esperança apocalíptica praticamente desapareceu entre nós. Quando imaginar um mundo mais confortável que o terreno torna-se uma tarefa improvável, mais complexo é manter o foco em um mundo vindouro melhor. O melhor que podemos fazer é aguardar o céu

após esbanjar uma vida inteira nos luxos de uma terra fabulosamente generosa. Quanto mais a ciência puder nos manter aconchegados no presente mundo, tanto mais difícil será desenvolver uma prazerosa expectativa da nova ordem mundial.

Contudo, a opulência é apenas uma das causas para o declínio da esperança apocalíptica. Existem outras e mais importantes.

O problema todo é grande, teológico e moral. Uma visão inadequada de Cristo pode ser o problema principal, pois Ele tem sido explicado, humanizado e apequenado. Muitos cristãos professos não aguardam mais que Ele inaugure uma nova ordem; eles nem mesmo têm certeza de que Cristo é capaz de fazer isso, ou, se for capaz, isso ocorrerá com a ajuda da arte, da educação, da ciência e da tecnologia; ou seja, com o auxílio do homem. Essa revisão da expectativa significa desilusão para muitos. E, claro, ninguém pode ficar radiantemente feliz com um Rei dos reis que foi privado de Sua coroa, ou de um Senhor dos senhores que perdeu a Sua soberania.

Outro motivo para o declínio da expectativa é a esperança adiada que, segundo o provérbio, *faz adoecer o coração* (Pv 13.12). O homem civilizado moderno é impaciente, vendo as coisas no curto prazo. Ele está cercado de dispositivos que o ajudam a fazer todas as coisas no menor tempo possível. Ele foi criado com mingau de preparo rápido; aprecia o seu café solúvel; usa camisas que dispensam o uso do ferro de passar e tira fotos instantâneas de seus filhos. A sua esposa compra o chapéu para a primavera antes de as folhas caírem no outono. O carro novo é pedido antes do lançamento de novos modelos, e assim, quando ele leva o carro para casa, já é um modelo antigo. O homem moderno está sempre apressado e não suporta esperar por algo.

Naturalmente, esse modo acelerado de viver leva a uma mentalidade impaciente com a demora, e, quando esse homem adentra o reino de Deus, traz consigo essa psicologia de curto prazo. A profecia parece-lhe muito lenta. Suas radiantes expectativas iniciais logo perdem o brilho. É provável que questione a Deus: “Senhor, será este o tempo em que restaurarás o reino a Israel?” E, quando não houver resposta imediata, ele pode concluir: “Meu Senhor demora-se”. A fé de Cristo não oferece botões para acelerar o serviço. A nova ordem deve aguardar o tempo apropriado do Senhor, e isso

é muito para o homem apressado. Ele apenas desiste e foca o seu interesse em outra coisa.

Uma outra causa é a confusão escatológica. A vitalizante esperança do estabelecimento de uma nova ordem onde habite a justiça tornou-se uma baixa prematura na guerra das conflitantes interpretações proféticas. Mestres em profecia, que conheciam mais do que os profetas sobre os quais ensinavam, debateram *ad infinitum* pontos delicados da Escritura, enquanto cristãos desencorajados e desiludidos balançavam a cabeça em perplexidade. O líder de um grupo evangélico contou-me que a sua denominação havia, em suas próprias palavras, “rachado ao meio” sobre um pequeno ponto do ensino profético que, fortuitamente, jamais havia sido ouvido entre os filhos de Deus até cerca de um século atrás.

Determinadas visões populares da profecia têm sido desacreditadas pelos eventos ocorridos durante a vida de alguns de nós; uma nova geração de cristãos não pode ser acusada se as suas expectativas messiânicas estão um tanto confusas. Quando há divisão entre os mestres, o que poderão fazer os alunos?

Deve ser observado que há uma vasta diferença entre a doutrina sobre a vinda de Cristo e a *esperança* de Sua vinda. Podemos manter a primeira independentemente da segunda. De fato, há multidões de cristãos hoje que mantêm a crença na doutrina da segunda vinda. O que tenho falado aqui é sobre a sublime percepção de antegozo que eleva a vida a um novo plano e enche o coração de um otimismo arrebatador. Isso é o que nos falta hoje em dia.

Sinceramente, não sei se é possível recapturar esse espírito de expectativa que estimulava a igreja primitiva e alegrava o coração dos cristãos evangélicos apenas algumas décadas atrás. Decerto, a repreensão não trará esse sentimento de volta, tampouco a discussão sobre profecias, nem condenar aqueles que discordam de nós. Podemos fazer todas essas coisas ou nenhuma delas sem suscitar o desejado espírito de jubilosa expectativa. Essa esperança unificadora, curadora e purificadora é para os de coração pueril, inocente e simples.

Possivelmente, nada menos que uma catástrofe mundial, que irá destruir toda a confiança humana e voltar nossos olhos, uma vez mais, para o Homem Jesus Cristo, poderá trazer de volta a gloriosa esperança para uma geração que a perdeu.

Escolhas revelam — e formam — o caráter

EM SEIS PALAVRAS, totalizando onze sílabas, Lucas sintetizou um mundo de verdade universal: *Uma vez soltos, procuraram aos irmãos* (At 4.23).

Todo ser humano normal possui “companheiros”, ainda que poucos com os quais se sinta em casa e para os quais retorna quando está cansado da solidão.

O importante sobre um homem não é para onde ele vai quando é compelido a ir, mas para onde ele vai quando é livre para ir aonde quiser.

Os apóstolos foram para a prisão, e isso não é muito revelador porque foram para lá contra a vontade deles, mas, quando saíram da cadeia e puderam ir para onde bem desejassem, eles procuraram, imediatamente, os companheiros de oração. Desse relato, aprendemos muito sobre eles. As escolhas da vida, e não as compulsões, revelam o caráter.

Um homem não comparece ao culto no domingo de manhã. Onde ele está? Se estiver no hospital passando por uma cirurgia para remoção de seu apêndice, sua ausência nada diz sobre ele, exceto que está doente; contudo, se estiver fora em um curso de golfe, isso nos revela muito. Ir para o hospital é algo compulsório; ir para um curso de golfe é voluntário. O homem é livre para escolher, e ele escolhe jogar em vez de orar. Sua escolha revela que tipo de homem ele é. As escolhas sempre fazem isso.

A diferença entre uma sociedade de escravos e uma sociedade de homens livres reside no número de atos voluntários possíveis em cada uma delas, quando comparado ao número de atos compulsórios. Nenhuma sociedade é totalmente escrava, assim como nenhuma é totalmente livre, porém na última as escolhas voluntárias são abundantes, enquanto os atos

compulsórios são escassos. Numa sociedade de escravos, as proporções são exatamente inversas.

O verdadeiro caráter de uma pessoa é revelado no uso que ela faz de sua liberdade. Os povos escravos faziam o que lhes era ordenado, porque não eram livres para agir conforme a vontade deles. Já uma nação livre revela o seu caráter por suas escolhas voluntárias. O homem que, “curvado pelo peso dos séculos [...] se apoia em sua enxada e fita o chão”, quando termina o seu longo dia de labuta, fica feliz por poder ir para casa, jantar e dormir; ele não tem tempo para mais nada. Entretanto, naquelas terras afortunadas, onde máquinas modernas e sindicatos de trabalhadores possibilitam aos homens muitas horas livres por dia e, pelos menos, dois dias de descanso semanais, há tempo disponível para se fazer quase tudo o que se desejar. Eles são livres para se autodestruírem por suas escolhas, e muitos estão fazendo exatamente isso.

Sempre há o perigo de uma nação livre colocar em risco a sua liberdade por uma série de pequenas escolhas danosas a essa liberdade. A liberdade conquistada com o sangue dos pais pode ser jogada fora pelos filhos por excesso de prazeres enfraquecedores. Toda nação que, por tempo prolongado, prioriza o prazer em detrimento da liberdade está fadada a perder essa liberdade pelo uso indevido.

No campo da religião, as escolhas certas são crucialmente importantes. Se nós, cristãos protestantes, preservássemos a nossa liberdade, não ousaríamos abusar dela, e sempre abusamos dela quando escolhemos o caminho mais fácil, em lugar do caminho mais difícil, porém melhor. A indiferença casual com a qual milhões de protestantes veem a sua abençoada liberdade religiosa, concedida pela graça de Deus, é desastrosa. Despreocupadamente, eles partem, nos fins de semana, para os lagos, montanhas e praias para a prática de esportes aquáticos, pesca ou apenas tomar banho de sol. Vão aonde o coração deles está e voltam para os companheiros de oração apenas quando o mau tempo os compele a ir. Permita que isso continue por tempo suficiente para que o protestantismo evangélico esteja pronto para ser assimilado por Roma.

O evangelho cristão é uma mensagem de liberdade por meio da graça, e temos que estar firmes na liberdade com a qual Cristo nos libertou. Mas o que devemos fazer com a nossa liberdade? O apóstolo Paulo afligiu-se pelo fato de alguns cristãos de sua época, aproveitando-se da liberdade que

tinham, cederem aos impulsos da carne em nome da liberdade cristã. Eles rejeitavam a disciplina, desdenhavam da obediência e fizeram de seu próprio ventre o deus deles. Não é difícil definir a quem eles pertenciam. Isso foi revelado pela companhia que mantiveram.

Nossas escolhas revelam que tipo de pessoa nós somos, porém existe o outro lado da moeda. Igualmente podemos, por nossas escolhas, determinar que tipo de pessoas iremos nos tornar. Nós, seres humanos, não estamos apenas em uma condição de ser, mas em um estado de formação; seguimos em uma espiral lenta, movendo-nos gradualmente para cima ou para baixo. Aqui, não nos movemos individualmente, mas acompanhados, e somos atraídos a essas companhias por conta da similaridade.

Acho que nos seria extremamente benéfico checar, ocasionalmente, a nossa condição espiritual por meio de um simples teste de compatibilidade. Para onde vamos quando temos liberdade de escolha? Na companhia de quem mais nos sentimos à vontade? Quando as pressões do trabalho, dos negócios ou da escola, temporariamente, diminuem e somos capazes de pensar no que gostaríamos de fazer em vez daquilo que deveríamos, no que pensamos?

A resposta a esses questionamentos pode nos contar mais sobre nós mesmos do que conseguimos confortavelmente aceitar. Contudo, seria melhor enfrentar os fatos. Não dispomos de muito tempo.

A importância da sã doutrina

SERIA IMPOSSÍVEL SUPERENFATIZAR a importância da sã doutrina na vida de um cristão. O pensamento correto sobre todas as matérias espirituais é imperativo se desejamos viver em retidão. Assim como os homens não colhem uvas de espinheiros nem figos de abrolhos, igualmente um caráter sadio não cresce de um ensino enfermo.

A palavra “doutrina” significa simplesmente crenças religiosas guardadas e ensinadas. É a tarefa sagrada de todos os cristãos, primeiramente como aqueles que creem e, então, como professores das crenças religiosas, ter convicção de que todas essas crenças correspondem exatamente à verdade. Uma concordância exata entre crença e fato constitui a solidez da doutrina. Não podemos aceitar menos que isso.

Os apóstolos não apenas ensinaram a verdade, como lutaram por sua pureza contra qualquer um que a corrompesse. As epístolas de Paulo combatem todos os esforços dos falsos mestres para introduzir excentricidades doutrinárias. As cartas de João condenam com rigor aqueles mestres que atormentavam a jovem igreja com a negação da encarnação e lançando dúvidas sobre a doutrina da Trindade. Judas, em sua breve, porém poderosa epístola, sobe às alturas com sua ardorosa eloquência, enquanto destila desprezo sobre os mestres malignos que enganavam os santos.

Cada geração de cristãos deve examinar as suas crenças. Embora a verdade em si seja imutável, a mente humana é vaso poroso do qual a verdade pode vaziar e no qual o erro pode se infiltrar, diluindo a verdade que esse recipiente contém. O coração humano é herético por natureza e inclina-se ao erro tão naturalmente quanto um jardim enche-se de ervas daninhas. Assim, o que um homem, uma igreja ou uma denominação precisa para assegurar a degradação da doutrina é considerar tudo como garantido e nada fazer. O jardim sem cuidados logo é infestado pelas ervas daninhas; o

coração que falha em cultivar a verdade e arrancar o erro pela raiz será, em pouco tempo, um deserto teológico; a igreja ou denominação que cresce sem o devido cuidado na estrada da verdade encontrar-se-á, em breve, perdida, atolada em um pântano do qual não há como escapar.

Em todo campo do pensamento e atividade dos seres humanos, a precisão é considerada uma virtude. O erro, ainda que leve, é um convite a sérias perdas, se não à própria morte. Somente no pensamento religioso é que a fidelidade à verdade é vista como uma falha. Quando os homens lidam com coisas mundanas e temporais, eles exigem a verdade; quando se dedicam a ponderar sobre as coisas celestiais e eternas, se resguardam e hesitam como se a verdade não pudesse ser descoberta ou não importasse de qualquer maneira.

Montaigne afirmou que um mentiroso é aquele que é corajoso em relação a Deus e covarde em relação aos homens; pois o mentiroso enfrenta Deus e evita os homens. Não é essa atitude simplesmente uma prova de descrença? Não é a mesma coisa que dizer que o mentiroso acredita nos homens, mas não está convencido da existência de Deus, e está disposto a correr o risco de desagradar Deus, que talvez nem exista, em vez de desagradar os homens que, obviamente, existem?

Igualmente, acho que a incredulidade básica e profunda está por trás da indiferença humana na religião. O cientista, o físico e o navegador lidam com matérias que eles sabem serem reais, e, porque essas coisas são reais, o mundo exige que tanto o professor quanto o profissional sejam habilidosos conhecedores delas. Quanto ao professor das coisas espirituais, exige-se apenas que seja inseguro em suas crenças, ambíguo em suas afirmações e tolerante com as opiniões religiosas de qualquer um, mesmo do homem menos qualificado, a defender um ponto de vista.

A nebulosidade da doutrina sempre tem sido a marca do liberal. Quando as Sagradas Escrituras são rejeitadas como autoridade suprema na crença religiosa, algo mais deve ser colocado em seu lugar. Historicamente, esse algo tem sido a razão ou o sentimento: no caso do segundo, coloca-se o humanismo. Por vezes, tem havido uma mistura dos dois, como pode ser constatado nas igrejas liberais de nossos dias. Estas não descartam a Bíblia totalmente, porém também não lhe obedecem integralmente. O resultado é um conjunto incerto de crenças, mais como uma neblina do que uma

montanha, onde tudo *pode* ser verdadeiro, porém nada pode ser crido como sendo *certamente* verdadeiro.

Acostumamo-nos às obscuras lufadas de neblina cinzenta que passam por doutrina nas igrejas modernistas e não esperamos nada melhor que isso. Contudo, é causa de real alarme o fato de essa névoa ter começado a se inserir em muitas igrejas evangélicas ultimamente. De algumas fontes, outrora irrepreensíveis, estão surgindo agora afirmações vagas, constituídas de uma mistura leitosa de Escritura, ciência e humanismo que não é verdade para nenhuma delas, porque cada uma trabalha para cancelar as demais.

Alguns de nossos irmãos parecem estar trabalhando sob a impressão de que são pensadores avançados porque estão repensando a evolução e reavaliando várias doutrinas bíblicas ou até mesmo a própria inspiração divina das Escrituras. Contudo, eles estão longe de serem pensadores avançados e mais próximos de serem tímidos seguidores do modernismo — com quase um século de atraso.

Os cristãos evangélicos de nossos dias estão passando por uma paulatina lavagem cerebral. Uma das evidências é que números crescentes de cristãos estão se tornando envergonhados de serem encontrados claramente do lado da verdade. Eles dizem que creem, porém as suas crenças têm sido tão diluídas a ponto de impedir uma clara definição.

O poder moral sempre acompanhou as crenças definitivas. Os grandes santos sempre foram dogmáticos. Necessitamos imediatamente retornar ao dogmatismo gentil que sorri e, ao mesmo tempo, permanece firme e inabalável na Palavra de Deus, *a qual vive e é permanente* (1Pe 1.23).

Algumas coisas são inegociáveis

CERTA FEITA, WILL Rogers opinou que um caminho infalível para evitar a guerra seria abolir as conferências de paz.

Claro que Will, como de costume, fez uso de sua afiada língua; ele quis apenas adicionar uma pitada de humor irônico em nosso débil hábito de substituir a ação pela conversa. Contudo, há mais do que uma incômoda verdade em sua observação.

Acima de todas as outras, vivemos em uma era de intensa conversa. Quase todos os dias, os veículos de comunicação trazem manchetes como: “Começam os Diálogos”, ou “As Conversações Prosseguem”, ou ainda “As Conversações São Retomadas”. A noção por trás desse interminável falatório oficial é que todas as diferenças entre os homens resultam da falha em compreender uns aos outros. Se cada um deles puder descobrir exatamente o que o outro pensa, descobrirá, para sua alegria, que eles concordam plenamente, afinal. Então, tudo o que eles têm a fazer é sorrir, apertar as mãos, ir para casa e viverem felizes para sempre.

No âmago de tudo isso está a pegajosa filosofia do um-só-mundo, somos-todos-irmãos, que se tem apoderado da mente de muitos de nossos educadores e políticos. (Os obstinados realistas dos campos comunistas conheciam isso muito bem; talvez seja esta a razão de terem logrado alarmantes avanços em todo o mundo, enquanto os devotos do lema somos-todos-irmãos se frustravam em confusão, tentando manter o sorriso diante de quem lhes desejava a morte.)

Tolerância, compaixão, compreensão, boa vontade, paciência e outras palavras e ideias similares são extraídas da Bíblia, interpretadas erroneamente e aplicadas a qualquer situação, indiscriminadamente. O sequestrador não irá raptar o seu filho se você apenas procurar compreendê-lo. O arrombador pego invadindo a sua casa com uma arma na mão não é

realmente mau; ele apenas está faminto por companhia e atenção. O membro de gangue que leva a sua vítima para um passeio somente de ida pode ser dissuadido de cometer um assassinato se alguém apenas tiver fé em sua bondade inata e conversar com ele. Supostamente, tudo isso faz parte do ensinamento de Cristo, o que certamente não é.

A grande coisa agora é “manter contato”. Jamais deixe o diálogo morrer e nunca aceite qualquer decisão como definitiva; tudo pode ser negociado. Onde há vida, há diálogo. E, onde houver diálogo, haverá esperança. “Enquanto estão conversando, não estão atirando um contra o outro”, dizem os defensores das longas conferências, esquecendo o ocorrido em Pearl Harbor.

Esse forte apelo à confabulação tem atingido também a igreja, o que não causa estranheza, pois quase tudo o que a igreja está fazendo nos dias de hoje tem sido sugerido a ela pelo mundo. Observo com descontraída aflição como os assistentes de púlpito, em seus esforços de serem profetas, estão se levantando para falar ousada e abertamente em favor de ideias previamente implantadas em sua mente por psiquiatras, sociólogos, romancistas, cientistas e educadores seculares. A capacidade deles em avaliar corretamente para onde a direção da opinião pública está se movendo é um dom que não deve ser menosprezado. Dessa maneira, nós, pregadores, podemos falar em alto e bom som e ainda assim evitar problemas.

Um novo decálogo tem sido adotado pelos neocristãos de hoje, em que o primeiro mandamento é o seguinte: “Não discordarás”. Igualmente, um novo conjunto de bem-aventuranças, que principia-se com: “Bem-aventurados os que tudo toleram, pois não serão responsabilizados por nada”. O aceitável agora é conversar sobre diferenças religiosas em público, com a compreensão de que ninguém tentará converter o outro ou enfatizar erros em sua crença. O propósito dessas conversas não é defender a verdade, mas descobrir como pensam os adeptos de outras religiões e, por conseguinte, aproveitar o melhor de suas visões, assim como esperamos que eles se beneficiem das nossas.

Diz a máxima que as pessoas concordam em discordar apenas sobre assuntos que consideram sem importância. Nenhum homem é tolerante no tocante à sua vida ou a vida de seu filho, e ninguém concordará em negociar sobre qualquer assunto religioso que ele ou ela considere vital para o seu

bem-estar eterno. Imagine Moisés concordando em participar de um painel de discussão com Israel sobre o bezerro de ouro; ou Elias se engajando em um diálogo diplomático com os profetas de Baal. Ou, ainda, tente conceber Jesus propondo uma reunião de mentes com os fariseus visando solucionar suas diferenças; ou Atanásio tentando ficar acima de suas diferenças com Ário a fim de alcançar um nível maior de unidade; ou mesmo Lutero rastejando na presença do papa em nome de uma comunhão cristã mais ampla.

O desejo de ser apreciado, mesmo que não respeitado, constitui uma grande fraqueza no caráter de qualquer homem. Tal desejo no caráter de um ministro de Jesus Cristo é uma fraqueza totalmente indesculpável. A imagem popular do homem de Deus como um sorridente, simpático e assexuado mascote religioso, cujo aperto de mão sempre é suave e cuja mente está sempre envolvida em torno do perpétuo Sim da aquiescência universal, não corresponde à imagem encontrada nas Escrituras da verdade.

A bênção de Deus, de fato, é prometida ao pacificador, mas o religioso negociador deveria vigiar melhor os seus passos. A capacidade de apaziguar contendas entre membros da casa de Deus é um dom celestial que deveria ser assiduamente cultivado. A alma perspicaz, que consegue promover a reconciliação entre irmãos desunidos por meio da oração e do apelo às Sagradas Escrituras, vale o seu peso em ouro.

Isso é uma coisa, porém o esforço para alcançar unidade às custas da verdade e da justiça é outra completamente diferente. Buscar a amizade com aqueles que jamais serão amigos de Cristo é um ato de traição ao nosso Senhor. Trevas e luz jamais poderão ser unidas pela conversa. Algumas coisas são inegociáveis.

O santo deve andar sozinho

EM SUA MAIORIA, as grandes almas do mundo foram solitárias. A solidão parece ser um preço a ser pago pelos santos por sua santidade.

Na manhã do mundo (ou seria melhor dizer, naquela estranha escuridão que se instalou logo após a alvorada da criação do homem), Enoque, aquela alma piedosa, andava com Deus e logo não era mais, porque Deus o trasladou; e, embora não seja expresso em tantas palavras assim, é justo deduzir que Enoque andou por um caminho bem distinto daquele trilhado por seus contemporâneos.

Noé foi outro homem solitário que, dentre todos os pré-diluvianos, foi um dos únicos a encontrar graça aos olhos de Deus; e todas as evidências apontam para a solidão de sua vida, mesmo cercado por seu povo.

Ainda, Abraão tinha Sara e Ló, bem como muitos servos e pastores, mas quem consegue ler a sua história e o comentário apostólico sobre ele sem sentir, de imediato, que ele era um homem cuja “alma era como uma estrela, e habitou à parte”? Pelo que sabemos, Deus jamais falou com Abraão na companhia de outras pessoas. Com o rosto voltado para o chão, Abraão conversava intimamente com Deus, mas a dignidade inata daquele homem o impedia de assumir essa postura na presença de outros. Quão doce e solene foi aquela noite do sacrifício quando Abraão viu labaredas de fogo passando entre os pedaços de oferta. Lá, sozinho, envolto em uma tenebrosa escuridão, ele ouviu a voz de Deus e compreendeu ser um homem marcado pelo favor divino.

De igual modo, Moisés foi um homem isolado. Embora vivesse na corte do faraó, ele fazia longas caminhadas a sós e, durante uma delas, viu um hebreu sendo espancado por um egípcio, indo em socorro de seu compatriota. Após a conseqüente ruptura com o Egito, Moisés habitou no deserto, em quase total reclusão. Lá, enquanto cuidava das suas ovelhas,

apareceu diante dele um prodígio, uma sarça que ardia no fogo, mas não era consumida, e, mais tarde, no cume do monte Sinai, ele contemplou sozinho, em assombrosa fascinação, a Presença, parcialmente escondida, em meio a densa nuvem e chamas de fogo.

Os profetas que vieram antes de Cristo eram muito diferentes entre si, porém uma marca tinham em comum: a compulsória solidão. Todos amavam o seu povo e gloriavam-se na religião de seus pais, mas a lealdade para com o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, bem como o zelo pelo bem-estar da nação de Israel, os conduziram para longe das multidões, a longos períodos de aflição. *Tornei-me estranho a meus irmãos, e desconhecido aos filhos de minha mãe* (Sl 69.8), lamentou um deles, falando inconscientemente pelos demais.

Mais reveladora ainda é a visão dAaquele sobre o qual Moisés e todos os profetas escreveram, trilhando o Seu solitário caminho até a cruz, a Sua profunda solidão, que nem mesmo as multidões conseguiram minorar.

É meia-noite, e no cume do monte das Oliveiras
A estrela que antes brilhava seu brilho perdera;
É meia-noite no jardim agora,
O sofredor Salvador sozinho ora.

É meia-noite, e de todos afastado
O Salvador luta só com suas apreensões —
Nem mesmo o discípulo amado
Do seu Mestre observa as lágrimas e aflições.

— William B. Tappan

Ele morreu sozinho na escuridão, escondido da vista do homem mortal, e ninguém O viu quando Se levantou triunfante e caminhou para fora do sepulcro, embora muitos O tenham visto mais tarde, testemunhando tudo o que viram.

Existem algumas coisas tão sagradas que nenhum olho pode ver, exceto Deus. A curiosidade, o clamor, o esforço bem-intencionado, porém inadequado, para ajudar, podem apenas perturbar a alma que aguarda e tornar improvável, quiçá impossível, a comunicação da mensagem secreta de Deus ao coração que adora.

Por vezes, reagimos com um tipo de reflexo religioso, repetindo diligentemente palavras e frases apropriadas, mesmo que elas falhem em expressar nossos reais sentimentos e careçam da autenticidade da experiência pessoal. Agora é um tempo assim. Certa lealdade convencional pode levar alguns, ao ouvirem pela primeira vez essa verdade pouco conhecida, a responder animadamente: “Mas eu jamais estou sozinho, pois Cristo afirmou: *De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei* (Hb 13.5) e: *E eis que estou convosco todos os dias* (Mt 28.20). Como posso estar sozinho quando Jesus está comigo?”

Bem, eu não quero aqui questionar a sinceridade de nenhuma alma cristã, mas esse tipo de testemunho é muito certinho para ser real. Obviamente, ele expressa o que deveria ser verdadeiro em vez de expressar o que tem sido provado como genuíno pelo teste da experiência. Essa cândida negativa de solidão prova apenas que aquele que dá esse testemunho jamais caminhou com Deus sem o suporte e o encorajamento fornecidos a ele pela sociedade. O senso de companheirismo que ele, equivocadamente, atribui à presença de Cristo pode vir, e provavelmente vem, da presença de pessoas amigas. Lembre-se sempre: você não pode carregar a cruz acompanhado. Ainda que um homem esteja cercado por uma grande multidão, a sua cruz pertence a ele somente, e carregá-la o torna um homem à parte. A sociedade lhe deu as costas; caso contrário, não haveria cruz para ele carregar. Ninguém é amigo do homem com uma cruz. *Então, deixando-o, todos fugiram* (Mc 14.50).

A dor da solidão advém da constituição da nossa natureza. Deus nos criou uns para os outros. O desejo humano por companheirismo é completamente natural e correto. A solidão do cristão resulta de sua caminhada com Deus em um mundo iníquo, uma caminhada que deve, com frequência, privá-lo da comunhão de bons irmãos, bem como daqueles do mundo não regenerado. Os instintos que Deus lhe concedeu clamam pela companhia de outros que se identificam com ele, por outros capazes de compreender seus anseios, suas aspirações, seu êxtase no amor de Cristo; e, por haver poucos em seu círculo de amigos que compartilham de suas experiências mais íntimas, esse cristão é forçado a andar sozinho. Os anseios não satisfeitos dos profetas por compreensão humana levaram-nos a chorar suas queixas em alto brado, e até o nosso Senhor assim sofreu.

O homem que entrou na divina Presença durante uma experiência interior real não encontrará muitos que o compreendam. Decerto, desfrutará de certo companheirismo social em seus encontros com pessoas religiosas durante as atividades regulares da igreja, mas será difícil ele encontrar uma comunhão espiritual genuína. Ele não deve esperar nada diferente disso. Afinal, ele é estrangeiro e peregrino, e a sua jornada não é realizada por seus pés, mas por seu coração. Ele anda com Deus no jardim de sua própria alma — e quem, exceto Deus, pode andar lá com ele? Ele é de um espírito distinto das multidões que cruzam os pátios da casa de Deus. Ele viu Aquele dos quais os outros apenas ouviram falar e caminha entre eles como Zacarias andou após retornar do santuário, quando o povo entendeu que ele *tivera uma visão no santuário* (veja Lc 1.22).

O homem verdadeiramente espiritual é, de fato, um tanto excêntrico. Ele vive não para si mesmo, mas para promover os interesses de Outro. Procura persuadir pessoas a entregar tudo ao seu Senhor, sem pedir nada para si. Não se deleita em ser honrado, mas em ver o seu Salvador glorificado aos olhos dos homens. Sua alegria reside em ver o seu Senhor enaltecido e ele mesmo negligenciado. Encontra poucos que se preocupam em conversar sobre aquilo que é o objeto supremo de seu interesse. Assim, em geral, permanece em silêncio e absorto em meio ao barulhento falatório religioso. Por isso, angaria a reputação de ser enfadonho e extremamente sério, sendo evitado e fazendo aumentar a distância entre ele e a sociedade. Esse indivíduo busca amigos em cujas vestes possa sentir o perfume da mirra, do aloés e da cássia, saídos dos palácios de marfim, mas, encontrando poucos ou nenhum, ele, como Maria, guarda essas coisas em seu coração.

Essa solidão é que o faz lançar-se de volta a Deus. *Porque se meu pai e minha mãe me desamparam, o SENHOR me acolherá* (Sl 27.10). A sua incapacidade de encontrar companhia humana o leva a buscar em Deus o que não pode encontrar em nenhum outro lugar. Em sua solidão interior, ele aprende o que jamais poderia ter aprendido em meio à multidão — que Cristo é tudo em todos, que Ele Se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção, que nEle temos e possuímos o *summum bonum* da vida.

Duas coisas restam ser ditas. A primeira é que o homem solitário sobre o qual falamos não é arrogante, nem faz o gênero “sou mais santo que

você”, o tipo de santo austero, tão amargamente satirizado na literatura popular. É provável que se sinta o mais insignificante de todos os seres humanos e, decerto, culpa-se por sua grande solidão. Ele deseja compartilhar os seus sentimentos com outras pessoas e abrir o coração para alguém cuja alma se identifique com a sua, para compreendê-lo, mas o clima espiritual à sua volta não o encoraja a fazer isso, de modo que permanece em silêncio e conta as suas aflições somente a Deus.

A segunda coisa é que o santo solitário não é um homem introvertido, que endurece a si mesmo contra o sofrimento humano e passa os dias contemplando o céu. O exato oposto é verdadeiro. Sua solidão o faz empático à abordagem de pessoas com o coração quebrantado, abatidas e feridas pelo pecado. Justamente por estar separado do mundo, ele é plenamente capacitado a ajudar. Meister Eckhart ensinou aos seus seguidores que se eles estivessem em oração e fossem arrebatados ao terceiro céu, por assim dizer, e se lembrassem de uma pobre viúva necessitada de alimento, deveriam interromper a oração imediatamente para cuidar daquela viúva. “Deus não permitirá que percam nada com isso”, disse-lhes. “Vocês poderão retomar a oração no ponto em que estavam, e o Senhor os recompensará.” Isso é típico dos grandes místicos e mestres da vida interior, desde Paulo até os nossos dias.

A fraqueza de muitos cristãos modernos é que eles se sentem confortavelmente à vontade no mundo. No esforço de alcançarem um “ajuste” tranquilo à sociedade não regenerada, eles têm perdido o caráter de peregrino, tornando-se parte essencial da própria ordem moral contra a qual foram enviados para protestar. O mundo reconhece-os e aceita-os pelo que eles são. Esta é a pior coisa que pode ser dita sobre eles. Não são solitários, mas também não são santos.

Este capítulo foi escrito para *Eternity Magazine*, sendo aqui usado mediante a gentil permissão dos editores.

Sua opinião é importante para nós. Por gentileza envie seus comentários pelo *e-mail* editorial@hagnos.com.br



Visite nosso *site*: www.hagnos.com.br